

CILENE CAMPETELA

## **ASPECTOS PROSÓDICOS DA LÍNGUA IKPENG**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística, do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Lingüística.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Lucy Seki

Co-orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari

Campinas

UNICAMP

2002

UNIDADE 80  
Nº CHAMADA UNICAMP  
C154a  
V EX  
TOMBO BCI 50426  
PROC 16-837/02  
C D1  
PREÇO R\$ 11,00  
DATA 20/08/02  
Nº CPD

CM00172188-5

DIB ID 252294

## FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

C154a      Campetela, Cilene  
Aspectos prosódicos da língua Ikpeng / Cilene Campetela. - -  
Campinas, SP: [s.n.], 2002.

Orientador: Lucy Seki  
Co-orientador: Luiz Carlos Cagliari  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de  
Estudos da Linguagem.

1. Língua indígena - Ikpeng - Karib. 2. Fonética. 3. Linguística -  
Prosódica. I. Seki, Lucy. II. Cagliari, Luiz Carlos. III. Universidade  
Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. IV. Título.



UNICAMP

COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO

Fls. 43  
Proc. 01P-5879/96  
Rub. *Euf*

AUTORIZAÇÃO PARA QUE A UNICAMP POSSA FORNECER, A P  
ÇO DE CUSTO, CÓPIAS DA TESE A INTERESSADOS

Nome do Aluno: *Cilene Campetela*

Registro Acadêmico: *945145*

Curso: *Linguística (Doutorado)*

Nome do Orientador: *Lucy Seki* \* *Lucy Carlos Cagliari*

Título da Dissertação ou Tese: *"Aspectos Prosódicos da Língua  
Ikpeng"*

Data proposta para a Defesa: *28/02/2002*

Endereço para Correspondência: *R. Prof. Escolástica de Toledo  
Pontes, 166 - Jundiá/SP - 13.209-200*

( O Aluno deverá assinar um dos 3 itens abaixo )

1) Autorizo a Universidade Estadual de Campinas, a par  
desta data, a fornecer a preço de custo, cópias de minha Diss  
ertação ou Tese a interessados.

*28 / 02 / 2002*

*Cilene Campetela*  
assinatura do aluno

.....  
2) Autorizo a Universidade Estadual de Campinas, a for  
cer, a partir de dois anos após esta data, a preço de custo, có  
pias de minha Dissertação ou Tese a interessados.

       /        /       

\_\_\_\_\_  
assinatura do aluno

.....  
3) Solicito que a Universidade Estadual de Campinas con  
te-me, dois anos após esta data, quanto à minha autorização para  
fornecimento de cópias de minha Dissertação ou Tese, a preço  
custo, a interessados.

## BANCA EXAMINADORA

---

Dra. Lucy Seki  
Orientadora (UNICAMP)

---

*Luiz Carlos Cagliari*  
Dr. Luiz Carlos Cagliari  
Co-orientador (UNICAMP)

Este exemplar e a redação final da tese  
defendida por Cilene Campitela

MEMBROS DA BANCA:

e aprovada pela Comissão Julgadora em  
12/06/2002.

---

Dra. Anna Christina Bentes (UNICAMP)

---

Dr. Rodolfo Ilari (UNICAMP)

---

Dr. Ludoviko Carnascialli dos Santos (UEL)

---

Dra. Marymárcia Guedes (UNESP – Araraquara)

SUPLENTES:

---

Dr. Angel Corbera Mori (UNICAMP)

---

Dr. Frantomé Bezerra Pacheco

Data da defesa: 28/02/2002

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE

5678820006

Dedico este trabalho:

Ao povo indígena Ikpeng que sempre participou do desenvolvimento desta pesquisa, com a mesma garra que os manteve mais de quinhentos anos lutando pela vida e pela preservação da sua cultura. Este povo, interessado no resultado deste trabalho, percebeu e discutiu todas as características da língua Ikpeng de que tratamos – ora lingüísticas, ora pedagógicas – e tudo o mais que isto implica.

Aos meus pais que sempre acreditaram, incentivaram e participaram desta pesquisa, até mesmo quando hospedaram com carinho, respeito e dedicação aqueles que se tornaram grandes amigos nossos, Napikĩ Beбето e Korotowĩ Taffarel; quando souberam fazer prevalecer a calma e serenidade, por entender as dificuldades de cada fase de pesquisa.

Ao Frantomé Bezerra Pacheco, por seu companheirismo durante nossas pesquisas em área indígena, pelas discussões sempre pacíficas, principalmente sobre fonologia e prosódia, e por sua constante ligação com o meu tema de pesquisa, reconhecendo a veracidade das minhas hipóteses, em suas próprias análises sobre a mesma Língua.

Meus sinceros agradecimentos

Ao povo indígena Ikpeng que, merece todo o meu respeito e consideração. Agradeço a hospitalidade, a preocupação, o nome que recebi, reconhecendo a nossa estreita ligação humana, os telefonemas, o respeito por todos os não-índios que freqüentam a Aldeia Moygu e o Posto Pavuru, a alegria, o entusiasmo e a rebeldia consciente e calculada, necessária a qualquer comunidade em situação semelhante.

A minha orientadora, Lucy Seki, por ter me convidado a fazer parte do Projeto Integrado *História e Conhecimento Lingüístico dos Povos Indígenas do Xingu* (CNPq), por ter me apresentado ao povo Ikpeng e por ter aceito e apoiado o desafio que implica o desenvolvimento desta tese sob o enfoque da prosódia.

Ao meu co-orientador, Luiz Carlos Cagliari, por ter proporcionado a minha formação em Fonética e Fonologia e, principalmente, em Prosódia; e por ter efetivamente orientado as considerações sobre os aspectos prosódicos da Língua Ikpeng, feitas nesta pesquisa.

Aos meus pais por todos os motivos que, reconheço e reafirmo sempre, me permitem estar na privilegiada posição de pesquisadora brasileira. Devo praticamente tudo a eles.

As minhas irmãs e cunhados, pelo companheirismo, pelos conselhos, por serem amigos eternos que sempre percebem minhas inquietações, propondo um carinho, uma solução, ou uma palavra amiga para chegar ao fim de qualquer empreitada, mas nunca sozinha.

Aos meus tios e primos por demonstrarem interesse pelos costumes e povos indígenas e pelos incansáveis bate-papos que deixavam transparecer a preocupação que sempre tiveram comigo e com o andamento do meu trabalho.

Aos professores Angel Corbera Mori, Bernadete Abaurre, Ester Miriam Scarpa, Tânia Alkmim, entre outros que me propuseram leituras que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao CNPq pela Bolsa de Doutorado concedida no período de março/1997 a fevereiro/2000.

Ao ISA – Instituto Socioambiental pelos auxílios-viagem concedidos para a realização do trabalho educacional e lingüístico, no âmbito dos *Cursos de Formação de Professores Indígenas do Parque Indígena do Xingu*.

Ao MEC, pelo apoio aos *Cursos de Formação de Professores Indígenas do Parque Indígena do Xingu*.

À FUNAI pela autorização e pelo apoio à pesquisa e, também, pelo apoio aos *Cursos de Formação de Professores Indígenas do Parque Indígena do Xingu*.

A todos os meus amigos que compõem o Projeto Integrado *História e Conhecimento Lingüístico dos Povos Indígenas do Xingu* (CNPq), coordenado por Lucy Seki, e que compartilham as pesquisas, os trabalhos de campo e os projetos de educação em línguas indígenas desde os meus primeiros caminhos pelo Xingu, em 1994. Do Alto ao Baixo

Xingu: Angel Mehinaku, Cris Aweti, Lucy Kamaiurá, Raquel Trumai, Fran Ikpeng, Patrícia Kaiabi, Ludoviko Suyá, Cristina Yudjá e Luciana Panará.

A mais outros amigos que realizam pesquisas sobre as línguas indígenas fora do Xingu: Amélia, Andrés, Flávia, Gláucia, Marci, Nekul, Rogério e Vitória e a todos os que formam, atualmente, o grupo da Linguística Antropológica – Línguas Indígenas do IEL/UNICAMP, comprovando que, se depender de nós, a canoa não vira.

Aos meus amigos pessoais, daqueles que se escolhe na vida para compartilhar tudo e que estão sempre por perto. A mais outros amigos que moram pelo Brasil afora, mas que estão sempre comigo.

A tudo, pelo que eu sei existir.



## ABREVIATURAS

A	Sujeito de verbos transitivos
ALAT.	Alativo
ASP.	Aspecto
AUX.	Auxiliar
CAUS.	Causativo
COL.	Coletivo
CONT.	Contínuo
DAT	Dativo
DES	Desiderativo
DIR.	Direcional
IM.	Passado Imediato
IMP.	Imperativo
INT.	Interrogativo
INV	Prefixo Invariante
LN	Locução Nominal
LN(A)	Locução Nominal em função de A
LN(O)	Locução Nominal em função de O
LOC.	Locativo
MD.	Marca Discursiva
NPASS.	Não Passado
O	Objeto de verbos transitivos
PART	Particípio
PI	Plural
POSP	Posposição
POSS	Marcas de Possuidor
PRO	Pronome Independente
REC.	Passado Recente
REFL.	Reflexivo
REM.	Passado Remoto
S	Sujeito de verbos intransitivos

Sa	Sujeito de verbos intransitivos ativos
So	Sujeito de verbos intransitivos estativos
VERB.	Verbalizador
1	Primeira pessoa do singular
2	Segunda pessoa do singular ou do plural
3	Terceira pessoa do singular ou do plural
1+2	Primeira pessoa dual (inclusivo)
1+2pl.	Primeira pessoa do plural inclusivo
1+3	Primeira pessoa do plural exclusivo

## SÍMBOLOS

[ ] Representação da Transcrição Fonética

/ / Representação da Transcrição Fonológica

{ } Representação do Morfema Básico

x□ Acento Primário

x□ Acento Secundário

~ Alternância fonológica

∞ Alternância morfológica

— Entre morfemas (separação)

Ambiente em que ocorre o Apagamento de uma Locução Nominal

● Acento de Intensidade

○ Altura dos acentos:

Níveis de altura (Pauta):

-----○-----	alto
-----○-----	meio alto
-----○-----	médio
-----○-----	meio baixo
-----○-----	baixo

## RESUMO

A pesquisa lingüística presente nesta tese investiga aspectos prosódicos da Língua Ikpeng, falada pelo povo de mesma denominação, habitante da região do Médio Xingu, no Parque Indígena do Xingu/MT. Em sete anos de pesquisa, observou-se que os aspectos fonéticos da prosódia determinam casos de alomorfia e irteferem no processo de formação das palavras lexicais, arroladas durante o processo de aquisição de escrita.

Com base no modelo descritivo proposto por Halliday (1970) e por Cruttenden (1986), desenvolveu-se um modelo prosódico descritivo para o Ikpeng, através do qual foram realizadas duas análises sobre a interface entre os aspectos prosódicos e alomórficos, bem como entre os aspectos prosódicos e os critérios de segmentação de escrita.

## ABSTRACT

As a result of a seven years research about linguistic aspects of the Ikpeng language (Karib), spoken by Ikpeng indigenous people at “Médio Xingu”, which is located in “Parque Indígena do Xingu” in the State of “Mato Grosso/ Brasil”, it was possible to notice that the prosodic aspects of this language are responsible for allomorphic cases as well as for causing difficulties in determining the lexical word.

Based on Halliday (1970) and Cruttenden (1970) descriptive models of prosodic analysis, a descriptive model for Ikpeng language was proposed. In order to evaluate this model some evidences, which show the prosodic structure interference in some aspects of allomorphy as well as segmentation processes influence in the continuous speech, were analysed.

## SUMÁRIO

### APRESENTAÇÃO

### RESUMO

#### I. INTRODUÇÃO, 21

##### I.1. Breve Histórico sobre o Povo Ikpeng, 21

##### I.1.1. Questões socioculturais e educacionais, 24

##### I.2. Educação no Parque Indígena do Xingu, 30

##### I.3. Sobre a atual situação das Línguas Indígenas Brasileiras, 35

##### I.4. A Língua Ikpeng e os estudos existentes, 38

##### I.5. Metodologia, 41

##### I.6. Prosódia, Sentido e Fenômenos Paralingüísticos, 42

##### I.7. Objetivo e Justificativa, 46

##### I.8. Aspecto Formal da Tese, 47

#### II. MODELOS DE DESCRIÇÃO PROSÓDICA, 49

##### II.1. Considerações sobre a Descrição Fonológica da Prosódia, 49

##### II.2. Resultados Obtidos através da Análise pela Teoria Métrica, 51

##### II.2.1. Hipóteses Formuladas através da Teoria Métrica, 52

##### II.2.2. Os Dados Utilizados, 52

##### II.2.3. A Descrição Métrica dos Dados, 53

##### II.2.4. A Análise dos Dados, 55

##### II.2.5. Alguns problemas para a Análise pela Teoria Métrica, 59

##### II.3. Modelos Fonéticos de Análise Prosódica, 62

##### II.3.1. O Modelo Descritivo de Halliday, 63

##### II.3.1.1. Pés Rítmicos, 64

##### II.3.1.2. Grupo Tonal e Proeminência Tônica, 65

##### II.3.1.3. Tom e Contorno Melódico: O Modelo Pictórico de Halliday, 68

##### II.3.2. Considerações sobre o Modelo Descritivo de Cruttenden, 71

- II.3.2.1. Acento de Altura, 72
- II.3.2.2. Acento de Duração, 73
- II.3.2.3. Acento de Intensidade, 74
- II.3.3. Considerações Finais, 75

### III. Apresentação dos Dados da Língua Ikpeng, 77

- III.1. Transcrição Fonética, 77
- III.2. Breves considerações sobre a estrutura morfológica da Língua Ikpeng, 78
- III.3. Considerações sobre a Transcrição Prosódica dos dados, 79
  - III.3.1. Transcrição do Ritmo e da Entonação, 79
  - III.3.2. Representação Pictórica do Acento, 80
- III.4. Transcrição dos Dados, 80

#### *Anat Miran,*

- Tradução da História do Milho (*Anat Miran*), 81
- Transcrição Fonética e Prosódica do Ritmo e do Acento na Narrativa *Anat Miran*, 84
- Transcrição Prosódica do Contorno Melódico na Narrativa *Anat Miran*, 100
- Dados Extraídos de Conversas Informais, 113
  - Primeiro Trecho, 113
    - Tradução, 113
    - Transcrição Fonética e Prosódica do Ritmo e do Acento no Primeiro Trecho, 114
    - Transcrição Prosódica do Contorno Melódico no Primeiro Trecho, 117
  - Segundo Trecho, 120
    - Tradução, 120
    - Transcrição Fonética e Prosódica do Ritmo e do Acento no Segundo Trecho, 121
    - Transcrição Prosódica do Contorno Melódico no Segundo Trecho, 127

### IV. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS PROSÓDICOS DA LÍNGUA IKPENG, 133

- IV.1. A Estrutura Rítmica, 133
  - IV.1.1. O Acento, 134
  - IV.1.2. Pés Rítmicos, 140
- IV.2. Estrutura Entonacional, 145

IV.3.1. Tom e Contorno Melódico, 145

IV.3.2. O Grupo Tonal, 151

V. ASPECTOS PROSÓDICOS EM UM CASO DE ALOMORFIA, 153

VI. CONTRIBUIÇÃO DOS ESTUDOS PROSÓDICOS PARA A FIXAÇÃO DA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA IKPENG, 165

VI.1. Uma questão de oralidade, 169

VI.2. Últimas Considerações, 176

VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS, 179

BIBLIOGRAFIA, 181

ANEXOS, 189

## I

## INTRODUÇÃO

## I.1. Breve Histórico sobre o Povo Ikpeng

Ikpeng é a autodenominação do povo comumente conhecido pelo apelido “Txikão”. Até 22 de outubro de 1964, os Ikpeng<sup>1</sup> permaneceram arredios e hostis. Segundo Galvão e Simões (1965)<sup>2</sup>, a presença dos Ikpeng se afirmava por repetidas correrias e hostilidades num território em que, a par da forte homogeneidade cultural, as relações intertribais eram pacíficas.

A tentativa de primeiro contato com os Ikpeng, então localizados à margem direita do rio Batovi, foi estabelecida por Claudio Vilas-Boas. No entanto, a aproximação e contato amistosos foram repelidos com hostilidade.

---

<sup>1</sup> A grafia dos nomes indígenas presentes nesta tese seguem a convenção estabelecida em 1953 pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA), utilizada por antropólogos, lingüistas e indigenistas. Os nomes são invariáveis, apresentando-se sempre no singular. Os acentos utilizados não seguem as regras de acentuação da Língua Portuguesa.

<sup>2</sup> Eduardo Galvão e Mário Simões (1965) elaboraram o primeiro artigo, intitulado *Notícias sobre os Índios Txikão - alto Xingu*, que narra os episódios das tentativas de contato com os Ikpeng e o contato propriamente dito com a ajuda dos índios Kaiabi.



Em 1964, os Vilas-Boas estabeleceram o primeiro contato. Naquela época, o povo Ikpeng era constituído de quarenta pessoas: oito mulheres e trinta e dois homens (Galvão e Simões, 1965). Antes do contato, a aldeia localizava-se fora dos limites do Parque Indígena do Xingu e, em 1965, o povo foi transferido para dentro destes limites, mais especificamente para as proximidades do Posto Indígena (PI) Leonardo Vilas-Boas. A influência da cultura alto-xinguana na cultura Ikpeng foi bastante significativa. No entanto, mantiveram, em essência, sua própria cultura e seus costumes (c.f. Menget, 1977)<sup>3</sup>.

Com o crescimento do grupo, os Ikpeng se deslocaram para o Médio Xingu. Atualmente, a aldeia está localizada à margem esquerda do rio Xingu, próximo ao PI Pavuru. A população da aldeia soma cerca de 252 pessoas, segundo o censo de 1998, realizado por Korotowĩ Ikpeng, solicitado pela Escola Paulista de Medicina, tendo em vista o atendimento médico de acordo com o crescimento populacional dentro da comunidade.

Geralmente, tanto homens quanto mulheres Ikpeng trazem os parceiros de matrimônio para sua própria aldeia, porém os filhos destes matrimônios não são considerados Ikpeng legítimos. É interessante observar que, mesmo a par das guerras de outrora, a rivalidade entre os povos não se manteve, foi amenizada. Hoje, eles mostram uma convivência pacífica até mesmo quando habitam uma mesma aldeia. São raros os casos em que índios Ikpeng se deslocam para aldeias de outros povos.

---

<sup>3</sup> Patrick Menget (1977), em tese de doutorado intitulada *Au Nom des Autres: Classification des relations sociales chez les Txikão du Haut-Xingu (Brésil)* analisou as relações de tratamento entre os membros da comunidade, com relação aos seus papéis sociais.

Parte do povo Ikpeng planejava se deslocar para as margens do rio Ronuro, onde construíram uma aldeia para posteriormente, com a autorização da FUNAI, instalarem um Posto Indígena de Vigilância (PIV), com o objetivo de impedir a entrada de pescadores e madeireiros na região do Parque Indígena do Xingu (PIX).

Em 1993, os Ikpeng visitaram o local. Como narra a história de Napikí Taligu Ikpeng, naquela ocasião foram feitas duas roças de mandioca e uma casa, porém o território foi novamente abandonado, pois houve falta de interesse por parte das autoridades competentes em instalar um PIV naquela área limítrofe entre o PIX e a cidade.

Segundo os próprios Ikpeng, o rio Ronuro, justamente por não ser vigiado, é um dos rios de mais fácil acesso clandestino ao PIX. Em dezembro de 1996, uma das famílias se mudou definitivamente para esta região, nos limites entre o PIX e uma fazenda.

Atualmente, este é um assunto que estabelece uma certa divergência entre os membros da comunidade Ikpeng devido aos interesses pessoais de cada subgrupo. Por um lado, existe um grupo de famílias chefiadas por indígenas, que são funcionários da FUNAI, assalariados, e que não pretendem abandonar a região atual pois perderiam seus empregos no PI Pavuru.

Por outro lado, existe um grupo que pretende instalar um novo PI na região do Jatobá, porém este PI seria muito próximo do PIV Batovi, o que representa resistência por parte das autoridades que consideram desnecessário um PI naquela região.

Em 1999, durante o trabalho de campo, foi realizada uma reunião interna da comunidade Ikpeng, cuja pauta consistia na discussão sobre o deslocamento do povo para as margens do rio Jatobá e do rio Batovi, região do antigo território Ikpeng. As tentativas de

---

retomar o antigo território já têm 9 anos, mas os problemas para ocupá-lo sempre superam as tentativas.

Na reunião, ficou claro que a ocupação do antigo território Jatobá seria impossível por ser parte da Fazenda João Santilli. Além disso, a região está fora do PIX e a retomada dela envolveria demarcação das terras indígenas do PIX. Atualmente existem muitas fazendas, serrarias e madeireiras naquele território dos antigos Ikpeng, fato que dificultaria a prática da caça e da pesca.

A retomada do território Batovi seria mais simples, tendo em vista que o território que compreende o encontro das águas do Batovi e do Bakairi está dentro dos limites do PIX e possui muitos córregos que propiciam a caça e a pesca. No entanto, o território é próximo ao território dos Waurá e parte do povo Ikpeng teme ser necessário retomar antigas disputas com aquele povo por recursos naturais.

A comunidade Ikpeng reconhece as dificuldades existentes, mas pretende continuar analisando as possibilidades de se mudar do Médio Xingu.

É interessante observar que a inquietude do povo Ikpeng, natural de povos nômades, persiste até hoje. Apesar de estarem instalados na região do Médio Xingu, a aldeia já foi deslocada três vezes, num período de 30 anos. A nova aldeia se erguia a um quilômetro, aproximadamente, do local da antiga aldeia, com a intenção de não se distanciar do PI Pavuru.

#### I.1.1. Questões socioculturais e educacionais

O fato de serem nômades e de sempre terem vivido juntos, em um único grupo, parece persistir na comunidade Ikpeng. Por outro lado, a influência da cultura envolvente, como o

sedentarismo dos povos alto-xinguanos e a atividade econômica da população não-indígena do entorno, oferecem resistência à retomada do antigo processo de deslocamento.

Um outro fator sociocultural observado foi que, quando se trata de assuntos que envolvam toda a comunidade, cada indivíduo dela pode manifestar sua opinião e o cacique não é responsável pela decisão tomada. Discutem-se as decisões abertamente, em mesmo nível de igualdade, pois todos os argumentos são considerados, quando se trata da decisão do futuro do grupo. Talvez, por ser assim, a situação gera conflito interno e polêmicas que dividem a aldeia em distintas duas facções: a dos tradicionalistas, representada pelo Cacique Melobo; e a dos revolucionários, representada por Ataki Ikpeng, representante do Cacique, o qual não deve ficar por muito tempo fora da aldeia, conforme o costume.

A existência de duas facções é algo que pode ser considerado benigno, no caso dos Ikpeng, porque mantém ativa a preservação da cultura e dos costumes, inclusive o uso da língua Ikpeng, ao mesmo tempo que permite que se conheça o ambiente envolvente e se discuta a validade de todas as “aquisições” socioculturais deste ambiente.

Atualmente, a introdução da Escola (Diferenciada) vem sendo posta na berlinda. Na verdade, a comunidade não discute o papel da Escola, se é uma aquisição boa ou não, mesmo porque ela está instalada no PI Pavuru, mantendo-se externa à estrutura da aldeia, e os alunos aprendem a utilizar a língua de contato (Língua Portuguesa), fato considerado de extrema importância por todos os povos xinguanos.

O problema que gera discussão é o contrato dos professores Ikpeng. Com este contrato, os professores passaram a ser responsáveis (o que, em Ikpeng, pode ser interpretado como “ser dono de”) pelos materiais escolares, pela alimentação distribuída pelo Estado (merenda), pelo

combustível que chega à aldeia para que os professores possam ir à cidade receber essa demanda, além do próprio salário.

Toda esta aquisição vem sendo compreendida pela comunidade Ikpeng como “pagamento do professor”, o que surte efeitos negativos por afetar a hierarquia dos papéis sociais dos Ikpeng que se dá pelo poder adquirido através das conquistas pessoais.

Por isso, discute-se, na comunidade, a socialização do pagamento dos professores, tendo em vista que eles são muito jovens para ter poder aquisitivo de chefe de família, cargo este destinado aos Ikpeng mais antigos.

Porém, existe algum receio com relação a esta decisão porque, se os “bens escolares” forem socializados, a escola perderá a estrutura e, conseqüentemente, a demanda será interrompida.

Enquanto esta situação não se resolve, a disputa pelo poder reflete no ensino da língua indígena. No que diz respeito à Língua Portuguesa, existe um empenho muito grande por parte dos estudantes Ikpeng em se comunicar com o não-índio de forma que seja compreendido nos seus objetivos. Alguns pretendem elaborar seus próprios projetos para a comunidade e, portanto, querem entender mais sobre os aspectos socioculturais do entorno do PIX, buscando adequar os interesses externos às necessidades internas.

Ao mesmo tempo, a comunidade se dedica a preservar a Língua Ikpeng. Neste âmbito, os antigos se consideram mais aptos a ensinar e, inclusive, não fazem questão de aprender a Língua Portuguesa. Porém, além do sistema de qualquer Língua passar por constantes mudanças lingüísticas e de ser impossível contê-las no tempo, os Ikpeng passaram por um brusco processo de contato com o Português e estas mudanças, nos últimos 40 anos, aceleraram-se. Os antigos resistem às mudanças naturais, acusando os jovens de estarem

mudando a Língua, consideram-se mais aptos a ensinar, quando se tratou de estabelecer a grafia da língua, gerou muito conflito e polêmicas, como foi possível atestar num dos momentos de pesquisa lingüística e coleta de dados.

Em outubro de 1995, quando Napikĩ Taligu Ikpeng atuou como revisor do material didático produzido durante o *II Curso de Formação de Professores Indígenas do Parque Indígena do Xingu*, ocorreu algo interessante que diz respeito a esta fase polêmica de uso e aperfeiçoamento da grafia do Ikpeng. Napikĩ é monitor de saúde e tem interesse em aprender a escrita da sua própria língua. Este interesse estimulou-o a produzir outros textos, além daqueles que ele revisara.

Alguns de seus textos foram levados à comunidade, num outro momento de pesquisa e coleta de dados, realizadas entre maio e junho/1996, na aldeia Ikpeng, a fim de avaliar a possibilidade de acrescentá-los ao material didático. Neste contato, foi possível conhecer a comunidade Ikpeng e obter maiores informações sobre a língua e a cultura.

Soube-se que durante o primeiro trabalho de coleta de dados, realizado em Campinas, em setembro de 1994, os informantes passaram por um tipo de “curso de Ikpeng” com os antigos, antes de viajarem. Existe uma preocupação por parte deles em ensinar “direito”, porque pretendem registrar a variante que, na opinião dos antigos, é a língua verdadeira.

Esta atitude mostra que, de fato, mudanças bruscas ocorreram na Língua Ikpeng nos últimos anos. Por outro lado, pesquisar com os antigos a melhor forma de dizer coisas em Ikpeng torna evidente a determinação do povo em preservar uma variante pouco usual, atualmente, desta língua. No entanto, o objetivo dos antigos é fazer-se buscar o que seria mais antigo e, conseqüentemente, mais representativo do Ikpeng, mais autêntico do ponto de vista deles, para servir como parâmetro para a elaboração da escrita Ikpeng.

Ao analisarem os textos produzidos por Napikĩ, levantaram-se questões referentes à relação grafia/pronúncia e à ordem dos constituintes da oração, tendo em vista que a ordem básica da língua é VAO. A ordem AVO é considerada pelos falantes mais antigos como resultado de influência do Português.

Como é de costume na comunidade, Napikĩ foi questionado pelos antigos a respeito dos “erros”, ao que ele respondeu firmemente: “Eu não falo Ikpeng, falo Txikão!”. O fato de Napikĩ ter se referido à língua com o termo *Txikão*, que eles consideram pejorativo pois se trata de um “apelido”, subentende-se a existência de pelo menos duas variantes dialetais, cujo uso, supostamente, se distinga pela faixa etária dos Ikpeng.

Apesar de tudo, nestes momentos o que prevalece é o respeito do grupo dos jovens pelo grupo dos antigos. Por outro lado, a atitude intransigente dos antigos tem um aspecto negativo. Os jovens tendem a praticar mais o Português do que a língua Ikpeng, um dos motivos por sentirem-se um tanto intimidados pelos antigos que desde o processo de alfabetização passaram a exigir aquela que eles consideram a pronúncia “correta” da língua.

Há a hipótese de que o bilingüismo seja um fator determinante na distinção das duas variantes porque os jovens são bilingües, em sua totalidade, e os mais idosos, tanto homens quanto mulheres, apesar do contato com a Língua Portuguesa, têm um grau muito menor de bilingüismo. Existe, por parte destes últimos, uma percepção da influência do Português que se manifesta, por exemplo, através da ordem de constituintes, o que é tido como uma ameaça à preservação da língua.

A diferença de pronúncia existente entre essas duas variantes consiste no fato de que os antigos possuem uma pronúncia mais “frouxa” que os jovens. Comparando-se o fone [b] do Ikpeng com o do Português, é possível perceber que, articulatoriamente, a tensão (sonoridade)

ocorre num grau muito menor em Ikpeng<sup>4</sup>, fato que denotaria a influência do Português na variação dos jovens.

Porém, os Ikpeng têm em mente que o principal objetivo, no momento em que a escrita está sendo introduzida na comunidade, é fazer com que sejam preservados os traços da língua falada pelos antigos, como a “leveza” da pronúncia e a ocorrência de alguns segmentos, que vêm sendo abolidos pelos jovens, como o [ɲ], por exemplo ([ɲ] → Ø / C\_\_V).

Obviamente, estas observações dos mais antigos parecem muito relevantes e de extrema importância, mas para os jovens Ikpeng são percebidas como uma forma de subjugarlos, de diminuí-los perante toda a comunidade. Quando são solicitados para alguma pesquisa, alguns jovens procuram os antigos para aprender a falar “corretamente”, outros se sentem inaptos e se recusam a fornecer dados, alegando que falam Txikão, e não Ikpeng.

Este motivo provocou uma reação por parte dos antigos. Em 2000, os informantes anteriormente designados pela comunidade, que são os atuais professores dela: Korotowĩ, Maiuá e Yokoré; foram substituídos por um informante mais antigo, Awato, um dos chefes de família. Inicialmente, a preocupação dele era ensinar a falar a Língua Ikpeng e não fornecer dados que, do ponto de vista do pesquisador, eram relevantes à pesquisa.

Durante o trabalho de campo, as sessões de coleta de dados foram estipuladas conforme as possibilidades do informante, de forma que não prejudicassem os seus demais afazeres, enquanto chefe de família. Além disso, num determinado período, ao anoitecer, nos reuníamos na casa do Cacique, ocasião em que eram discutidos assuntos relevantes à pesquisa ou em que os Ikpeng ensinavam termos e expressões da língua, bem como aspectos da sua

---

<sup>4</sup> C.f. Emmerich (1971: 36)



cultura e os costumes do grupo. Estas conversas contribuíram para a familiarização com o ambiente social do povo Ikpeng.

## I.2. Educação no Parque Indígena do Xingu

Ao contrário do que acontece com muitas comunidades indígenas do Brasil, a educação no PIX não surgiu com a opressão missionária. Em 1987, Megaron Txukarramãe (Kayapó), então diretor do Parque Indígena do Xingu, solicitou através de carta à Lucy Seki, pesquisadora de línguas indígenas e professora da Unicamp, que elaborasse um projeto de levantamento lingüístico para o PIX, a fim de registrar a cultura e a identidade dos povos xinguanos e, também, visando criar subsídios para o início de um processo de educação bilíngüe, de forma que os representantes indígenas destas comunidades pudessem registrar seus mitos, festas, suas vivências e compor a História Xinguana.

No início, conforme solicitação de Megaron, excetuaram-se do projeto todos os povos do PIX que fossem falantes de Línguas Karib. Algum tempo depois, uma nova carta de Megaron à Lucy Seki pedia para incluir a Língua Ikpeng, no Projeto, deixando excluídas apenas as línguas consideradas Karib Alto-xinguanas (Kalapalo, Kuikuro, Matipu, Nahukwá) que lá habitam.

De modo geral, as línguas do Xingu eram pouco estudadas, a maioria possuía listas de itens lexicais que corroboravam as classificações das línguas indígenas faladas no Brasil. Algumas poucas possuíam algum estudo lingüístico de nível fonêmico, como é o caso das Línguas Ikpeng, Kaiabi e, de nível morfossintático, as Línguas Kamaiurá e Kuikuro.

Do pedido do diretor do PIX e do interesse pela pesquisa das Línguas Indígenas, surgiu em 1988 o projeto elaborado por Lucy Seki, intitulado *Documentação e Descrição das Línguas Indígenas do Parque Xingu* (UNICAMP/CNPq/FAPESP).

Com a escassez de pesquisadores, foi preciso estabelecer prioridades de estudo das línguas xinguanas menos contempladas. Sendo assim, foi montada uma equipe de pós-graduandos para desenvolver pesquisas sobre as línguas: Panará – Dourado (1990) *Estudo preliminar da fonêmica Panará* – Dissertação de Mestrado (UnB); Juruna – Fargetti (1992) *Análise Fonológica da língua Juruna* – Dissertação de Mestrado (UNICAMP); Trumai – Guirardello (1992) *Aspectos da morfossintaxe da língua Trumai (Isolada) e de seu sistema de marcação de caso* – Dissertação de Mestrado (UNICAMP); Yawalapití – Mujica (1992) *Aspectos Fonológicos e gramaticais da língua Yawalapití (Aruak)* – Dissertação de Mestrado (UNICAMP); Suyá – Guedes (1993) *Súwǝj. a Me. kape. re. ra. Suyá: a língua da gente, um estudo fonológico e gramatical* – Tese de Doutorado (UNICAMP).

Em 1991, com a reformulação do Projeto, Lucy Seki transformou-o no Projeto Integrado, intitulado *História e Conhecimento Lingüístico dos Povos Indígenas do Xingu*, que abrangia áreas da sociolingüística, além das áreas de documentação e descrição das Línguas Xinguanas. Entre outras atividades, houve a publicação do livro organizado por Seki (1993), intitulado *Lingüística Indígena e Educação na América Latina*.

Todo este processo de pesquisa foi fundamental para que os Cursos de Educação se efetivassem no PIX. Em 1992, o MARI, com financiamento da Noruega, deu início aos trâmites para a implementação de um modelo de Projeto de Educação do qual participariam apenas antropólogos. No entanto, o indigenista Olímpio Serra e o diretor do PIX, Megaron Txukarramãe, insistiram na presença de lingüistas no projeto, receando que, com a

implementação da educação por antropólogos, as línguas indígenas fossem deixadas de lado. Nesta época, Lucy Seki foi convidada a participar das reuniões do Projeto de Educação do MARI como representante lingüista.

O Primeiro Curso de Educação Indígena aconteceu em fevereiro de 1994, coordenado pela Fundação Mata Virgem, realizando-se igualmente para dois grupos: grupo dos povos do Alto Xingu e grupo dos povos do Baixo Xingu.

Lucy Seki deu início à criação da grafia das Línguas Indígenas, no Alto Xingu, juntamente com representantes dos povos Ikpeng, Trumai, Kamaiurá, Aweti, Mehinaku e Waurá.

No Baixo Xingu, o mesmo processo se deu com os representantes dos povos Kaiabi, Kayapó e Juruna. Luciana Dourado (UnB) trabalhou junto aos Panará e Ludoviko Carnascialli dos Santos (UEL) trabalhou junto aos Suyá.

Os estudos lingüísticos realizados até então pelos projetos lingüísticos foram fundamentais no processo de criação das grafias dessas Línguas. O trabalho de criação da grafia seguiu uma proposta metodológica, baseada no ensinamento lingüístico para os falantes indígenas que participavam efetivamente do processo. Com um conhecimento lingüístico básico, os falantes obtiveram excelentes resultados na formulação da grafia de suas línguas, durante o primeiro Curso de Educação Indígena do Xingu.

Em outubro de 1994, a equipe pode ser ampliada e outros lingüistas, participantes do Projeto Integrado, deram início a pesquisas sobre várias línguas indígenas xinguanas. Todos foram convidados por Lucy Seki a participar do Projeto de Educação que passou a ser coordenado pela AVA – Associação Vida e Ambiente. Durante este segundo curso, os

participantes indígenas já se sentiam seguros para tratar dos assuntos sobre a grafia de suas línguas.

No caso do Ikpeng, depois da revisão feita por Seki e Gildea (1994), acompanhada por Cilene Campetela e Frantomé B. Pacheco, concluiu-se que seriam necessárias algumas adaptações básicas: não havia a necessidade de grafar [p] e [b] com grafemas distintos “p” e “b”, como proposto no primeiro curso, tendo em vista que [p] e [b] são alofones de um mesmo fonema /p/. O fone [tɕ] que era grafado com “ts” passou a ser grafado com “tx”.

Em 1995, obviamente os problemas de ortografia começaram a superar os problemas de grafia e, então, os cursos passaram a enfatizar as diferenças entre o registro oral e o registro escrito da Língua. Nesta época, elaborou-se o projeto de doutorado sobre *Problemas de Segmentação da Escrita Ikpeng* (Campetela, 1995) que resultou na presente Tese.

Em 1996, os Ikpeng passaram a gravar suas histórias e a transcrevê-las graficamente, a pedido de Patrick Menget, antropólogo francês que trabalha com esta comunidade indígena desde 1968.

No final deste mesmo ano, em 1996, o Projeto de Educação passou a ser administrado pelo Instituto Socioambiental (ISA), denominando-se *Curso de Formação de Professores Indígenas do Parque Indígena do Xingu*. Foi neste momento que as comunidades indígenas do Xingu obtiveram a formalização das Escolas. Os então alunos do Curso de Educação passaram a ser contratados como professores indígenas pela Secretaria de Educação do Estado do Mato Grosso.

Estes professores recebem material didático (inclusive material de alfabetização em Língua Portuguesa de toda natureza e linha pedagógica, o que dificulta o reconhecimento de

uma suposta linha metodológica adotada pelo Projeto Educativo), merenda, pagamentos e algum tipo de assessoria que se pretendia semestral, em suas aldeias.

Em 1998, o currículo do curso foi ampliado e teve início o processo de publicação de materiais didáticos em Língua Indígena, produzidos pelos próprios participantes dos cursos, sob assessoria lingüística.

Com a elaboração do primeiro livro que pretendeu ser um livro de alfabetização, intitulado *Ikpeng Nenpatu*, produzido pelos Ikpeng, sob a assessoria lingüística de Frantomé B. Pacheco e Cilene Campetela, surgiram vários problemas de ortografia, como a questão da segmentação das palavras (cf. VII.3.) e problemas de representação escrita de alomorfes (cf. VII.2). Estas questões, como será possível observar adiante, despertaram o interesse pelo estudo prosódico da língua Ikpeng, cujos resultados se apresentam nesta Tese de Doutorado.

Os Ikpeng alcançaram o objetivo inicial, aquele proposto por Megaron Txukarramãe, quando ainda se cogitava a idéia de um projeto de educação, de escrever duas histórias<sup>5</sup> Ikpeng, a serem publicadas (no prelo) pelo MEC: *Anat Miran* (História do Surgimento do Milho) e *Onon Miran* (História do Fogo). Uma pequena parte, cerca de cinco minutos, do início da história *Anat Miran*, gravada por Oporike, a pedido de Frantomé B. Pacheco foi transcrita foneticamente e prosodicamente nesta Tese (cf. capítulo V).

Atualmente, a quantidade de cursos de Línguas Indígenas (uma das disciplinas do currículo) foi reduzida e os lingüistas são convidados, uma vez por ano, a ministrá-los na própria aldeia de cada etnia, tendo em vista a resolução de problemas da escrita, juntamente com os falantes mais antigos.

### I.3. Sobre a atual situação das Línguas Indígenas Brasileiras

Em 2000, Seki publicou um artigo, intitulado *Línguas Indígenas do Brasil no Limiar do Século XXI*, em que apresenta “um breve panorama das línguas atualmente faladas no Brasil por povos indígenas que conseguiram sobreviver aos 500 anos de contato destrutivo com os não índios.

“(...) Entretanto, aos 500 anos de penoso contato, violências e discriminações, sobreviveram mais de duzentos povos indígenas, com suas crenças, costumes, organização social e visão de mundo próprios, falantes de cerca de 180 distintas línguas.” (p. 157-8).

Segundo Rodrigues (1993), desde a chegada dos europeus, perderam-se mais de mil línguas indígenas faladas no território brasileiro.

Conforme afirma Seki (2000), o estudo das línguas indígenas brasileiras foi retardado por vários fatores como o tardio processo de implementação da lingüística no Brasil, a partir dos anos 60, e também a vinda do Summer Institute of Linguistics (SIL), uma instituição missionária que faz uso do trabalho lingüístico para encobrir seus reais objetivos de catequizar os índios.

Somente a partir da década de 80 a lingüística indígena pode contar com um grande crescimento devido, sobretudo, ao aumento de lingüistas brasileiros interessados em pesquisas sobre as línguas indígenas brasileiras.

As 180 línguas indígenas brasileiras ainda existentes representam uma grande diversidade lingüística. Com base em materiais, ainda que deficitários, Seki (2000) organizou

---

<sup>5</sup> Optou-se por “história”, tendo em vista ser um termo mais genérico do que “mito”, “conto”, “lenda”. Na verdade, um mito Ikpeng completo é muito mais longo do que este narrado resumidamente para publicação.

uma tabela de classificação genética dessas línguas, com base em Rodrigues (1986) e em Erikson (1994), agrupando-as em famílias e troncos lingüísticos.

### LÍNGUAS INDÍGENAS DO BRASIL (SEKI, 2000)

1. AGRUPAMENTOS MAIORES		
TRONCO	FAMÍLIA	LÍNGUA
Tupi	Tupi	Akwáwa; <i>Asuriní do Tocantins (asuriní do trocará, akwáwa)<sup>a</sup></i> ; <i>Suruí do Tocantins (mudjetire)</i> ; <i>Parakanã</i> ; Amanyé; Anambé; Apiaká; Araweté; Asuriní do Xingu (asuriní do coatiema, awaeté); Avá (canoeiro); Guajá; Guarani; <i>Kaiwá(kayová)</i> ; <i>Mbiá (mbüá, guarani)</i> ; <i>Nhandéva (txiripá, guarani)</i> ; Kamayurá; Kayabí; Kokáma; L. geral amazônica (nheengatu, tupi moderno); Omágua (kambéba); Parintintin; <i>Diahói</i> ; <i>Júma</i> ; <i>Parintintín kaguahív</i> ; <i>Tenharin</i> ; Tapirapé; Tenetehára; Guajajára; Tembê; Urueuauwáu; Urubú (urubú-kaapór); Wayampí (oyampí); Xetá
	Arikém	Karitiána
	Juruna	Juruna (yurúna) [yudjá – LS] <sup>b</sup> ; Xipáya
	Mondé	Aruá; Cinta-Larga; Gavião (ikôrô, digüt); Mekém; Mondé (sanamakā, salamāi); Suruí (paiter); Zoró
	Mundurukú	Kuruáya; Mundurukú
	Ramaráma	Arara (urukú, karo); Itogapúk (ntogapíd)
	Tuparí	Makuráp; Tuparí; Wayoró
Outras línguas		Aweti; Puruborá; Mawé (Sateré)
<sup>a</sup> Os nomes em itálico referem-se a dialetos.		
<sup>b</sup> Os termos incluídos entre chaves e seguidos de LS foram acrescentados por Lucy Seki.		
Macro-Jê	Jê	Akwén (akwë) <i>Xakriabá (xikriabá)</i> ; <i>Xavante (a' wë)</i> ; <i>Xerente (akwë)</i> ; Apinayé; Kaingang (coroadó); Kayapó; <i>Gorotire</i> ; <i>Kararaó</i> ; <i>Kokraimôro</i> ; <i>kubenkrangnotí</i> ; <i>kubenkrankêgn</i> ; <i>Mekrangnotí</i> ; <i>Tapayúna</i> ; <i>Txukahamãe (mentuktíre)</i> ; <i>Xikrin (xikri)</i> ; kren-akarore [Panará – LS]; Suyá; Timbíra, <i>Canela Apãniekrá</i> ; <i>Canela Ramkókamekrá</i> ; <i>Gavião do Pará (Parakáteye)</i> ; <i>Gavião do Maranhão (pukobyé)</i> ; <i>Krahô</i> ; <i>Krëyé (krenyé)</i> ; <i>Krikatí (krinkatí)</i> ; <i>Xoklêng (aweikoma)</i>
	Bororo	Boróro (boóro oriental, orarí); Umutína (Barbados)
	Botocudo	krenak – Nakrehé
	Karajá	Javaé; Karajá; Xambioá
	Maxakalí	Maxakalí; Pataxó; Pataxó hãhãhãe
(Outras Línguas)		Guató; Ofayé (ofayé-xavante); Rikbaktsá (eribaktsá, arikpaktsá); Yatê (fulniô, karnijó)
	<b>Karib</b>	Apalaí (aparaí); Atroarí; Galibí do Oiapoque; Hixkaryána; Ingarikó (Kaping, akawáio); Kaxuyána; Makuxi; Mayongóng (makiritáre, yekuána); Taulipáng (taurepã, pemóng); Tiriya (tirió); Waimirí; Waiwái; Warikyána; Wayána (urukuyána); Arára do Pará; Bakairí; Kalapálo; Kuikúro; Matipú; Nahukwá (nafukwá); <b>Txikão [Ikpeng – LS]</b>
	Aruak	Apurinã (ipurinã); Baníwa do içana; Baré; Kámpa; Mandawáka; Mehináku; Palikúr; Paresí(halití); Píro; <i>Manitenéri</i> ; <i>Maxinéri</i> ; Salumã (Enawenê-nawê); Tariána (Taliáséri); <i>Yuruparí tapúya Íyemi</i> ; Teréna (Teréno); Wapixána; Warekéna (Werekéna); Waurá; Yabaána; Yawalapití

2. FAMÍLIAS MENORES	
FAMÍLIA	LÍNGUAS
Arawá	Banawá-jafí; Dení; Jarawára; Kanamantí; Kulína; Paumarí; Yamamadí (jamamadí)
Guaikurú	Kadiwéu
Katukína	Kanamari; katawixí (?); Katukína do Biá / Jutaf; Txunhuã-kjapá
Makú	Bará (Makú-Bará); Guaríba (Waríwa-tapúya); Húpda; Kamā; Nadêb (Nadêb); Yahúp
Mura	Mura; Pirahã
Nambikwára	Nambikwára do Norte; <i>Lakondê; Latundê; Mamaindê; Nagarotú; Tawandê (tagnáni);</i> Nambikwára do Sul; <i>Galera; Kabixí; Mundúka; Nambikwára do Campo; Sabanê</i>
Pano	Amawáka; Karipúna; Katukína do Acre (wanináwa); Kaxararí; Kaxináwa (kaxinawá); Marúbo; Matis; Mayorúna; Nukuíni; Poianáwa; Xanenáwa; Xawadáwa; Yamináwa; Yawanáwa
Tucano	Barasána (barasáno, bará); Desána (desáno, winá); Jurití (yurití-tapúya, wahyára); Karapanã (karapanã-tapúya, mehtã); Kubéwa (kubéu, kubewána, parmiwa); Pirá-tapýa (waikana); Suriána (surirá); Tucano (tukána, dahseyé); Arapáso, koneá; (Mirití, mirití-tapúya, neenoá); (Tariána); Tuyúka (dohká-poára); Wanána (wanáno, kótiria); Yebá-masã (yepá-mahsã, yepá-matsó)
Txapakúra	Pakaanóva (orowari); Torá; Urupá
Yanomámi	Nimám (yanám); Sanumá; Yanomám (Yainomá); Yanomámi
3. LÍNGUAS ISOLADAS	
Aikaná (aikanã, huarí, maská, tubarão, kasupá, mundé, corumbiára)	
Arikapú	
Awaké	
Irántxe (iranxé)	
Jabutí (djeoromitxi)	
Kanoê (kapixaná)	
Koiá (arara)	
Máku	
Mynky (müñkü)	
Trumái	
Tukúna (tikúna)	

Segundo Seki (2000), em 1998, cerca de 80 dessas línguas indígena brasileiras foram “objeto de algum tipo de investigação por não-missionários, a julgar pelas dissertações e teses, bem como por outras publicações. Por parte do SIL, as informações são de que 30 línguas estão sendo atualmente investigadas por membros da instituição, arrolando-se outras oito cujos projetos são considerados concluídos. Contudo esses números devem ser considerados com cuidado, já que, de um lado, muitas línguas estudadas por brasileiros o são também por missionários e, de outro, há muitas línguas com apenas um pequeno estudo. De qualquer forma, a conclusão que se chega é de que há ainda um grande número de línguas que não foram contempladas nem mesmo com um pequeno estudo.” (p. 287)



#### I.4. A Língua Ikpeng e os estudos existentes

Como é possível observar na tabela anterior, a língua Ikpeng é uma das vinte e uma línguas da família Karib faladas no Brasil, Conforme constatou Rodrigues (1986), a maior parte delas situa-se ao norte do rio Amazonas, da Costa Atlântica até oeste de Roraima, no Amapá, no norte do Pará e no estado do Amazonas.

Há línguas Karib também ao sul do rio Amazonas. Estas se subdividem em três grupos: no Pará, estão os Arara; na região do PIX, encontram-se os Kuikuro, Kalapalo, Matipu, Nahukwá, no Alto Xingu, e os Ikpeng, no Médio Xingu; também no Mato Grosso, ao sudoeste do PIX, localizam-se os Bakairi.

Como mencionado, os Ikpeng se localizavam a sudoeste do Alto Xingu e recentemente se transferiram para dentro dos limites do PIX, onde estão também os povos Kalapalo, Kuikuro, Matipu e Nahukwa falantes de línguas Karib.

Os estudos existentes sobre as línguas Karib são escassos. Uma comparação com base em itens lexicais, feita por Aryon Rodrigues mostra que o Ikpeng possui maior afinidade lingüística com o Arara do Pará.

O agrupamento das línguas da família Karib ainda hoje é duvidoso, como é possível observar nas propostas de classificação (em anexo). Verifica-se, na tabela de Girard, publicada em 1972, oito anos após o primeiro contato com os Ikpeng, que nada consta sobre a existência desta língua.

A tabela de Durbin (1985) considera que a língua Ikpeng (Txikão) é uma das línguas Karib faladas ao Norte do Rio Amazonas. Esta classificação contraria aquela proposta por Kaufman (1989), em que se considera, além da divisão entre línguas Karib do Norte e línguas

Karib do Sul do Rio Amazonas, uma subdivisão entre as línguas Karib do Sul, que é: grupo Arara, em que se encontra a língua Txikão; e grupo Bakairi, em que estão o Kuikuro, o Kalapalo e o Matipu.

No primeiro Projeto de Pesquisa, *Documentação e Descrição das Línguas Indígenas do Xingu* (CNPq/1989, Lucy Seki), inventariaram-se os materiais lingüísticos existentes sobre as línguas xinguanas abrangidas por ele. Os estudos que existiam sobre a Língua Ikpeng foram produzidos por Charlotte Emmerich, do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Emmerich (1972), em dissertação de mestrado, intitulada *A Fonologia Segmental da Língua Txikão: Um Exercício de Análise*, apresenta um estudo descritivo preliminar do inventário fonético da língua Txikão (Ikpeng); uma análise taxinômica do componente fonológico; algumas propriedades distintivas pertinentes; os padrões distribucionais e suas implicações nos mecanismos morfofonêmicos da língua. A mesma pesquisadora realizou outras análises, uma delas apresentada em congressos: Emmerich (1991) *Padrões Distribucionais na Língua Txikão*; Emmerich; outra divulgada em revista: (1994) *The Txikão language: Fricatives or no Fricatives?*

Estudos<sup>6</sup> aprofundados sobre a Língua Ikpeng foram feitos mais recentemente. São eles, a dissertação de mestrado de Campetela (1997) *Análise do Sistema de Marcação de Caso nas orações independentes da Língua Ikpeng (Karib)*, que apresenta uma análise preliminar do sistema de marcação de caso nas orações independentes da língua Ikpeng. Além disso, são descritos alguns aspectos da fonologia e da morfossintaxe (classes de palavras) do Ikpeng, relevantes para a análise proposta.

---

<sup>6</sup> Para melhores referências sobre os artigos e locais de publicação, consultar a Bibliografia.

A dissertação de mestrado de Pacheco (1997) *Aspectos da Gramática Ikpeng (Karib)*, que oferece uma descrição preliminar de alguns aspectos gramaticais, mostrando classes de palavras, organização das orações independentes, a oração causativizada e as estratégias de relativização e marcação do núcleo nominal na oração relativa;

Campetela, depois de idealizar o projeto de tese de doutorado sobre *Problemas de Segmentação da Escrita Ikpeng* (1995), publicou dois artigos sobre aspectos fonológicos do limite de palavras em Ikpeng (fonologia prosódica), datados de 1996 (ANPOLL) e 1998 (Museu Nacional do Rio de Janeiro). Num outro artigo, datado de 1999 (GEL) apresenta um estudo sobre o acento pela Teoria Métrica; no ano seguinte, apresentou questões fonéticas e prosódicas do grupo tonal em Ikpeng.

Pacheco publicou vários artigos sobre a morfossintaxe das orações independentes e relativas do Ikpeng, que datam de 1997 e 1998; dois outros artigos publicados sobre afixos, redução lexical e formação do verbo intransitivo, que datam de 1999; dois artigos publicados sobre verbos reflexivos e construções médias datados de 1999 e 2000; um artigo não publicado sobre casos de alomorfia dos prefixos pessoais sob o enfoque da Teoria da Otimalidade, datado de 2000.

Além destes artigos e da dissertação de Mestrado, Pacheco defendeu sua tese de doutorado, em 2001, sobre *Morfossintaxe do Verbo Ikpeng (Karib)*, em que apresenta uma análise da estrutura verbal, dos processos de formação do verbo reflexivo e do verbo causativo, dos processos de subordinação e formação do verbo nominalizado.

Através destes trabalhos, os pesquisadores constataram a necessidade de se desenvolver a pesquisa sobre aspectos prosódicos pois estes se mostraram fundamentais para outras análises de níveis morfológico e sintático.

Este trabalho tornou-se, portanto, inédito no que concerne à análise prosódica da Língua Ikpeng. No que concerne às Línguas da família Karib, alguns pesquisadores desenvolveram pesquisas prosódicas, como é o caso de Derbyshire (1985), cujas análises forneceram subsídios para Hayes (1995), para a análise de Línguas Indígenas pela Teoria Métrica.

### I.5. Metodologia

O *corpus* analisado para o desenvolvimento desta dissertação é constituído de enunciados elicitados, com construções gramaticais de diferentes tipos; enunciados produzidos durante interação com o grupo; textos orais transcritos; textos escritos pelos próprios falantes; e narrativas mitológicas.

A coleta de dados esteve direcionada à verificação de hipóteses e ampliação do *corpus* já existente, coletado por Seki e Spike, em 1994, na cidade de Campinas. O acesso a estes dados, mais especificamente, foi livre.

Obteve-se, ainda, algumas histórias, que fazem parte da cultura do povo Ikpeng. Estas histórias foram narradas por Melobo Ikpeng, cacique da aldeia, e por Oporike Ikpeng, o contador de histórias da comunidade.

A metodologia de trabalho de campo utilizada é aquela proposta por Kibrik (1977), Craig (1990) e Seki<sup>7</sup>, em seu trabalho com línguas indígenas do Parque Xingu e de Rondônia. Mais do que a coleta de questionários, a elicitación foi feita com base em textos de modo a obter enunciados contextualizados.

---

<sup>7</sup> Esta metodologia foi apresentada em cursos de graduação e de pós-graduação da Unicamp, com a presença de falantes das línguas Kamaiurá (1992), Ikpeng (1994) e Mapuche (1999).

Inicialmente, realiza-se a coleta de dados através de questionários previamente elaborados; tão logo seja possível, passa-se a coletar textos, neste caso, orais e escritos, produzidos pelos falantes nativos. Consideram-se, ainda, os enunciados produzidos durante interações entre os falantes nativos da língua.

Os dados foram gravados em fitas cassete e transcritos diretamente, ou seja, a gravação e a transcrição ocorreram simultaneamente. Todos os dados foram submetidos a análises contínuas, cujos resultados orientavam as coletas subseqüentes.

Os informantes foram designados pela própria comunidade, por isso não tivemos a oportunidade de avaliar qual membro da comunidade cumpriria melhor este papel. Contudo, a escolha foi pertinente, aqueles designados desempenharam muito bem a função a eles atribuída. Tanto Korotowĩ e Yokoré quanto Napikĩ e Awato estão bastante interessados em pesquisas que envolvem o conhecimento da Língua Ikpeng.

#### I.6. Prosódia, Sentido e Fenômenos Paralingüísticos

Em 1997, depois de concluir a Dissertação de Mestrado e os créditos do Doutorado, ao participar do Projeto de Formação Pedagógica, formulado pelo Instituto Socioambiental, permaneci no Parque Indígena do Xingu, na Aldeia Moygu dos Ikpeng, durante os meses de agosto a novembro. No primeiro mês, foi possível perceber que o contato melhoraria meus conhecimentos sobre a Língua Ikpeng o suficiente para desenvolver a pesquisa sobre aspectos prosódicos, principalmente dedicando muita atenção e cuidado à transcrição prosódica dos dados.

Ouvir com cuidado e transcrever detalhadamente os dados observados foi a metodologia adotada para desenvolver o tema de pesquisa. Para tanto, foi preciso um reconhecimento preliminar dos fenômenos paralingüísticos, traços culturais da fala Ikpeng que denotam atitudes do falante e não aspectos da sua Língua.

Segundo Cruttenden (1986), consideram-se fenômenos paralingüísticos aqueles que ocorrem no ato da fala, que não representam especificamente a língua, mas sim o indivíduo que a fala. Estes fenômenos envolvem a qualidade de voz (rouca, grave, aguda), a tessitura (murmúrio, grito), a velocidade da fala (se maior ou menor) etc; caracterizando o nível de significação pragmática da fala.

Os fenômenos paralingüísticos não são objeto de estudo da pesquisa mas, para que esta se realizasse foi preciso reconhecê-los na Língua Ikpeng como parte do processo de interação sociocultural, a fim de “filtrá-los” das informações prosódicas que seriam obtidas.

Ou seja, foi fundamental conviver com a comunidade Ikpeng, inserindo-me em sua cultura, partilhando seus costumes, para desenvolver uma análise de cunho suprasegmental, a fim de reconhecer e diferenciar os fenômenos prosódicos lingüísticos dos fenômenos paralingüísticos.

Neste contexto, segue a descrição de algumas situações em que os fenômenos paralingüísticos me causaram algum constrangimento.

Em 1994, durante o *II Curso de Formação de Professores Indígenas do Parque Indígena do Xingu*, Oporike, o contador de histórias dos Ikpeng, chegou para acompanhar parte das aulas. Naquele momento, fora aplicado, em Ikpeng, um exercício para a prática da grafia da Língua, comumente conhecido por *Forca*.

Pouco concentrado na atividade, um dos alunos do curso sugeriu a letra “S”, no entanto não há “S” em Ikpeng. Imediatamente, o aluno percebeu seu equívoco e os outros, assim como eu, caíram em riso. Oporike, então, gritou se afastando da escola: “Essa mulher veio aqui só para dar risada!”. Pela sua atitude, levando em consideração as atitudes de falantes da Língua Portuguesa, supus que ele estivesse reclamando ou me dando uma bronca.

Tempos depois pude compreender que um Ikpeng jamais daria bronca gritando com a pessoa. O grito é usado apenas para chacotas e brincadeiras. Não é do costume Ikpeng dar broncas ou recriminar alguém. Porém, quando se faz necessário, geralmente o Ikpeng murmura, justificando-se e explicando o porquê daquela repreensão, diretamente para a pessoa envolvida no fato.

Em 1996, ocorreu um outro fato, em diferente contexto, através do qual foi possível confirmar que a interpretação daquele episódio, durante o Curso, fora equivocada. Em maio, realizou-se o primeiro trabalho de campo, juntamente com Frantomé B. Pacheco.

Naquela época, os Ikpeng passavam por uma complicada situação de fome pois, há pouco tempo, haviam deslocado a aldeia e uma invasão de porcos havia destruído toda a roça recém formada. A comida que levamos para um mês de trabalho de campo durou menos de uma semana.

Num desses dias de maio, durante a noite, eu e Frantomé resolvemos abrir um dos últimos pacotes de biscoito do tipo água e sal, depois de um dia quase em jejum. O movimento na caixa de comida atrai algumas crianças que brincavam em frente a casa do Cacique Melobo, onde nos hospedávamos. Elas entraram e, naturalmente, pediram biscoitos ao que demos um pacote fechado. Em menos de cinco minutos outro grupo de crianças entrou na casa, levando um segundo pacote.

Decidimos, então, que não poderíamos entregar todos os pacotes porque estávamos a menos de uma semana na aldeia e os nossos biscoitos tinham praticamente acabado. Como dizer isto a eles? Deitados nas nossas respectivas redes, criando um discurso que fosse inofensivo, mas que justificasse a nossa decisão de negar biscoitos.

Enquanto isso, um novo grupo de crianças entrou na casa e pediu biscoitos. Levantei da rede com tamanha raiva e gritei, para quantos pudessem ouvir: “Gente, isso aqui não é supermercado, não!”

Para o meu espanto, em vez de correr, as crianças riram. Meio assustada e indecisa, resolvi pegar outro pacote de biscoito e, mais uma vez, com a mesma atitude de bronca, disse: “Pronto, este é o último! Acabou! Entenderam? Como é mesmo, Fran? ‘Ibiareli’...” As crianças continuavam rindo.

O cacique Melobo já conviveu muito mais tempo com os não-índios do que as crianças Ikpeng. Notou a minha intenção naquela atitude, se levantou da sua rede, dirigiu-se à porta e, enrolando um cigarro, murmurou algumas palavras, olhando ora para as crianças, ora para a saída. Elas saíram da casa e nunca mais entraram sem que fossem chamadas (convidadas) por nós.

Enquanto minhas broncas, numa atitude descontextualizada, do ponto de vista do costume dos Ikpeng, causava risos, a fala do Cacique, numa atitude de repreensão, as fez entender a minha intenção.

Essas informações nunca estiveram em cadernos de dados sobre a Língua Ikpeng, mas sim em diários de campo, em que constam momentos únicos em que observar é mais importante até mesmo do que descrever.



## I.7. Objetivo e Justificativa

O objetivo desta tese consiste em realizar a descrição prosódica do Ikpeng para que se verifique a relação entre Acento e Estrutura Rítmico-tonal (cf. capítulo VI) de enunciados maiores que um item lexical, mudando-se o domínio de análise lexical para o domínio de análise pós-lexical. Para tanto, selecionam-se dados contextualizados, tendo como base o modelo descritivo proposto por Halliday (1970).

Os dados selecionados para a análise lingüística apresentada nesta tese serão abordados segundo o modelo de descrição prosódica proposto por Halliday (1970). Como este modelo foi originalmente proposto para a análise entonacional do Inglês Britânico e posteriormente utilizado por Cagliari (1981) para a análise entonacional do Português, serão feitas algumas adaptações a fim de adequá-lo à análise do Ikpeng.

Além de atestar a existência de uma variação prosódica regular, na língua Ikpeng, que corrobora os casos de alomorfia, e fundamentar a segmentação das palavras, levando em conta a estrutura prosódica da língua, também é objetivo desta pesquisa contribuir não apenas para investigações fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas do Ikpeng, mas também para que se realizem futuros estudos comparativos, esclarecedores da classificação das línguas Karib.

Este estudo ainda tem o objetivo social de continuar contribuindo, enquanto pesquisa sobre a Língua Ikpeng, para a formação de professores indígenas capacitados para lidar com questões lingüísticas, refletindo sobre os fatos de sua própria língua, em cursos que vêm se realizando. Desta forma, pretende-se aprimorar o desenvolvimento de uma educação formal bilingüe, na Aldeia Ikpeng.

## I.8. Aspecto Formal da Tese

Para que se atinjam os objetivos, esta tese está dividida em seis capítulos, além desta introdução que apresenta um breve histórico do povo Ikpeng, questões socioculturais e educacionais, considerações sobre as línguas indígenas brasileiras, considerações sobre a Língua Ikpeng, o objetivo e a justificativa, versando sobre a relevância do estudo prosódico para a fixação da ortografia da Língua Ikpeng.

No primeiro capítulo, apresentam-se diferenças entre os modelos de descrição prosódica, que possui duas abordagens lingüísticas diferentes: a fonética e a fonológica; enfatizando os motivos que incentivaram a escolha do modelo fonético, tal qual proposto por Halliday.

No segundo capítulo, apresenta-se uma análise realizada pelo Teoria Métrica, momento em que são feitas algumas considerações sobre o método, justificando-se, assim, o abandono desta abordagem para o desenvolvimento do tema desta pesquisa.

No terceiro capítulo, descreve-se o modelo descritivo de Halliday e outros estudos relevantes (Cruttenden, 1970; Bolinger, 1981) que serão utilizados para a análise dos dados do Ikpeng.

No quarto capítulo, apresenta-se a Língua Ikpeng, os fones vocálicos e consonânticos, a estrutura morfológica, conforme análises realizadas anteriormente por Campetela (1997) e por Pacheco (1997 a 2001), além da transcrição fonética e prosódica dos dados utilizados neste trabalho.

No quinto capítulo encontram-se a análise prosódica e os resultados obtidos através do modelo proposto por Halliday.

O sexto capítulo, aborda uma das hipóteses levantadas, segundo a qual os aspectos prosódicos interferem em alguns casos de alomorfia. Ainda no sexto capítulo, apresenta-se a segunda hipótese, segundo a qual os aspectos prosódicos interferem em processos de segmentação da escrita que, antes do estudo, pareciam aleatórios.

Desta forma, pretende-se concluir que a análise prosódica da Língua Ikpeng é fundamental, ainda mais por possibilitar a compreensão de outros fenômenos lingüísticos que envolvem aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos sobre essa Língua.

## II

### MODELOS DE DESCRIÇÃO PROSÓDICA

#### II.1. Considerações sobre a Descrição Fonológica da Prosódia

Existem duas abordagens lingüísticas distintas para a Descrição Prosódica: a abordagem fonológica, que se baseia no modelo da estrutura subjacente do enunciado; e a abordagem fonética, que se baseia no modelo articulatório do enunciado. Esta última foi adotada para a descrição dos dados da Língua Ikpeng, nesta tese, e será apresentada mais adiante.

Resumidamente a abordagem fonológica, tal qual proposta por Selkirk (1984), Nespor & Vogel (1986) entre outros, toma como ponto de partida, para a análise prosódica, a estrutura silábica subjacente do enunciado. Considera, em sua formação, a qualidade das sílabas, quanto ao peso e a duração; como se estruturam em palavras, distribuindo o acento lexical, segundo os quais ocorrem as possibilidades de proeminência no nível da sentença.

A língua Ikpeng ainda não possui análises fonológicas suficientemente profundas, que permitissem descrever e comprovar as hipóteses que fossem formuladas apoiando-se na estrutura subjacente do enunciado. As próprias análises morfológicas sobre a língua remetem à

necessidade de um estudo prosódico de nível fonético, em que o acento é considerado para a formação do padrão rítmico e do grupo tonal. Estas características prosódicas encontram-se no nível da sentença, em Ikpeng. Características estas que denotam uma estrutura acentual complexa, a julgar pela coexistência de dois acentos na formação do padrão rítmico de um mesmo grupo tonal (cf. adiante). Eles cooperam no enunciado, porém aquele que é previsível e, portanto, inerente à língua, determina a incidência do outro.

A investigação deste fato é primordial no que concerne às realizações silábicas de estruturas subjacentes, tendo em vista que, segundo essa hipótese, é a estrutura rítmica que condiciona uma variação na estrutura fonológica e morfológica do Ikpeng, e não o contrário. Somente depois de analisar tais características passíveis de provocar casos de alomorfia no Ikpeng, é que será possível aplicar alguma análise fonológica.

Pacheco (1995; 1999) não obteve resultados satisfatórios ao desenvolver um estudo teórico sobre casos de alomorfia dos prefixos pessoais, em Ikpeng, através da teoria da Otimalidade. Pelos resultados obtidos destas análises Pacheco (2001), em tese de doutorado, afirmou que: “os fenômenos fonológicos e morfofonológicos relacionados aos prefixos pessoais, principalmente ao inclusivo, necessitam de uma investigação mais aprofundada, analisando outros fatores que podem estar influenciando a variação alomórfica, como o acento e a natureza do segmento inicial do radical ao qual eles são prefixados.”(p. 58)

O caso de alomorfia dos prefixos pessoais marcadores de primeira pessoa do plural inclusiva do Ikpeng é a evidência mais nítida que se tem da influência dos aspectos prosódicos na determinação do caso de alomorfia.

Por isso, além da análise de Pacheco (1995; 1999), estes marcadores foram, também, objeto de análise (Campetela, 1996 a 1999), sob o enfoque da Teoria Métrica, conforme

proposta por Hayes (1995), que se interessa, inicialmente, pela formação métrica dos pés e não somente das sílabas. A seguir, apresentam-se, portanto, os resultados obtidos e os motivos que levaram a substituir o modelo fonológico de análise prosódica pelo modelo fonético.

## II.2. Resultados Obtidos através da Análise pela Teoria Métrica

Em princípio, como já foi dito, utilizou-se uma abordagem fonológica, baseada na Teoria Métrica do Acento, como proposta por Bruce Hayes (1995), na tentativa de descrever os fenômenos observados durante trabalhos de campo, tais como os casos de alomorfia e os casos de limite de palavras, condicionados por aspectos prosódicos da língua.

Os dados apresentados a seguir foram gravados no Estúdio do Instituto de Estudos da Linguagem, na UNICAMP, em novembro do ano de 1998, com um dos informantes Ikpeng, Napikī Talīgu Ikpeng. Este *corpus* foi responsável pelos resultados positivos deste trabalho, devido à sistematicidade com que foi coletado, segundo as hipóteses previamente formuladas através da Teoria Métrica. No entanto, outros dados coletados em momentos diversos de pesquisa, principalmente sobre os aspectos morfossintáticos do Ikpeng forneceram argumentos relevantes para que esta teoria de análise fosse abandonada.

Neste tópico, demonstram-se os resultados obtidos através da análise de um caso de alomorfia voltada, mais especificamente, à verificação do uso da Teoria Métrica para a análise prosódica dos dados da Língua Ikpeng.

Como será possível observar, a seguir, por esta pesquisa constituir um primeiro momento de análise prosódica da Língua Ikpeng, não há nenhum estudo prévio sobre os pressupostos necessários à análise pela Teoria Métrica. Por este motivo, esta análise não

proporcionou resultados satisfatórios de descrição prosódica e, conseqüentemente, foi renunciada em detrimento de uma pesquisa fonética dos aspectos prosódicos do Ikpeng.

### II.2.1. Hipóteses Formuladas através da Teoria Métrica

- Quanto ao tamanho: pés vinculados, binários
- Quanto à sensibilidade ao peso: nenhuma, o acento é silábico.
- Quanto ao núcleo: sempre à direita, formando pés iâmbicos.
- A língua aceita pés degenerados (imperfeitos), desde que este pé seja composto pela sílaba forte à direita da palavra.
- Quanto à Direção: esquerda → direita

### II.2.2. Os Dados Utilizados<sup>1</sup>:

2.	<p>a. wempan w – empa – n 2A/1O – ensinar – TMP ‘você me ensina’</p>	<p>b. ug<sup>w</sup>empanli ug<sup>w</sup> - empan - li 2A/1O – ensinar – TMP ‘você me ensinou’</p>
	<p>c. ug<sup>w</sup>etkawet w – etkawε – n 2A/1O – pisar – TMP ‘você me pisa’</p>	<p>d. ug<sup>w</sup>etkaweli ug<sup>w</sup> - etkawε - li 2A/1O – pisar – TMP ‘você me pisou’</p>
	<p>e. ug<sup>w</sup>empatfi ug<sup>w</sup> – empa(t) - tfi 2A/1O – pintar – TMP ‘você me pinta’</p>	<p>f. ug<sup>w</sup>empareli ug<sup>w</sup> - empare - li 2A/1O – pintar – TMP ‘você me pintou’</p>

<sup>1</sup> Para futuras constatações, comparem-se os dados da primeira coluna com seus pares, na segunda coluna.

g.	wiptʃi w - ip - tʃi 2A/1O – banhar – TMP 'você me banha'	h.	wibli w - ib - li 2A/1O – banhar – TMP 'você me banhou'
i.	ug <sup>w</sup> ɔt ugw - ɔ - t 2A/1O – flechar – TMP 'você me flecha'	j.	woli w - ɔ - li 2A/1O – flechar – TMP 'você me flechou'
k.	ug <sup>w</sup> ɛktomit ugw - ɛktomi - t 2A/1O – sujar – TMP 'você me suja'	l.	ugwɛktomili ugw - ɛktomi - li 2A/1O – sujar – TMP 'você me sujou'
m.	ug <sup>w</sup> ɛtpɔtʃi ug <sup>w</sup> - ɛtpɔ(t) - tʃi 2A/1O – cortar – TMP 'você me corta'	n.	ug <sup>w</sup> ɛtporeli ug <sup>w</sup> - ɛtpore - li 2A/1O – cortar – TMP 'você me cortou'
o.	ug <sup>w</sup> erenmit ug <sup>w</sup> - erenmi - t 2A/1O – matar – TMP 'você me mata'	p.	werenmili w - erenmi - li 2A/1O – matar – TMP 'você me matou'

### II.2.3. A Descrição Métrica dos Dados

Para a análise do acento, seguindo o modelo proposto por Hayes (1995), em que os pés são separados por parênteses e as sílabas fracas são marcadas com ponto (.) enquanto que as sílabas fortes são marcadas com (x), iniciou-se o processo de descrição e análise dos dados.

Os dados são descritos da seguinte forma:



3. a. wem 'pan  
(. x)  
( x)
- b. u ,g<sup>w</sup>em paŋ 'li  
(. x) (. x)  
( x)
- c. u ,g<sup>w</sup>et' ka 'wet'  
(. x) (. x)  
( x)
- d. u ,g<sup>w</sup>et' ka we 'li  
(. x) (. x) (x)  
( x)
- e. u ,g<sup>w</sup>em pa 'tʃi  
(. x) (. x)  
( x)
- f. u ,g<sup>w</sup>em pa re 'li  
(. x) (. x) (x)  
( x)
- g. wip' 'tʃi  
(. x)  
( x)
- h. wi 'bli  
(. x)  
( x)
- i. u 'g<sup>w</sup>ot'  
(. x)  
( x)
- j. wo 'li  
(. x)  
( x)
- k. u ,g<sup>w</sup>εk' to 'mit'  
(. x) (. x)  
( x)
- l. u ,g<sup>w</sup>εk' to ,mi 'li  
(. x) (. x) (x)  
( x)
- m. u ,g<sup>w</sup>et' po 'tʃi  
(. x) (. x)  
( x)
- n. u ,g<sup>w</sup>et' po ,re 'li  
(. x) (. x) (x)  
( x)
- o. u ,g<sup>w</sup>e ren 'mit'  
(. x) (. x)  
( x)
- p. we ,ren mi 'li  
(. x) (. x)  
( x)

## II.2.4. A Análise dos Dados:

A descrição acima permite uma análise preliminar da estrutura métrica do Ikpeng, considerando-se o acento dos itens lexicais. Este fato se dá porque a distribuição do acento, que nesta língua alterna entre fraco (weak), marcado pelo ponto (.); e forte (strong), marcado com (x), forma pés métricos binários.

Segundo Halle & Vergnaud (1987), a teoria métrica se interessa pelo modelo básico do pé que é admitido em determinada língua. Analisando a formação destes pés, em Ikpeng, segundo o modelo proposto por Hayes (1995), pretende-se mostrar que a formação de sua estrutura rítmica está fundamentada no padrão iâmbico de acento.

Como é possível observar nos exemplos de (a) a (p), em Ikpeng, a formação do pé métrico é composta por duas sílabas, sendo uma fraca (átona) e outra forte (tônica), o que serve de argumento para estabelecer que os pés são binários. Além disso, a língua possui acento primário e acentos secundários, todos responsáveis pela formação de pés vinculados.

No *corpus*, os dados mostram que o peso silábico não é relevante para a análise do acento, ou seja, o fato da sílaba ser pesada [CV(C)] e não atrair o acento descarta a possibilidade do padrão de acentuação ser moraico. Observem-se os exemplos:

a.      wem 'pan  
           (        x)  
           (        x)

b.      u ,g<sup>w</sup>em paŋ 'li  
           (    x ) (    x)  
           (            x)

Ocorre em (a) e (b) que o núcleo do pé está à direita, assim como em todos os outros exemplos do *corpus*. Esta informação é suficiente para afirmar que os pés se formam naturalmente, seguindo o padrão Iâmbico.

Retomando a análise sobre a sensibilidade ao peso, em (a), as duas sílabas que formam o item lexical possuem coda e, portanto, são consideradas pesadas; na concorrência entre as duas, o núcleo permaneceu à direita.

No entanto, no caso de (b), não há concorrência entre as duas sílabas: a sílaba /paŋ/ é uma sílaba pesada e /li/, a sílaba da direita, é leve. O fato do acento não recair sobre a sílaba pesada, mas sim sobre a sílaba leve da direita do pé, prova que o acento em Ikpeng é silábico.

Já foi observado anteriormente que o acento em Ikpeng é previsível e recai sempre na última sílaba da palavra. Sendo assim, toda última sílaba será acentuada. No entanto, esta informação não pode ser utilizada para dar conta de estabelecer a direção do acento da língua, porque ao mesmo tempo que todos os dados terminam com uma sílaba acentuada, todos eles começam com uma sílaba não acentuada.

Para dar conta da direção, será preciso levar em consideração a formação de pés degenerados (imperfeitos).

O pé se forma por duas sílabas, sendo uma fraca e uma forte. A língua Ikpeng mostra que, na impossibilidade de se compor o pé por estas duas sílabas, ele se comporá pela sílaba forte restante, sendo considerado imperfeito. Existe, portanto, a justaposição de duas sílabas acentuadas à direita do enunciado: o acento da sílaba do último pé perfeito com o acento da sílaba que compõe o pé degenerado. Por este motivo, a direção do acento é da esquerda para a direita.

Numa mesma palavra, é possível que se formem pés através de sílabas fracas e fortes (. x), até que reste uma sílaba forte que comporá o pé imperfeito (x), como nos exemplos (l.) e (n.). Os exemplos refutariam a hipótese do acento ter direção da direita para a esquerda, porque, se assim fosse, o padrão métrico não seria representante da língua Ikpeng, como nos exemplos (l'.) e (n'.).

l.	$\begin{array}{c} \xrightarrow{\hspace{10em}} \\ u \text{ } ^w\text{ek}^{\text{'}} \text{ to } \text{mi } ^{\text{'}}\text{li} \\ (. \quad x) \quad (. \quad x) \quad (x) \\ ( \hspace{10em} x) \end{array}$	l'.	$\begin{array}{c} \xleftarrow{\hspace{10em}} \\ (?)u \text{ } ^w\text{ek}^{\text{'}} \text{ ,to } \text{mi } ^{\text{'}}\text{li} \\ <> (. \quad x) \quad (. \quad x) \\ ( \hspace{10em} x) \end{array}$
n.	$\begin{array}{c} \xrightarrow{\hspace{10em}} \\ u \text{ } ^w\text{et}^{\text{'}} \text{ po } \text{,re } ^{\text{'}}\text{li} \\ (. \quad x) \quad (. \quad x) \quad (x) \\ ( \hspace{10em} x) \end{array}$	n'.	$\begin{array}{c} \xleftarrow{\hspace{10em}} \\ (?)u \text{ } ^w\text{et}^{\text{'}} \text{ ,po } \text{re } ^{\text{'}}\text{li} \\ <> (. \quad x) \quad (. \quad x) \\ ( \hspace{10em} x) \end{array}$

Se a direção fosse da direita para a esquerda, além da mudança do acento, como mostram os exemplos falsos de formação dos pés na língua Ikpeng, existe ainda um outro problema com relação a (l'.) e (n'.): nenhum dado, destes selecionados, possui sílabas extramétricas (<).

Conforme Hayes (1995), as sílabas extramétricas só podem ocorrer nas bordas do enunciado, são sempre átonas e não contam para a distribuição do acento.

Em Ikpeng, não ocorre o encontro entre duas sílabas átonas e, se todos os enunciados começam com sílabas átonas, é impossível considerar que em algum caso ocorrerá extrametricidade à esquerda. Considera-se, ainda, que a extrametricidade à direita também é improvável, tendo em vista que todo enunciado termina com uma sílaba tônica e a

extramétrica só pode ser átona. Todas estas questões corroboram a tese de que a direção do acento é da esquerda para a direita.

Portanto, pode-se afirmar, por esta análise, que o acento em Ikpeng segue, em tese, o padrão anteriormente hipotético:

- Quanto ao tamanho: pés vinculados, binários
- Quanto à sensibilidade ao peso: nenhuma, o acento é silábico.
- Quanto ao núcleo: sempre à direita, formando pés iâmbicos.
- A língua aceita pés degenerados (imperfeitos), desde que este pé seja composto pela sílaba forte à direita da palavra.
- Quanto à Direção: esquerda → direita

Nos casos analisados por Hayes (1995), não se encontra nenhuma descrição de línguas de pés iâmbicos que sejam ao mesmo tempo de acento silábico. Desta forma, Ikpeng poderia ser uma língua bastante interessante para a proposta teórica de Hayes, assim como outras línguas indígenas brasileiras que observam geralmente esta mesma descrição. No entanto, esta análise é limitada pelo desconhecimento de alguns pressupostos relevantes para a aplicação da teoria métrica. Encontraram-se outros dados da língua Ikpeng que refutam o padrão métrico estabelecido pela análise apresentada.

## II.2.5. Alguns problemas para a Análise pela Teoria Métrica

Seria perfeito se todos os dados fossem representados pelo modelo métrico, tal qual apresentado acima. Porém, a Língua Ikpeng é morfologicamente Sufixal<sup>2</sup> fato que promove a necessidade de investigações das constantes adaptações prosódicas, tendo em vista que o acento, considerado previsível, se desloca habitualmente para a última sílaba que compõe o enunciado formado por uma única base<sup>3</sup> e afixos, deixando um vestígio proeminente na última sílaba que compõe esta base.

Contudo, constata-se que, quanto maior a quantidade de sufixos, menores as chances da Teoria Métrica dar conta da análise prosódica do enunciado resultante, o que comprova a necessidade da abordagem fonética preceder quaisquer abordagens fonológicas.

A seguir, apresentam-se dois dos dados que contrariam a aplicação do modelo, a fim de demonstrar que não são passíveis de interpretação métrica pelos motivos especificados.

Observe-se a descrição dos dados:

- q.     ug<sup>w</sup>arum<sup>l</sup>i  
         ug<sup>w</sup> - arum - li  
         2A1O – queimar – IM.  
         ‘você me queimou’
- r.     ug<sup>w</sup>a<sub>1</sub>rup<sup>ˀ</sup>tompo<sup>l</sup>i  
         ug<sup>w</sup> - a<sub>1</sub>rup<sup>ˀ</sup> - tom - po - <sup>l</sup>i  
         2A1O – queimar – pl. – CAUS. – IM.  
         ‘você nos (eu e você) fez queimar’

<sup>2</sup> Campetela (1997) considera, em análise sobre a estrutura morfológica do Ikpeng, que as bases (raízes) morfológicas podem ser incorporadas por até seis sufixos, mas por apenas dois tipos de prefixos: os marcadores de pessoa e os marcadores de reflexividade. Com base nesta análise, conclui-se que a Língua é Sufixal.

<sup>3</sup> O termo *base* é utilizado em detrimento dos termos *raiz*, *radical*, *palavra primitiva* etc.

- s.      to<sub>1</sub>rem<sub>3</sub>ɲ<sup>1</sup>li  
           t - or - emp<sub>3</sub>ɲ - li  
           PG – refl. – aprender – IM.  
           ‘ele aprendeu’
- t.      torem<sub>1</sub>p<sub>3</sub>ɲet<sup>1</sup>ke<sup>1</sup>ra<sup>1</sup>mo  
           t - or - emp<sub>3</sub>ɲ - et<sup>1</sup>ke - ra - mo  
           PG – refl. - aprender - ? – NOM. – pl.  
           ‘estudantes’ (aqueles que aprendem)

#### Transcrição Métrica dos Dados:

- q'.      u<sub>1</sub>g<sup>w</sup>a<sub>1</sub> rum<sup>1</sup>li  
           ( . x ) ( . x )  
           (            x )
- r'.      u<sub>1</sub>g<sup>w</sup>a<sub>1</sub>rup<sup>1</sup> tom po<sup>1</sup>li  
           ◊ ( . x ) ◊ ( . x )  
           (    (?)            x )
- s'.      to<sub>1</sub>rem<sub>3</sub>ɲ<sup>1</sup>li  
           ( . x ) ( . x )  
           (            x )
- t'.      to rem<sub>1</sub>p<sub>3</sub>ɲ et<sup>1</sup>ke<sup>1</sup>ra<sup>1</sup>mo  
           ◊ ( . x ) ( . x ) ( . x )  
           (            (?)            x )

Na transcrição, os pontos de interrogação se referem à sílaba proeminente que comporta o vestígio deixado pelo deslocamento do acento para o final do enunciado. Em (q'.) e (s'.), obteve-se o padrão métrico tal qual formulado anteriormente.

No entanto, em (r'.) e (t'.), o padrão métrico foi redistribuído, condicionado pela inserção de sufixos ao enunciado e pelo vestígio acentual na base de cada enunciado,

deformando o padrão métrico anteriormente formulado. Neste caso é aparente a falta que faz à teoria ter o conhecimento sobre o nível subjacente da estrutura do enunciado.

Ainda a respeito da análise do modelo métrico utilizado na descrição da distribuição do acento em (r'.) e em (t'), observa-se a incompatibilidade com a descrição proposta por Hayes (1995) que pressupõe ser impraticável uma sílaba ser considerada extramétrica, sendo que está intercalada ao enunciado.

A Teoria Métrica prevê alternância entre dois tipos de acentos: fraco e forte. Neste sentido, as duas sílabas extramétricas à esquerda de cada pé, /u/ e /tom/, seriam consideradas fracas, segundo o modelo métrico e, também, se comparadas com as duas sílabas à direita, /rup˘/ e /li/.

Porém, elas poderiam ser consideradas fortes se comparadas às duas sílabas centrais de cada pé, /g˘a/ e /po/ que são ainda mais fracas que /u/ e /tom/. Este fato não permite atribuir a /u/ e /tom/ a característica de “sílabas fracas”, o que, conseqüentemente, descarta a possibilidade de /u/ e /tom/ serem consideradas extramétricas.

De modo geral, não é atribuída à Teoria Métrica a função prosódica de estabelecer distinções entre os níveis de acento fonético, embora estas distinções sejam fundamentais e pressupostas para a análise métrica. Mais uma vez, nota-se a necessidade do prévio estudo fonético da prosódia sobre a definição da proeminência tônica que deve conter um acento de duração, de intensidade ou de altura.

No caso do Ikpeng, como demonstra-se adiante, há dois acentos operando no nível mais adjacente no padrão rítmico do enunciado: aquele considerado primário é previsível e sua proeminência caracteriza-se pela intensidade; aquele tido como secundário (vestígio acentual)



não é previsível e obedece à sistematização rítmica, imposta pela distribuição do acento, preestabelecida pelo acento de intensidade.

Como será apresentado, sua proeminência caracteriza-se pela altura. Ambos os acentos prevalecem na estrutura adjacente pelo padrão rítmico do enunciado mas, de acordo com o padrão métrico, não deveriam prevalecer.

Contudo, justifica-se que para a análise que se pretende da Língua Ikpeng, o modelo alcançado pela análise da teoria métrica não seria o mais aconselhável, o acento que foi considerado secundário é tão operante no enunciado, e relevante para o padrão rítmico, quanto o acento primário. O secundário, de maior altura, é dependente do padrão rítmico que o acento primário, de maior intensidade, incute ao enunciado.

Este fato é ainda mais consistente quando se analisam enunciados compostos por mais de uma base, por um período completo, ainda maior do que uma sentença. Desta forma, quando o acento secundário não recai sobre a base de um enunciado, ele passa a condicionar-se, prosodicamente, pelo acento de intensidade deste enunciado.

Portanto, é preciso que, primeiramente, a prosódia seja analisada por sua distribuição fonética do acento. As considerações neste nível de análise subsidiam futuras análises fonológicas e métricas da prosódia.

### II.3. Modelos Fonéticos de Análise Prosódica

Iniciou-se, desta forma, uma análise investigativa da Língua Ikpeng através da descrição prosódica de fundamentos fonéticos. Para tanto, optou-se pelo modelo descritivo proposto por Halliday (1970), Cruttenden (1986), Gebara (1976), Cagliari (1981) entre outros.

As teorias consideram que a análise prosódica se dá num domínio suprasegmental. Os dados contextualizados, compostos por enunciados com mais de um morfema lexical, devem ser tratados neste domínio, em que se pretende avaliar como se realiza a distribuição dos acentos de altura e de intensidade do Ikpeng e como isto se aplica ao funcionamento do padrão rítmico da Língua.

Como foi dito, os dados selecionados para a análise prosódica, conforme o modelo fonético adotado nesta tese, serão abordados segundo o modelo de descrição proposto por Halliday (1970).

Como este modelo foi originalmente proposto para a análise entonacional do inglês britânico, Gebara (1976) e Cagliari (1981) fizeram algumas adaptações para aplicá-lo à Língua Portuguesa, a fim de adequá-lo à análise do Português Brasileiro.

Neste contexto, serão feitas algumas adaptações ao modelo proposto por Halliday (1970), Gebara (1976) e Cagliari (1981), a fim de reunir argumentos para adaptar o modelo à análise prosódica do Ikpeng.

Para contribuir com esta análise, ainda serão considerados outros modelos fonéticos de análise prosódica propostos por Cruttenden (1986) e, em menor grau, aquele proposto por Bolinger (1981), por conter alguns princípios pertinentes e coerentes, mas não todos, com os outros modelos adotados.

### II.3.1. O Modelo Descritivo de Halliday

Deve-se a escolha deste modelo ao modo simples, porém completo, com que as características entonacionais são marcadas. Além da descrição entonacional ‘tonalidade’, o

sistema contempla a descrição do acento ‘tonicidade’ e do ritmo. Halliday (1970) incorpora parte da descrição do grupo tonal e seus componentes pretônico eônico, além dos pés rítmicos, como base para a descrição entonacional.

#### II.3.1.1. Pés Rítmicos

O modelo fonético descritivo proposto por Halliday (1970) baseia-se nos pés rítmicos, como afirma o próprio autor: “ The rhythm of spoken English is based on a unit known as the foot. The foot, therefore, is like the bar in music; and a spoken sentence consists of a succession of bars. [...] The unit of intonation in English is the tone group. The tone group consists of a number of feet, in the same way that the foot consists of a number of syllables. (p. 01);

O pé rítmico, segundo este modelo, não contém um número definido de sílabas, mas sim de acentos, ou seja, cada pé é formado por uma sílaba saliente (ônica) e outras não salientes (átonas). Ao contrário do pé métrico, os pés rítmicos podem ser unitários, binários, ternários, desde que o seu conteúdo prosódico esteja adequado ao tempo, na fala contínua: If there are more syllables in the foot they will need to be spoken more quickly in order to maintain the same *tempo*; and this is in fact what happens.” (p. 03)

O tempo de fala tomado por cada pé é aproximadamente o mesmo, não exatamente o mesmo. Este fato é capaz de determinar o padrão rítmico da fala, responsável por definir grupos tonais, como se mostra adiante.

### II.3.1.2. Grupo Tonal e Proeminência Tônica

O grupo tonal é composto por pés, assim como os pés são compostos por sílabas. Pode ser apenas um, como também podem ser mais de dez, na conversação. É interessante observar que, em Inglês, a fala formal é a que contém menos pés em cada grupo tonal.

Nem sempre o grupo tonal identifica uma unidade gramatical. Na maioria das vezes, trata-se de um segmento de fala, de um enunciado, não há um termo exato para isto, melhor seria dizer que o grupo tonal é uma unidade de informação, um bloco da mensagem que o falante está comunicando.

Dentro de um grupo tonal há sempre uma parte mais proeminente do que as outras, é a parte da mensagem que o falante pretende enfatizar ou destacar. Como nos exemplos abaixo em que, segundo o modelo descritivo de Halliday, a barra inclinada ( / ) marca o ritmo e é colocada antes de cada sílaba forte, o segmento delimitado por uma barra denomina-se pé; o sinal (^) representa uma sílaba tônica silenciosa que é necessária no início de cada grupo ritmo, visto que todos devem ser iniciados por uma sílaba tônica; as barras inclinadas duplas marcam o início e o fim do grupo tonal. Por exemplo:

- 4)     a) //eu pre/ciso sa/ber a ver/dade//  
          b) //^eu pre/ciso sa/ber a ver/dade//  
          c) //^eu pre/ciso sa/ber a ver/dade//  
          d) //^eu pre/ciso sa/ber a ver/dade//  
          e) //^eu pre/ciso sa/ber a ver/dade//antes que/ seja/ tarde//

Em cada grupo tonal há um segmento que está grifado: em (4a), o ‘eu’, em (4b), o ‘ci’ de *preciso*, em (4c), o ‘ber’ de *saber*, em (4d) o ‘da’ de *verdade*. Estas são as partes destacadas das palavras que o falante pretende enfatizar, de acordo com o que ele considera mais importante na sua mensagem e no contexto do seu enunciado. É o que Halliday chama de proeminência tônica (*tonic prominence*).

Em (4e), ao contrário do que se pensa, não há duas proeminências tônicas no mesmo grupo tonal, note-se que se trata de dois grupos tonais constantes num mesmo enunciado, ou melhor, a mensagem só é completa, em (4e), se ocorrer o primeiro enunciado: ‘eu preciso saber a verdade’ acompanhado da oração subordinada que, neste caso, é ‘antes que seja tarde’.

Segundo Cagliari (1981), *a escolha da proeminência tônica, isto é, a escolha da sílaba tônica saliente num enunciado, relaciona-se com a distribuição dos elementos ‘dado (given) e ‘novo’ (new) num enunciado, e da maneira como o elemento novo se relaciona com o que foi dito antes.* (p. 158)

Sendo assim, para obter a alternativa (4a), dos exemplos supracitados, como resposta, sugere-se a seguinte pergunta:

(f) Quem precisa saber a verdade?

(a) //	<u>eu</u>		pre/ciso sa/ber a ver/dade//
	novo		dado

Neste caso, o elemento ‘novo’ é a parte mais importante da asserção (4a) e, por isso, merece destaque, tornando-se a proeminência tônica de tal enunciado. Não é todo grupo tonal que possui uma proeminência tônica, segundo Halliday, existem também os grupos tonais com

duas proeminências tônicas. O primeiro é conhecido por “grupo tonal simples” e o segundo por “grupo tonal composto”.

Este último não pode ser ilustrado pelo exemplo (4e) porque, como já foi dito, tal exemplo apresenta dois grupos tonais simples e não um grupo tonal composto. Observando o seguinte exemplo, percebe-se melhor esta diferença:

(g) //ele comeu /muito /<sup>^</sup>e pas/sou mal à noite//

(e) //<sup>^</sup>eu pre/ciso sa/ber a ver/dade// antes que/ seja/ tarde//

Enquanto (4g) apresenta um grupo tonal composto, (4e) apresenta dois grupos tonais simples. Além desta diferença, é preciso ainda diferenciar grupo tonal simples de grupo tonal composto.

Um mesmo enunciado pode conter uma ou duas proeminências tônicas e, dependendo da quantidade de proeminências, a significação do enunciado será diferente. Ou melhor, se um enunciado for produzido com uma proeminência tônica, este terá significado diverso do mesmo enunciado produzido com duas proeminências tônicas. Por exemplo:

(h) // ele comeu /muito/ <sup>^</sup>e pas/sou mal à noite//

(i) // ele comeu /muito/ <sup>^</sup>e passou / mal a noite//

Entende-se, em (4h), que ‘ele’ passou mal em determinado momento da noite, já em (4i) a informação que se obtém é que ele passou mal durante a noite toda.

A alteração ou a inclusão de uma tônica, no enunciado, modifica o conteúdo da mensagem e auxilia o interlocutor na compreensão de uma e não de outra intenção do falante.

Este não é o único motivo responsável pela mudança de sentido da mensagem. A seguir, apresentam-se dois outros aspectos tão importantes quanto a proeminência tônica, apresentada até então, para a descrição prosódica.

### II.3.1.3. Tom e Contorno Melódico: O Modelo Pictórico de Halliday

O tom e o contorno melódico são características do grupo tonal, ou seja, para que um determinado enunciado seja compreendido como uma pergunta, por exemplo, é necessário que haja um tom e um contorno melódico específicos.

Por este motivo, Halliday descreve a entonação do Inglês Britânico através de cinco tipos de tons primários e vários tipos de tons secundários. Para o Português Brasileiro, Cagliari (1981) propôs o mesmo modelo, porém com algumas adaptações: em vez de cinco, são seis os tons primários, além de tons secundários diferentes dos propostos por Halliday (1963 e 1970).

A característica melódica do tom concentra-se na sílaba tônica proeminente do grupo tonal e é marcada, na representação pictórica, por duas barras verticais paralelas.

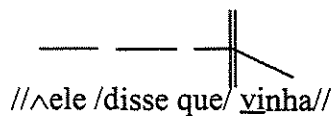
Seguindo o modelo proposto por Cagliari (1981), os tons podem ser representados por números no início do enunciado ou pictoricamente por contornos melódicos.

Os tons primários da Língua Portuguesa são<sup>4</sup>:

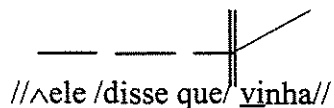
---

<sup>4</sup> A princípio, apresentam-se as representações dos tons primários simples do Português, a fim de que se compreenda o modelo teórico. Durante a análise da Língua Ikpeng serão apresentados seus próprios tons primários e secundários.

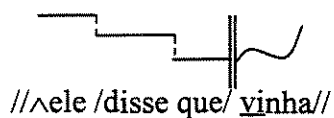
Tom 1  
valor: afirmação



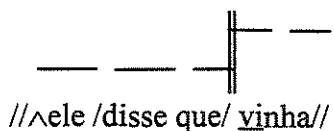
Tom 2  
valor: pergunta



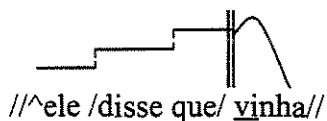
Tom 3  
valor: dúvida



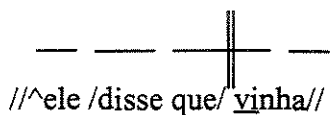
Tom 4  
valor: surpresa



Tom 5  
valor: ênfase



Tom 6  
valor: suspense



As variações nos tons primários podem resultar em outros tons. Por exemplo, o falante que pronuncia um enunciado com o tom 1 tem a intenção de afirmar o fato, mas não tem a intenção de prevenir ou amedrontar alguém com este fato.

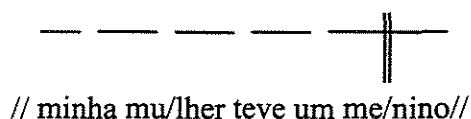
Caso a intenção seja esta, o falante vai variar o tom de forma que afete as sílabas não proeminentes. Esta variação que se aplica no nível dos pés, além do nível da proeminência



tônica, são consideradas formadoras de tons secundários, que denotam essas intenções que os primários não precisam denotar, como é possível notar nas representações abaixo:

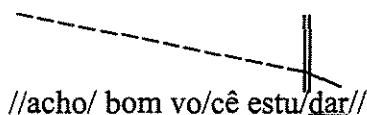
Tom 1+

valor: tom forte, inesperado



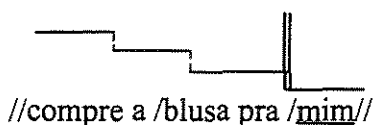
Tom 1-

valor: prevenção



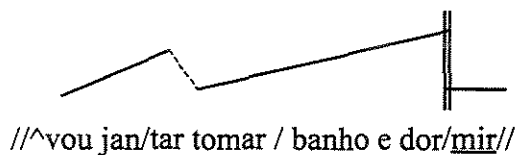
Tom \*1

valor: súplica



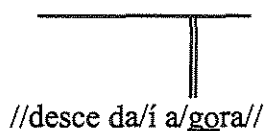
Tom ...1

valor: enumeração



Tom 6-

valor: desafio



A língua portuguesa, assim como as línguas do mundo, varia em tons que podem significar muitas coisas, estes dependem principalmente da atitude do falante, com relação ao tipo de mensagem, que ele pretende que se compreenda, e do contexto lingüístico em que ele está inserido.

### II.3.2. Considerações sobre o modelo descritivo de Cruttenden

Em *Intonation*, Cruttenden (1986) apresenta uma descrição mais completa sobre o acento, na mesma direção da abordagem descritiva de Halliday (1970), porém não faz considerações sobre o ritmo porque, ao tempo em que Halliday baseia seu modelo descritivo em pés rítmicos, Cruttenden o faz em sílabas.

No entanto, esta diferença de embasamento adotado por cada modelo de descrição não prejudica os resultados desta pesquisa. Ao contrário, propicia estabelecer uma relação maior entre a altura das sílabas e a formação dos pés rítmicos.

Para o estudo prosódico do Ikpeng, se faz pertinente aplicar um modelo de descrição do acento, cujo objetivo consiste em demonstrar a análise através da qual se constatou a existência de dois tipos de acento distintos em Ikpeng: um acento de intensidade, marcando o final do enunciado; e um acento de altura, caracterizando um padrão rítmico específico para cada enunciado.

Por este motivo, utiliza-se, nesta tese, o modelo de transcrição proposto por Halliday (1970) para o ritmo e a entonação, acoplando-se o modelo proposto por Cruttenden (1986) para o acento. Como se observa no capítulo III, adiante, a transcrição fonética dos dados é apresentada, num primeiro momento, acompanhada da transcrição do ritmo e da pauta acentual e, num segundo momento com a transcrição do ritmo e das representações pictóricas dos tons do Ikpeng porque cada uma delas traz informações prosódicas diferentes sobre os aspectos contemplados para a descrição da Língua Ikpeng.

O modelo de Cruttenden se apresenta mais completo, no que diz respeito ao estudo fonético do acento por subdividir esta categoria prosódica em três tipos distintos de ocorrência: o acento de altura, o acento de duração e o acento de intensidade; nas línguas do mundo.

### II.3.2.1. Acento de Altura (*Pitch*)

O acento fonético de altura é, prosodicamente, responsável pela intonação de um enunciado. Ele se compõe por picos de ondas melódicas, na medida acústica de uma frequência sonora.

O som produzido pela fala tem uma forma ondulatória repetitiva, o que define uma frequência regular e está diretamente relacionada ao número de sílabas e a formação ondulatória que elas determinam. Em termos de comparação com o modelo proposto por Halliday, esta formação que as sílabas determinam é a mesma formação responsável pelos pés rítmicos.

Ou seja, as ondas regulares, conforme definidas por Cruttenden, coincidem com a composição dos pés rítmicos, conforme proposto por Halliday, que, por sua vez, compõem Grupos Tonais.

Para as línguas tonais, como o Yudjá (tronco Tupi, família Juruna), o Suruí (tronco Tupi, família Tupi-Guarani), o Gavião (tronco Tupi, família Mondé) entre outras, o acento de altura é uma característica do léxico. Nestes casos, a sequência acentual varia entre sílabas, morfemas ou palavras.

Ikpeng não é uma língua tonal, porém a altura varia de forma regular entre as ondas (pés rítmicos). Esta constatação não dá a característica de língua tonal ao Ikpeng, mas a

regularidade da formação ondular define que o ritmo, tal qual estabelecido por essas ondas, é que possui características tonais.

Mais adiante, apresenta-se este conceito de *Ritmo Tonal*, detalhadamente. A priori, diz-se que a definição de *Ritmo Tonal* está baseada no fato de que, ao mesmo tempo que a última onda (ou pé rítmico) de um enunciado adquire o acento de intensidade, delimitativo de Grupo Tonal, a penúltima onda (ou pé rítmico) deste mesmo Grupo Tonal passa a adquirir uma saliência devido a sua maior altura.

A cooperação entre estes dois fenômenos acentuais comanda a distribuição das outras saliências, dentro de cada onda (ou pé rítmico), que compõe um Grupo Tonal, conforme se observa nas transcrições apresentadas, no capítulo III desta tese.

### II.3.2.2. Acento de Duração (*Length*)

De acordo com a análise de Cruttenden (1986), enquanto o acento de altura é responsável pelo tom presente no léxico de línguas tonais ou pelo padrão rítmico de um Grupo Tonal, de acordo com a análise que se apresenta sobre o Ikpeng, a duração implica numa decisão do falante em dar continuidade à produção de uma unidade lingüística. É comum esta continuidade duradoura se aplicar a uma vogal, mas as consoantes consideradas contínuas também são responsáveis pela duração em alguns casos.

O acento de duração é, portanto, medido pela continuidade de um som. Esta continuidade não precisa necessariamente ser monótona. No Ikpeng, por exemplo, aplicam-se variações melódicas à duração, que sempre coincide com a última sílaba do último pé do enunciado o que, conseqüentemente, provoca um aumento de intensidade.

Fazendo-se uma superposição ao modelo de Halliday (1970), esta variação melódica que se aplica à duração, em Ikpeng, é definidora da intonação, uma das características prosódicas do enunciado. Como se apresenta, mais adiante, uma das atitudes prosódicas que diferenciam um enunciado afirmativo de um enunciado interrogativo, por exemplo, é a aplicação do tom ascendente ou descendente, respectivamente, à duração que o falante impõe à última sílaba.

### II.3.2.3. Acento de Intensidade (*Loudness*)

Segundo Cruttenden (1986), a intensidade, tal qual percebida pelo ouvido, não indica propriamente uma saliência do enunciado. Esta característica acentual é marcada pela força do ar atribuída a uma sílaba, e não a outra, num determinado momento da fala contínua. Intensidade não é o mesmo que proeminência tônica, mesmo porque a proeminência tônica se apresenta como definidora da curva melódica do enunciado e é determinada pelo padrão acentual que, por sua vez, compõe a estrutura prosódica da fala contínua.

Apesar disto, a força do ar se aplica regularmente a sílabas que já continham alguma propensão à saliência. Por isso, geralmente a sílaba que contém o acento de intensidade deve ser uma sílaba de maior altura, ou uma sílaba de maior duração do enunciado.

A pertinência da intensidade como uma característica prosódica do acento passa a ser, portanto, relativa, porque sofre influências prosódicas de outros elementos do mesmo tipo categorial.

No caso do Ikpeng, como se demonstra mais adiante, a intensidade é definidora do final de cada sessão que compõe a fala contínua, é delimitativa de um Grupo Tonal.

### II.3.3. Considerações Finais

Considera-se, portanto, que a opção pelo modelo fonético de descrição prosódica se deve ao fato deste ser necessário à compreensão dos aspectos prosódicos da Língua Ikpeng, tendo em vista que esta possui escassos estudos lingüísticos e nenhum estudo prosódico, propriamente dito. Justamente por este motivo, encontraram-se dificuldades, apresentadas neste capítulo, para descrever e definir algumas considerações teóricas através das análises fonológicas.

Dentro da perspectiva fonética de análise, encontram-se dois modelos descritivos que serão utilizados na análise da Língua Ikpeng: aquele proposto por Halliday (1970), escolhido para a descrição dos aspectos rítmicos e entonacionais; e aquele proposto por Cruttenden (1986), escolhido para a descrição do acento.

A seguir, descrevem-se os aspectos prosódicos da Língua Ikpeng e analisa-se a relação desses aspectos com um caso de alomorfia e com o processo de segmentação de palavras.

## III

## APRESENTAÇÃO DOS DADOS DA LÍNGUA IKPENG

## III.1. Transcrição Fonética

Os dados contidos nesta pesquisa foram transcritos de acordo com o IPA (International Phonetics Alphabet), do que se obteve o seguinte inventário fonético:

## QA - QUADRO FONÉTICO DAS CONSOANTES DO IKPENG

PONTO MODO	labial		Alveolar		Pós-alveolar		Velar	
	SU	SO	SU	SO	SU	SO	SU	SO
Oclusiva	p		t				k	g
Oclusiva não explodida	pʼ		tʼ				kʼ	
Nasal	m		n				ŋ	
Tepe			r					
Fricativa	ɸ	ɸ						
Aprox. lateral			l					
Africada					tʃ			
Glides					j		w	

(cf. Emmerich, 1972; Seki & Gildea, 1994; Campetela, 1997; Pacheco, 1997).

## QB - QUADRO FONÉTICO DAS VOGAIS DO IKPENG

	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
ALTA	i	ɨ	u
MÉDIA	e		o
	ɛ		ɔ
BAIXA		ɜ	
		a	

(cf. Emmerich, 1972; Seki & Gildea, 1994; Campetela, 1997; Pacheco, 1997).

## III.2. Breves considerações sobre a estrutura morfológica da Língua Ikpeng

Foram realizados estudos morfossintáticos sobre a Língua Ikpeng, entre os anos de 1997 e 2001, por Cilene Campetela e Frantomé Pacheco. Com base nestes estudos, é possível dizer que o processo morfológico da formação de palavras é um tanto complexo, porque a língua tem, por característica, uma estrutura morfossintática do tipo sufixal, em que as categorias morfológicas e sintáticas das classes de palavras são, na maioria dos casos, sufixadas a uma base verbal. Tanto o processo derivacional quanto o processo flexional são sufixais<sup>1</sup>.

Existe exclusivamente dois morfemas de natureza prefixal: os morfemas marcadores de pessoa e os morfemas marcadores de reflexivo. Até o momento, sabe-se que a formação básica da estrutura morfológica verbal e nominal da Língua Ikpeng podem ser expressas, respectivamente, da seguinte forma:

[PRON [REFL [BASE] VERB] CAUS] TEMPO, ASP] PL]

[POSS[BASE]POSS]PL]

<sup>1</sup> Para obter informações complementares sobre aspectos morfossintáticos da Língua Ikpeng, consultar Campetela (1997) e Pacheco (1997; 2001).



Estas informações sobre a estrutura morfológica da Língua Ikpeng são necessárias porque, nesta pesquisa, mais especificamente no Capítulo V, será apresentado o quadro dos marcadores de pessoa, que são prefixados ao verbo, porque apresentam um caso de alomorfia condicionado prosodicamente.

Saber, minimamente, que a estrutura morfológica da Língua Ikpeng é sufixal faz-se relevante, também, no capítulo VI, em que são feitas algumas considerações sobre os critérios de segmentação de palavras.

### III.3. Considerações sobre a Transcrição Prosódica dos Dados

Para que se faça a leitura da transcrição prosódica dos dados, apresenta-se a seguir um aparte para explicações necessárias.

#### III.3.1. Transcrição do Ritmo e da entonação

De acordo com as considerações feitas sobre descrição fonética da prosódia, no capítulo anterior, optou-se, nesta tese, por realizar a transcrição prosódica do ritmo e da entonação da Língua Ikpeng, seguindo o modelo proposto por Halliday (1970), Gebara (1976) e Cagliari (1981), em que a delimitação do padrão rítmico, que coincide com o Grupo Tonal, é feita por duas barras (/ /), a segmentação dos grupos rítmicos é feita por uma única barra (/), a proeminência tônica é marcada por um grifo sob a sílaba, como foi apresentado no capítulo anterior.

A representação da entonação é feita pictoricamente. A proeminência é marcada por dois traços retos, verticais, e o contorno melódico é representado sobre o enunciado, conforme exposto no capítulo anterior, também.

### III.3.2. Representação Pictórica do Acento

A representação pictórica do acento foi baseada em modelos propostos, para o Inglês, por Halliday (1970) e Cruttenden (1970); para o Português por Cagliari (1981).

Basicamente, o modelo de representação pictórica resultante distingue os dois tipos de acento que atuam num mesmo Grupo Tonal em Ikpeng: o acento de altura ( ) e o acento de intensidade ( ). O acento de altura varia entre cinco níveis: Alto, Meio Alto, Médio, Meio Baixo e Baixo; marcados pelo símbolo ( ), na linha da pauta, sobre a sílaba correspondente, conforme ilustra-se, na pauta abaixo, com um exemplo do Português:

#### Pauta Ilustrativa da Representação Pictórica do Acento:

-----	alto
-----	meio alto
-----	médio
-----	meio baixo
-----	baixo

pa ra le le pí pe do

### III.4. Transcrição dos dados

Neste tópico, apresentam-se os dados transcritos que formam o *corpus* para a descrição dos aspectos prosódicos da Língua Ikpeng. Além destes, ainda há um segundo *corpus*, composto de textos produzidos pelos próprios falantes Ikpeng, em anexo.

## ANAT MĪRAN

Narrada por Oporike Tome Ikpeng

Transcrição: Maiuá Ikpeng

Digitação: Estela Würker

Revisão: Frantomé Bezerra Pacheco

Organização: Cilene Campetela

(0) Akerek kelī anat mīran.

(1) Impe kuramlī poryan pīnpe, anat pīnpe, tariwe wīnpe kuramlī erangron, wonkinompe nole, Angnango ge toremke nole, weruge toremke nole kuramlī anat pīnpe, poryan pīnpe.

(2) Ekīrī mīran, ekīrī mīran

(3) Kururiku, kururiku mīgerem keni murenpe imo man oguro. Imrenpīnpe imo, imrenpīnpe imrenpīnpe imo emreyum pīnpe man imo, amampe imo, amampe imo, amampe imo, amampe imo, man ekīrīwamlī, okep imo akerek Parantī ara imo, Yawulu ara imo, Yampo ara imo.

(4) Ketpotke, man imo man, imrenpīnpe erotkelī, tīmregewa erotkelī.

(5) Man, ate wot kurīmne, igwen kurīmne Arowoi akpo, kelan ewiningkīng, Yamra, Angnango, Weru, Weliko.

(6) Ara kutket payng? Kelan tīnarutkom ina, ara kutket payng? Ate, ate yaynkutketpom oneringmo ganin yaynkutketpom.

(7) Atega kelingmo man etporelīngmo man inat, erolīngmo man igwaktxi, igwen kwaktxi erolīngmo angtemeplīngmo man.

(8) Aminam, aminam, aminam, alama wok, ototo momru wok, yay wilī wok, pilau wok.

(9) Aminam, man imo, man...

(10) Angtemeplan ewiningkīng, pīrīng, pīrīng, pīrīng, pananpiko, īrīpīyka, aramoge, ewiningkīng. Imo man tiwiningkīng nerī ganin imomoktat ket.

(11) Tugut, tugut kat angtelan ungnut, engrulī payng kelan tiwiningkīng ina, munto aynkurem munto aynkurem. Engru? Engrulī. Engrulī ari, engrulī payng kelan.

(12) Manī man, enamtīlīngno man ewiningkīng tīnerīngmo. Awīlīngmo man ewiningkīng aynkut poroge, kaywa aynkut poroge, mowye aynkut poroge, wawi egri aynkut poroge, tupara, komotoum aynkut poroge, rīyk aynkut poroge.

(13) Munto aynkurem, munto aynkurem munto aynkurem kelan ungnut. Engwaktxi putepwak egaktelan, tiwīmkwan parantup tīmtu, tīmtu, tīmtu, tīmtu. Eye tīmung kuto oren garaman, tīt erolan, tereng tenglan tiwatxin rik enenglan, tīmung katu, tīrīgīt wonpu anumlan iwīmkwan parantup, tektuk amtekorelan aptxim, tongpīngning pītīk tenglan talamtona talamtona talamtona...

(14) Awīlan wot aynkut poroge awīlan, kaywa aynkutporoge, munto aynkurem, nento aynkurem, nento aynkurem, nento aynkurem.

(15) Ikotowo warap, ikotowo warap wot. Eye engrulī ari ewiningnkīn. Tīmotopan ke pīwīwī aynkurem wot eganoptatketpoto laktīng, laktīng imotopan ketpoto akponglan. Imotopan egunpe egonopte txeeet!!! Inkamīn, inkamīn, inkamīn erako īgemnī, imkamīn txeeet! Tīngpwak omomlī epilu waraktxi.

(16) Ma, ma, ma kelīngmo man, ewyarelī, itīng kuraynkutkelī, kelīngmo man ewiningkīng, ate munto kutximomītka. Nento kutximomītkenap, awīlīngmo man imomītket poroge, wot imomītketporoge, imomītkelīngmo man. Eye yakpumulīga genpan, ang kelan ungnut, pupta anmelan yatpīn. Toro omomlan owro waraktxi, towrī waraktxi.

(17) Awīlīngmo man yepkanpanget ketporoge inonget ketporoge, inonget kelīngmo man, aktatkelīngmo man.

(18) Otupilan eto iwok, eto, iwarap, eto. Imīngtet tīne, imīngtet tīne, imīngtet tīne, imīngtet tīne... ako tīmīngtet nole ekīrīnom, imīngtet tīne, imīngtet tīne, imīngtet tīne, taragat egaktelan inunon, nuno. Wang, munotpe kun oren ugure, munotpe, munotpe, munotpe, munotpe uro munotpe, imrerelī, imrerelī.

(19) Imrerelī ugure, wan araru imrere ugure, araru etpamtxi eto ugure, eto kelīngmo man epyan, kelīngmo man imrangmo. İwīmne, İwīmne, İwīmne... otupilan, munotpe kuntan, otupitpot enentup, munotpe kelīngmo man munto kelīngmo man munto, kelīngmo man munto, kelīngmo man munto, tīmyan mongne otupilī, oguro, oguro, oguro, oguro, oguro iwarap imo, iwarap imo, iwarap imo, iwarap imo, kururiku warap imo, kururiku warap, kururiku warap...

(20) Mawo mīgetman tale itup petkom, mawo kelīngmo man engma. Aratoru? Man tuman oeretpangetkerīt tale mitup.

## TRADUÇÃO DA HISTÓRIA DO MILHO (ANAT MİRAN)

Tradução: Maiuá Ikpeng

Digitação: Frantomé Pacheco

Revisão para a organização dos dados: Cilene Campetela

Organização dos dados: Cilene Campetela

(0) “Assim é a história do milho.”

(1) “Nós não tínhamos comida, não tínhamos milho, não tínhamos mandioca, assim ficamos antigamente, quando éramos bicho, como os trabalhadores Angnango, Weru, não tínhamos milho e estávamos sem comida”.

(2) “História de uma velha, história de uma velha”.

(3) “A sucuri era filha de Kururiku, como vocês chamam sempre: “Kururiku”. Ela não tinha filho, não tinha marido, ela sempre ficou solteira. Ela era moça, era moça, era moça até que ela envelheceu, ficou como as velhas, como Parantĩ, Yawulu e Yampo”.

(4) “Ela sempre foi assim, não teve filho, nunca teve filho”.

(5) “\_\_Vamos bater timbó, bater timbó no córrego, lagoa do Arowoi. \_\_Disseram os irmãos dela, Yamra, Angnango, Weru, Weliko”.

(6) “E eles perguntaram á irmã deles: \_\_O que você vai fazer irmã? O que você vai fazer? \_\_E ela respondeu: \_\_Não, eu vou, para poder pegar o que vocês vão bater com timbó e matar os peixes”.

(7) “\_\_Então vamos\_\_ disseram. Saíram para cortar o timbó, cortaram o timbó, foram para o córrego e começaram a bater timbó”.

(8) “E eles sem comida, sem comida, só comiam mel, palmitos, frutas e cogumelos”.

(9) “Sempre ficavam sem comida...”

(10) “Os irmãos dela começaram a bater timbó; pá, pá, pá, pá, bodozinho, bodozinho, bodozinho, os irmãos dela chamavam os nomes dos peixes: \_\_ Pananpiko, ĩrĩpĩyka, aramoge. \_\_ E ela ficou esperando os peixinhos que os irmãos dela matavam com timbó”.

(11) “Nossa avó caiu no rio. \_\_Estão morrendo, irmãos! \_\_ Ela falou para os irmãos dela e começou a pegar, pegou, pegou, pegou.... \_\_ Está morrendo?\_\_ (E ela disse:) \_\_Está morrendo irmãos, está morrendo irmão, está morrendo irmã\_\_ ela falou”.

(12) “\_\_Está pronto!\_\_ Os irmãos dela pararam de bater timbó. Os irmãos dela começaram a pegar, pegaram, pegaram kaywa, mowye, wawi egrĩ, tupara, komotoum, rĩyk”.

(13) “A nossa avó começou a pegar ali, aqui, aqui. Na frente dela saiu um passarinho do ninho, um passarinho, passarinho, passarinho: \_\_Oba! Será que ele tem ovinho no ninho para eu comer? E ela foi pegou o ovo do ninho, do ninho, do ninho. Ela tirou uma folha, embrulhou e colocou no pescoço dela, no pescoço dela, pescoço dela, pescoço dela”.

(14) “E ela começou a pegar os peixinhos, kaywa, ela pegou ali, aqui, ali, aqui”.

(15) “Os peixes ficaram na curva, na curva do córrego. \_\_Oba! Estão morrendo muitos, irmã\_\_ Disseram os irmãos dela. De tanto ela pegar os peixes e guardar, balançando a cestinha dela, quebrou os ovos. Ela pensou que era o caldo da cestinha dela, entrou pela costa dela, pela costa dela, pela costa dela, não pelo lado da barriga e pela costa dela, escorreu, escorreu, escorreu e entrou na vagina dela”.

(16) “Vamos! \_\_ Falaram: \_\_ Acabou, nós pegamos muito! \_\_ Falaram seus irmãos: \_\_ Vamos para lá embrulhar os peixes com as folhas! É aqui que nós vamos embrulhar! \_\_ Começaram a embrulhar os peixes. Eles embrulharam: \_\_ Ah! eu quebrei meus ovos que eu

queria comer. Puxa! disse a nossa avó e ela jogou o embrulho. Ela entrou para dentro da casa dela, entrou na casa dela”.

(17) “Eles começaram a fazer jirau, começaram a assar. Eles assaram e comeram”.

(18) “E a barriga dela cresceu, ela esperou a menstruação, esperou, esperou, esperou, como as velhas ainda menstruam, ela esperou a menstruação, esperou, esperou, esperou e passou a lua nova dela: \_\_ Será que nossa mãe está grávida, está grávida, está grávida... \_\_ Estou grávida, estou grávida!”.

(19) “\_\_ Nossa mãe está grávida. Como é que nossa mãe ficou grávida? Como é que nossa mãe vai dar à luz, então? \_\_ Falaram os netos dela, falaram os netos dela. Ficou pequena, ficou pequena, ficou pequena, cresceu mais a barriga dela. Quando eles viram que a barriga dela estava crescendo, disseram: \_\_ É, realmente está grávida, falaram para ela, falaram para ela, falaram para ela, e assim foi crescendo a sucuri, sucuri, sucuri, sucuri, sucuri, ficou por dentro dela, ficou por dentro dela, ficou por dentro dela, de Kururiku, dentro de Kururiku”.

(20) “Por isso, pode chamar de Mawo, quando a pessoa engorda e pára de uma vez, assim a chamaram. Por que? Porque é assim que eles chamam para deixar a gente doido!”.



TRANSCRIÇÃO FONÉTICA E PROSÓDICA DO RITMO E DO ACENTO  
NA NARRATIVA ANAT MĪRAN

//im/pe kurem/li//

porjen pin/pe anat' pin/pe tari/we win/pe//

//^kuremli era<sup>9</sup>/ron wonkinompe no/le ʔnən<sup>s</sup>ɔ/ge toren/ke no/le weruge toren/ke no/le //

//^kuremli anat' pin/pe po/rjan pin/pe//

(1) //^ekiri mi/rən eki/ri mi/rən//

(2) //kururiku kururi/ku mige/rem ke/ni//

//<sup>^</sup>muren/pe imo /mən//

//oguro imrenpinpe i/mo im/ren pin/pe//

//imren pinpe i/mo emrejum pinpe /mən i/mo//

\* //<sup>^</sup>ami<sup>ʷ</sup>mpe i/mo amiempe i/mo amiempe i/mo amiem/pemo /mən//

//ekiriwemli<sup>w</sup>o/kebi/mo//

\* //ake/ɾek<sup>ɿ</sup> paran/ti arajmo jawu/lu arajmo jam/pɔraj/mo//

(3) //ket<sup>ɿ</sup>pot<sup>ɿ</sup>/ke mən imo /mən im/renpin/pe//

//erɔt˥keli timrege/wa e/ɔt˥ke/ɭi//

\*(5) //mɜn// ate /wɔt˥ kurimne ig<sup>w</sup>em kurim/nɛ<sup>a</sup>ro/wɔj/ ak˥/pɔt˥ ke/ɭen//

\* //ewiniŋ/kiŋ jɜm/raŋna/ŋɔ we/rweli/kɔ//

(6) //ara kut˥ket˥ /pajŋ//

//Ke/ɭen tinarut˥/kom i/na//

\* //ate a/te jajnkut˥ket˥ /pomne/riŋ//

//ara kut˥ket˥ /pajŋ//

//atɛ a/tɛ jajnkutʰ/ketʰ/ pomne/riŋ//

//^ganin jajn/kutʰketʰ/pom//

(7) //atɛ/ga//

//kelinmə /mən//

//etʰporelinmə /mən i/nat//

\* //ero/linmə /mən gʷakʰ/tʃi//

//^i/gʷeŋgʷakʰ/tʃi//

\* //eroliŋ/mo aŋteme/ɓliŋmo /mɜn//

(8) //am<sup>i</sup>nɜm am<sup>i</sup>nɜm am<sup>i</sup>/nɜm alama /wɔk//

//ototɔ momru wɔk jajwili /wɔk pilaw /wɔk//

(9) //am<sup>i</sup>nɜm /mɜnmɔ /mɜn//

(10) //ɜŋteme/ɓlɛn ewiniŋ/kiŋ piŋiŋ piŋiŋ pi/riŋ panɛnp<sup>i</sup>/ko//

//^i/ripijka aramɔ/ge ewiniŋ/kiŋmo /mɜn//

//^tiwiniŋ/kiŋ neri ga/nin imomɔtat<sup>ʔ</sup>/ket//

(11) //ʌtu/gutugutʰ/kat aŋtɛlɛn uŋ/nut ɛŋruli /pajŋ ke/lɛn//

//ʌti/winiŋkiŋ/na mun/tɔ ajnku/rem mun/tɔ//

//ajnku/rem ɛŋru ɛŋru/li//

//ɛŋruli a/ri ɛŋru/li /pajŋ ke/lɛn//

(12) //mani /mɛn enamti/liŋmɔ /mɛn e/winiŋ/kiŋ//

\* //ʌti/nɛriŋ/mɔ awi/liŋmɔ /mɛn ewiniŋ/kiŋ ajn/kut po:ʷ/gɛ//

//kajbɛ ajn/kut po:ʷ/gɛ moɓjɛ ajn/kut po:ʷ/gɛ ɓabiŋ/ri ajn/kut po:ʷ/gɛ//

//tupa/ra komo/to<sup>w</sup>m ajn/kut po:<sup>w</sup>/ge rijk ajn/kut po:<sup>w</sup>/ge//

(13) //^mun/to ajnku/rem mun/to ajnku/rem mun/to ajnku/rem ke/len//

\* //unju/rej<sup>w</sup>ak<sup>7</sup>/tʃi pʊtɛp<sup>7</sup> /bək<sup>7</sup> egak<sup>7</sup>te/len tiwim/k<sup>w</sup>en pa<sup>ʷ</sup>n/tup<sup>7</sup>//

//^tim/tu tim/tu tim/tu tim/tu e/je//

//^ti/muŋ kuto<sup>o</sup>/ren garamen/tit<sup>7</sup> ero/len te/reŋten/len tiwak<sup>7</sup>/tʃin /rik//

//enen/len timuŋka/tu tirigit won/p<sup>w</sup>anum/len//

//iwim/k<sup>w</sup>en parɛn/tup<sup>7</sup> tek<sup>7</sup>tuk<sup>7</sup> am/tɛko<sup>w</sup>ɛ/len//

//<sup>h</sup>ap/tʃim toŋpiŋ/nin pi/tik teŋ/lən ta/lɜm/tona ta/lɜmto/na ta/lɜmto/na//

(14) //awi/lən wɔrajn/kut<sup>ʔ</sup> po:<sup>w</sup>/gɛwi/lən kaj/ba//

\* //<sup>h</sup>ajn/kut po:<sup>w</sup>/gɛ mun/to a/inku/rem nen/to a/inku/rem nen/to a/inku/rem nen/to a/inku/rem//

(15) //ikoto/wɔ wa/rap//

\* //ikoto/wɔ wara/θ<sup>w</sup>ɔt e/jenru/li a/ri//

//<sup>h</sup>e/winiŋ/kin timotopen/ke piwi/wi ajnku/rem /wɔt<sup>ʔ</sup>//

//ega/nɔptat<sup>ʔ</sup>/ket<sup>ʔ</sup>po/to lak<sup>ʔ</sup>/tin//



//<sup>^</sup>lak/tiŋ imoto/pen ket<sup>ˈ</sup>po/to ak<sup>ˈ</sup>poŋ/len imoto/pen/

//egun/pɛ eganɔp<sup>ˈ</sup>/tɛ /tʃɛ::t/ //

\* //inkɛ/min kɛ/min kɛ/min ra/kɔ igem/ni inkɛ/min /tʃɛ::t//

//<sup>^</sup>tiŋ/p<sup>w</sup>ak<sup>ˈ</sup> mom/li epi/lu wara/ktʃi/

(16) //ma ma /ma ke/liŋmo /mɜn/

//<sup>^</sup>e/ɔjare/li/

//<sup>^</sup>i/tiŋ kurajn/kut<sup>ˈ</sup>ke/li ke/liŋmo /mɜn/

\* //e/winiŋ/kiŋ a/te mun/to ku/tʃimomitʃ/ka nen/to ku/tʃimomitʃ/ka/napʃ//

\* //awi/liŋmo /mən imomitʃ/ketʃ poroge /wətʃ imomitʃ/ketʃ poro/gejmo/mitʃke/liŋmo /mən//

\* //e/jej/akʃpumu/li ga /genpe/nəŋ ke/lən uŋ/nut//

//pupʃ/tanme/lən jat/pin to/romom/lən//

//o/əro warakʃ/tʃi tow/ri warakʃ/tʃi//

(17) //awi/liŋmo /mən jepʃ/kenpen/et//

//ket po:ʷ/ge noŋet /ket po:ʷ/ge noŋ/et ke/liŋmo /mən ak/tatke/liŋmo /mən//

(18) //Otupi/lən e/to i/wək e/to iwa/rap e/to//

\* //imiŋ/tet ti/ne miŋ/teti/ne miŋ/teti/ne miŋ/teti/ne//

\* //a/kə timiŋ/teno/le//

//ekiri/nommiŋ/tet<sup>ˈ</sup> ti/ne imiŋ/teti/ne miŋ/teti/ne//

//tara/gat<sup>ˈ</sup> e/gak<sup>ˈ</sup>te/lən inu/non nu/no//

//waŋ munot<sup>ˈ</sup>/pe /kun o/ren ugu/re munot<sup>ˈ</sup>/pe munot<sup>ˈ</sup>/pe mnot<sup>ˈ</sup>/pe not<sup>ˈ</sup>/pe//

//u/rə munot<sup>ˈ</sup>/pe im/rere/li im/rere/li//

//otupi/len munot<sup>7</sup>/pe kun/ten otupit<sup>7</sup>/pot<sup>7</sup> enen/tup<sup>7</sup> munot<sup>7</sup>/pe ke/liŋmo /mən//

//mun/to ke/liŋmo /mən mun/to ke/liŋmo /mən mun/to ke/liŋmo /mən mun/to/

//timjen mon/ne otupili ugu/ro oguro ugu/ro<sup>w</sup> guro<sup>w</sup> gu/ro/

//iwarab i/mo warab i/mo warab i/mo warab i/mo/

//kururi/ku warab i/mo kururi/ku warab kururi/ku wa/rap/

(19) //imreveli ugu/re wen araru ime/re ugu/re/

//araru etpemtji e/to ugure e/to keliŋmo /mən//

//e/əjan keliŋmɔ /mɛn imrɛŋmɔ iwim/nɛ iwimnɛ iwim/nɛ//

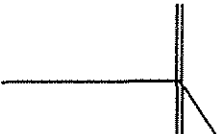
(20) //mawɔ miget /mɛn talɛ i/tup pet/kom//

//ma/wɔ keliŋmɔ /mɛn ɛŋ/na//

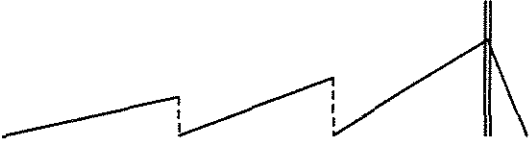
//a/ratɔru /mɛn//

//tʊmɛn ɔɛ/rɛtpɜŋɛtkɛ/rit talɛ mi/tup//


TRANSCRIÇÃO PROSÓDICA DO CONTORNO MELÓDICO  
NA NARRATIVA ANAT MİRAN



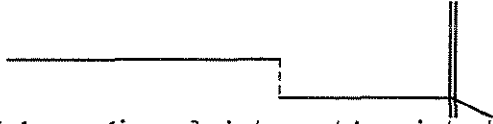
//im/pe kurəm/li//




porjən pin/pe anat' pin/pe tari/we win/pe//




//^kuramli era<sup>o</sup>/ron wonkinompe no/le ʔnən<sup>g</sup>ɔ/ge torenke no/le weruge toren/ke no/le //



//^kuremli anat' pin/pe po/rjan pin/pe//



(4) //^ekiri mi/rən eki/ri mi/rən//



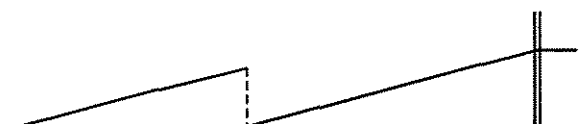
(5) //kururiku kururi/ku mige/rem ke/ni//



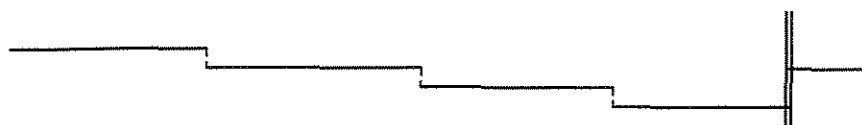
//<sup>Λ</sup>muren/pɛ imɔ /mɜn//



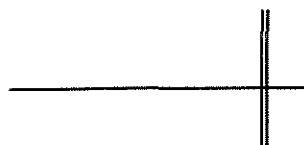
//oguro imrenpinpɛ i/mɔ im/ren pin/pɛ//



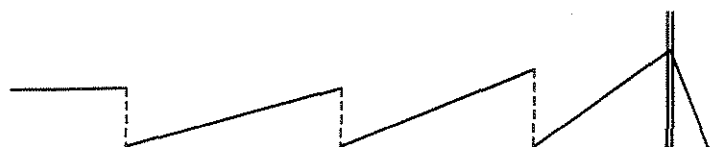
//imren pinpɛ i/mɔ emrejum pinpɛ /mɜn i/mɔ//



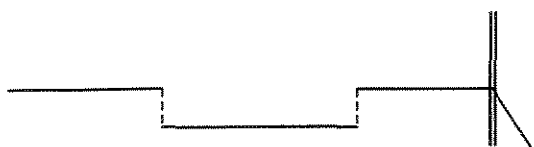
\* //<sup>Λ</sup>ami<sup>ɛ</sup>mpe i/mɔ amiɛmpɛ i/mɔ amiɛmpɛ i/mɔ amiɛm/pɛmɔ /mɜn//



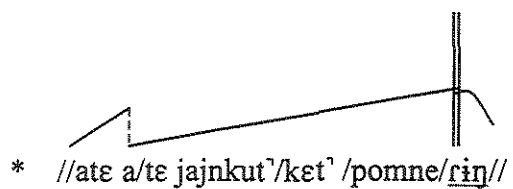
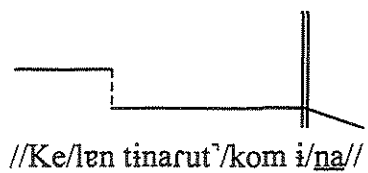
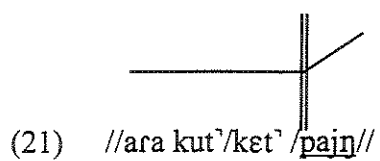
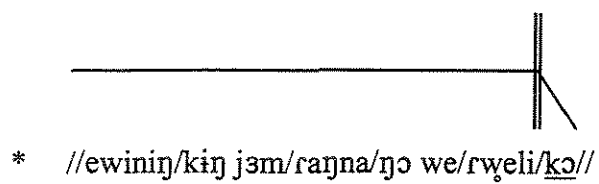
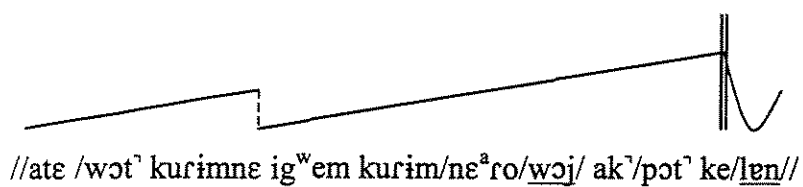
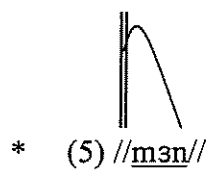
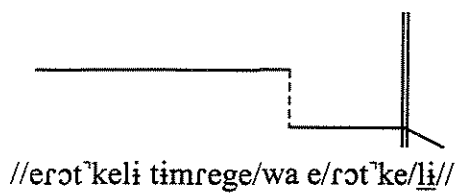
//ekiriwemli<sup>w</sup>o/kebi/mɔ//



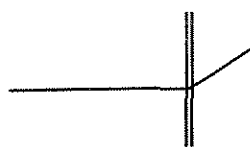
\* //ake/rek<sup>ʔ</sup> paran/ti arajmɔ jawu/lu arajmɔ jam/pɔraj/mɔ//



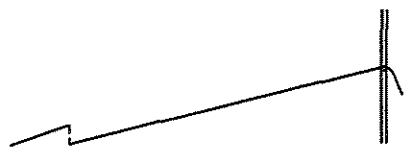
(6) //ket<sup>ʔ</sup>pot<sup>ʔ</sup>/ke mɜn imɔ /mɜn im/renpin/pɛ//



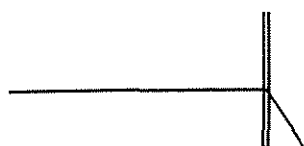




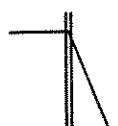
//ara kutʰ/keʰ/ pajŋ//



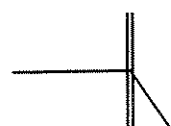
//ate a/te jajnkutʰ/keʰ/ pomne/riŋ//



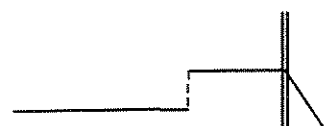
//^ganin jajn/kutʰ/keʰ/ pom//



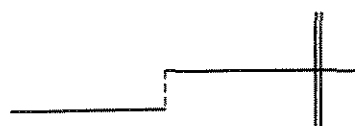
(22) //ate/ga//



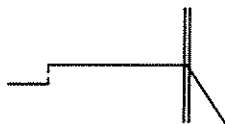
//keliŋmə /mən//



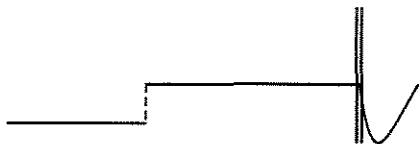
//etʰporeliŋmə /mən i/nat//



\* //ero/liŋmə /mən gʷakʰ/tʃi//



// $\wedge$ i/g<sup>w</sup>eŋg<sup>w</sup>ak<sup>ˀ</sup>/tʃi//



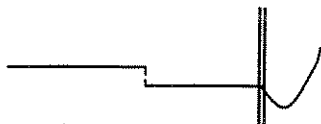
\* //eɾoliŋ/mɔ aŋtɛmɛ/ɓliŋmo /mɜn//



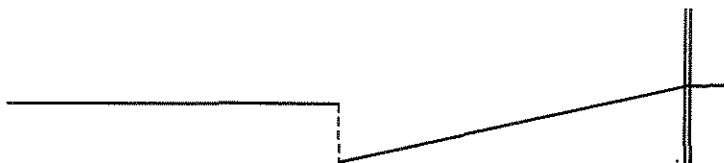
(23) //am<sup>i</sup>nɜm am<sup>i</sup>nɜm am<sup>i</sup>/nɜm alama /wɔk//



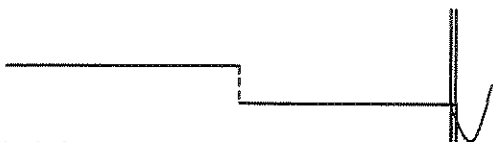
//ototɔ momru wɔk jajwili /wɔk pilaw /wɔk//



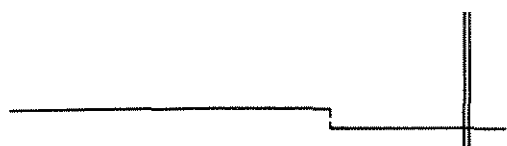
(24) //am<sup>i</sup>nɜm /mɜnmɔ /mɜn//



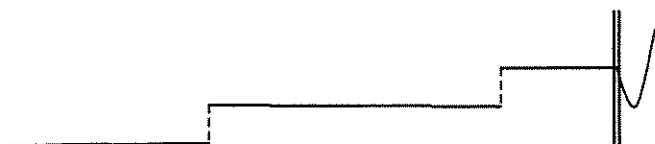
(25) //ɜŋtɛmɛ/ɓlɛn ewiniŋ/kiŋ piɾiŋ piɾiŋ pi/riŋ paŋɛp<sup>i</sup>/kɔ//



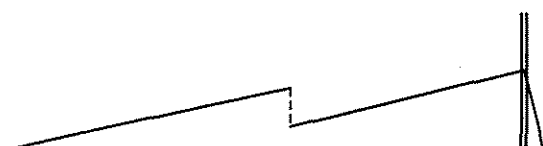
// $\wedge$ i/ripijka aramɔ/ge ewiniŋ/kiŋmo /mɜn//



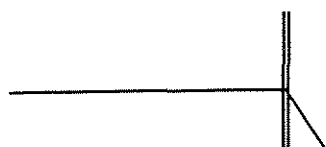
//<sup>^</sup>tiwiniŋ/kiŋ neri ga/nin imomɔtat<sup>ʔ</sup>/ket<sup>ʔ</sup>//



(26) //<sup>^</sup>tu/gutugut<sup>ʔ</sup>/kat aŋtelən uŋ/nut eŋruli /pajŋ ke/lən//



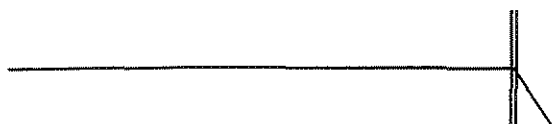
//<sup>^</sup>ti/winiŋkiŋ/na mun/tɔ ajnku/rem mun/tɔ//



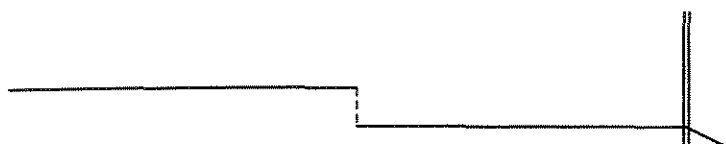
//ajnku/rem eŋru eŋru/li//



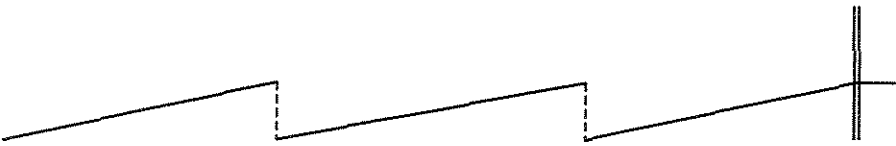
//eŋruli a/ri eŋru/li /pajŋ ke/lən//



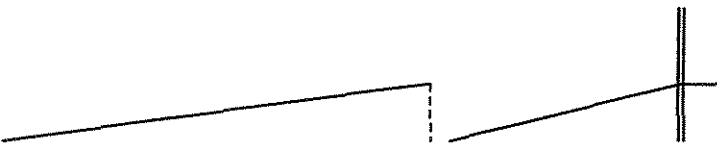
(27) //mani /mɛn enamti/liŋmɔ /mɛn e/winiŋ/kiŋ//



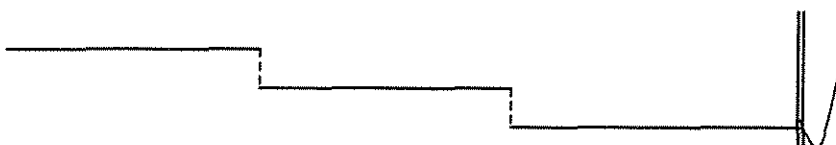
\* //<sup>^</sup>ti/nɛriŋ/mɔ awi/liŋmɔ /mɛn ewiniŋ/kiŋ ajn/kut po:<sup>w</sup>/gɛ//



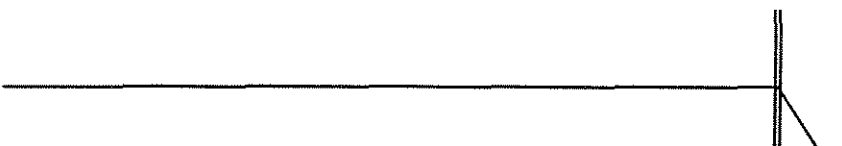
//kajba ajn/kut po:<sup>w</sup>/ge moɓje ajn/kut po:<sup>w</sup>/ge ɓabin/ri ajn/kut po:<sup>w</sup>/ge//



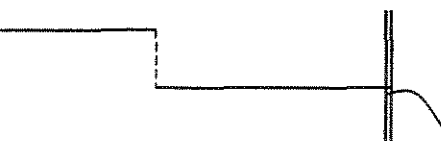
//tupa/ra komo/to<sup>w</sup>m ajn/kut po:<sup>w</sup>/ge riɓk ajn/kut po:<sup>w</sup>/ge//



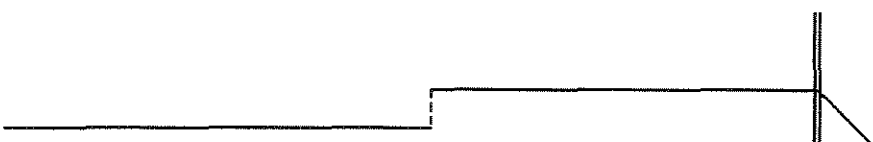
(28) //^mun/to ajnku/rem mun/to ajnku/rem mun/to ajnku/rem ke/len//



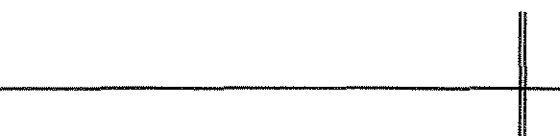
\* //uɓnu/reɲ<sup>w</sup>ak<sup>ʔ</sup>/tʃi ɓutɛp<sup>ʔ</sup> /ɓak<sup>ʔ</sup> egak<sup>ʔ</sup>te/len tiwim/k<sup>w</sup>en pa<sup>ɛ</sup>n/tup<sup>ʔ</sup>//



//^tim/tu tim/tu tim/tu tim/tu e/je//



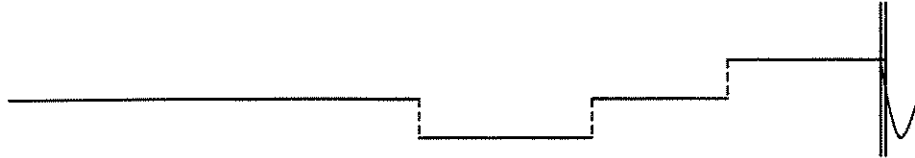
//^ti/muɲ kut<sup>o</sup>/ren garamen/tit<sup>ʔ</sup> ero/len te/reɲteɲ/len tiwak<sup>ʔ</sup>/tʃin /rik//



//eneɲ/len timuɲka/tu tirigit won/ɓ<sup>w</sup>anum/len//



//iwim/k<sup>w</sup>en paren/tup<sup>ˀ</sup> tek<sup>ˀ</sup>tuk<sup>ˀ</sup> am/teko<sup>w</sup>ε/len//



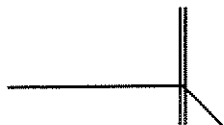
//^ap/tʃim tonpiŋ/niŋ pi/tik teŋ/len ta/ləm/tona ta/ləmto/na ta/ləmto/na//



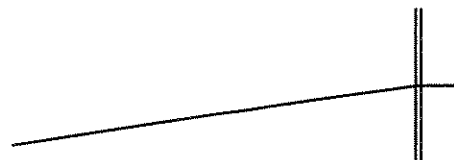
(29) //awi/len wɔrajn/kut<sup>ˀ</sup> po:<sup>w</sup>/ge wi/len kaj/ba//



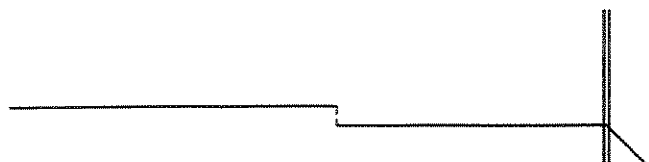
\* //^ajn/kut po:<sup>w</sup>/ge mun/to a/inku/rem nen/to a/inku/rem nen/to a/inku/rem nen/to a/inku/rem//



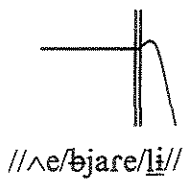
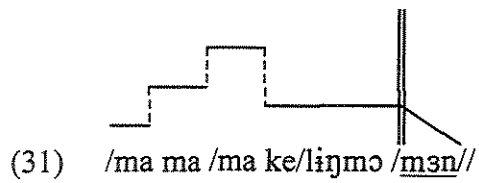
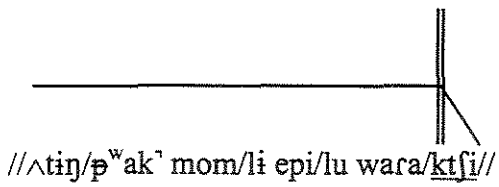
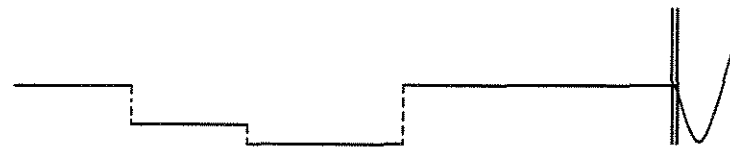
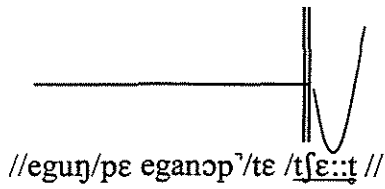
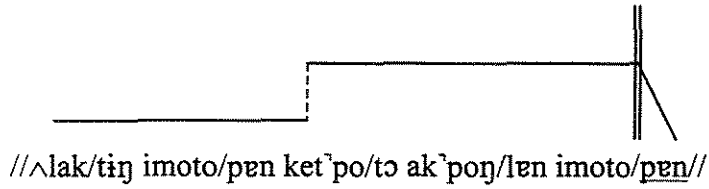
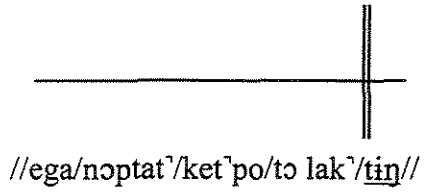
(30) //ikoto/wɔ wa/rap//

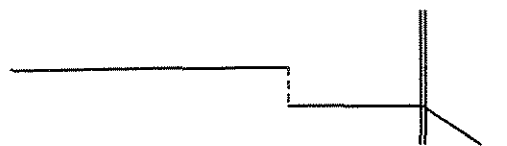


\* //ikoto/wɔ wara/b<sup>w</sup>ot e/jeŋru/li a/ri//




//^e/winiŋ/kin timotopen/ke piwi/wi ajnku/rem /wot<sup>ˀ</sup>//

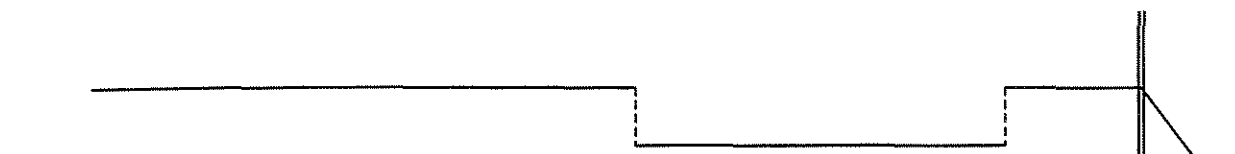





//i/tiŋ kurajn/kutʰke/li ke/liŋmo /mən//




\* //e/winiŋ/kiŋ a/tɛ mun/to ku/tʃimomitʰ/ka nen/to ku/tʃimomitʰka/napʰ//



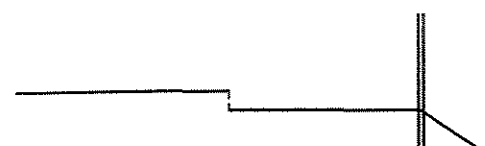
\* //awi/liŋmo /mən imomitʰ/ketʰ poroge /wotʰ imomitʰketʰporo/gejmo/mitʰke/liŋmo /mən//



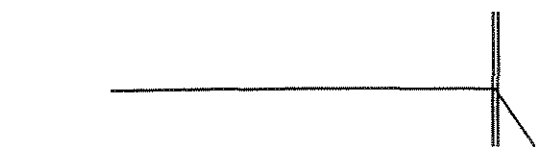
\* //e/jeŋ/akʰpumu/li ga /geŋpe/nəŋ ke/lən uŋ/nut//



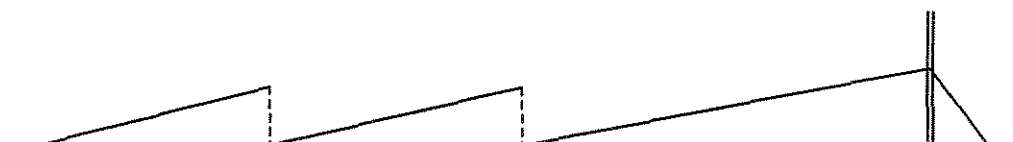
//pupʰ/tanme/lən jat/pin to/romom/lən//



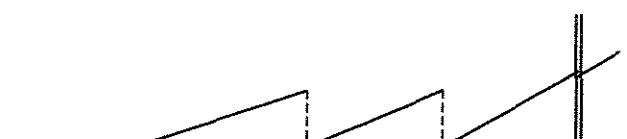
//o/ɕɔ warakʰ/tʃi tow/ɕi warakʰ/tʃi//



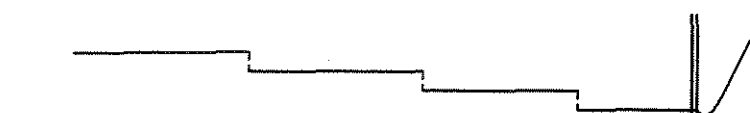
(32) //awi/liŋmo /mən jɛpʰ/kənpeŋ/ɛt//




//ket po:<sup>w</sup>/ge noŋet /ket po:<sup>w</sup>/ge noŋ/et ke/liŋmə /mən ak/tatke/liŋmə /mən/



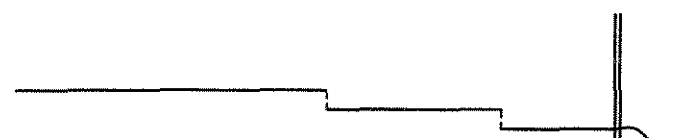
(33) //Otupi/lən e/to i/wək e/to iwa/rap e/to/



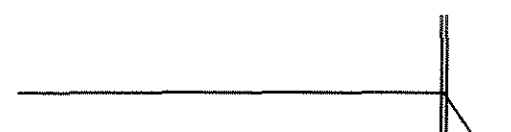
\* //imiŋ/tet ti/ne miŋ/teti/ne miŋ/teti/ne miŋ/teti/ne/




\* //a/ko timiŋ/təno/le/



//ekiri/nommiŋ/tet<sup>ʔ</sup> ti/ne imiŋ/teti/ne miŋ/teti/ne/




//tara/gat<sup>ʔ</sup> e/gak<sup>ʔ</sup>te/lən inu/non nu/no/

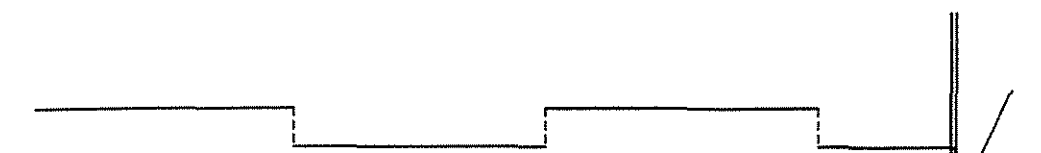


//waŋ munot<sup>ʔ</sup>/pe /kun o/ren ugu/re munot<sup>ʔ</sup>/pe munot<sup>ʔ</sup>/pe mnɔt<sup>ʔ</sup>/pe not<sup>ʔ</sup>/pe/

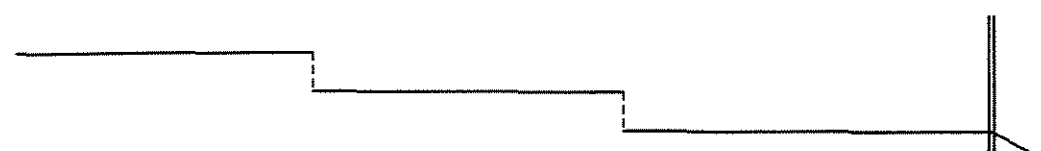




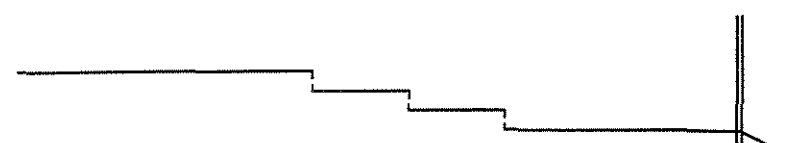
//u/ro munot'<sup>ˈ</sup>pe im/rere/li im/rere/li//




//otupi/len munot'<sup>ˈ</sup>pe kun/ten otupit'<sup>ˈ</sup>pot' enen/tup' munot'<sup>ˈ</sup>pe ke/liɲmo /mɛn//




//mun/to ke/liɲmo /mɛn mun/to ke/liɲmo /mɛn mun/to ke/liɲmo /mɛn mun/to//




//timjen moŋ/ne otupili ugu/ro oguro ugu/ro<sup>ʷ</sup> guro<sup>ʷ</sup> gu/ro//




//iwarəb i/mo warəb i/mo warəb i/mo warəb i/mo//




//kururi/ku warəb i/mo kururi/ku warəb kururi/ku wa/rap'//



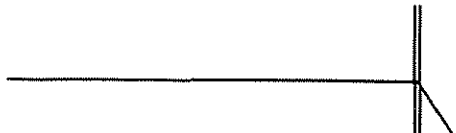
(34) //imrere/eli ugu/re wən araru ime/re ugu/re//



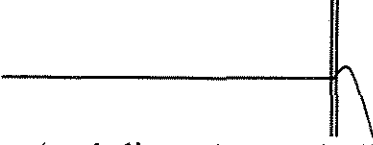
//araru etpemtʃi e/tə ugure e/tə keliŋmo /mən//




//e/əjan keliŋmo /mən imrəŋmo iwim/nə iwimne iwim/nə//




(35) //mawə miget /mən tale i/tup pet/kom//



//ma/wə keliŋmo /mən eŋ/na//



//a/ratəru /mən//



//tumen oe/rətpəŋetke/rit tale mi/tup//

## DADOS EXTRAÍDOS DE CONVERSAS INFORMAIS

## PRIMEIRO TRECHO

Conversa gravada junto ao Cacique Melobo Ikpeng

Assunto: Participação dele numa reunião sobre Ecoturismo, no PI Leonardo Vilas-Boas.

Dado coletado em 12/11/1999, por Cilene Campetela.

Tradução:

Vou lá só ouvir  
A minha ida será por eles  
onde eu nasci, onde eu cresci  
por onde eu andei  
quando eu falar,  
falarei por onde.  
eu imaginava que iam mandar  
por isso, eu sou subordinado  
é assim que você fica quando eles te pegam  
quando eles te chamam  
Eu só vou escutar, é.  
Eu não vou falar nada  
vou ficar observando  
se eles falarem comigo, eu vou explicar  
quando eles me ouvirem, vou explicar  
vou expor minha palavra assim:  
você não pode falar isso  
você mente, nós acreditamos  
eu, eu sou aquele que acredita  
e vocês usam demais sua palavra...  
vocês falam demais...

TRANSCRIÇÃO FONÉTICA E TRANSCRIÇÃO PROSÓDICA  
DO RITMO E DO ACENTO

//a/ko jere/ɲut<sup>i</sup>'kent/rap//

//ug<sup>i</sup>'emi/na ka/rɛp<sup>i</sup>'towɔ /gɛ//

//gɛt<sup>i</sup>'pɛmtowɔ/pin garemaɲ/ɛtpon/pin//

//karentat<sup>i</sup>'/kɛt<sup>i</sup>'pon/pin to/lon ige/rup<sup>i</sup>'//

//u/rɔ jɪt<sup>i</sup>'pin /mɛn e/remkom/pɛ//

//mɛn itowɔ/ge<sup>w</sup>rɔ /mɛn ɛnporon/nɛ//

//mi/getumən taɲku/remto/wɔ//

//tap`kap`temto/wɔ//

//jerəŋ/etkerirap/tʃi /ɔ://

//imtanpɔk pe/əa kurəm/nɛ//

//rik /mən etʃap`tʃi//

//i/na imtarum/tuθ<sup>w</sup>oŋne e/to imtarum/tʃi//

//ike/ru <sup>bw</sup>oŋne ja/nɔp`tom/tit//

//impuri/rem i/na <sup>s</sup>im/ten//

//eŋkut<sup>h</sup>ke/<sup>w</sup>a kurem/tfi//

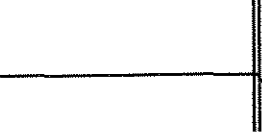
//alo/mo kut<sup>h</sup>ke/ba kureŋ/tfi//

//i<sup>h</sup> i/get<sup>h</sup>ke/ni//

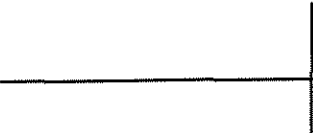
//obik mujem /mən mi/ra//

//i/tin mujem /mən mi/ra//

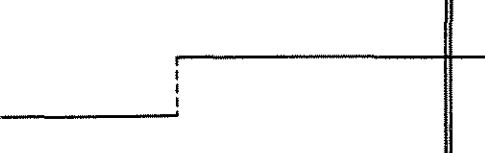
## TRANSCRIÇÃO PROSÓDICA DO CONTORNO MELÓDICO



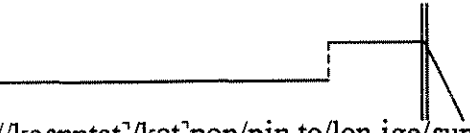
//a/kɔ jɛɾɐ/ɲutˈkɐntʰ/rap//



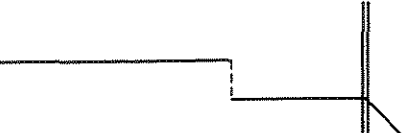
//ugʲɐmi/na ka/ɾɐpˈtoʋɔ/ɡɐ//




//ɡɛtˈpɐmtowɔ/pin ɡaɾɐmaŋ/ɛtpoŋ/pin//



//kaɾɛntatˈ/kɛtˈpon/pin to/lon iɡɐ/ɾupˈ//



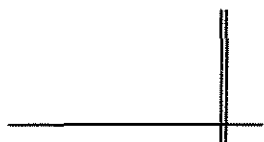
//u/ɾɔ ʝitˈpin /mɛn ɛ/ɾɐmkom/pɐ//



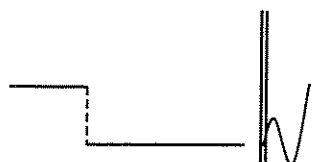
//mɛn itowɔ/ɡɛʷɾɔ /mɛn ɐnpɔɾoŋ/nɐ//



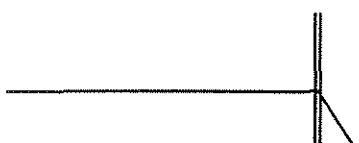
//mi/getumən taiŋku/remto/wɔ//



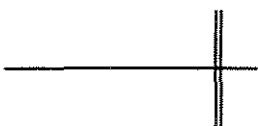
//tap<sup>ˈ</sup>kap<sup>ˈ</sup>/temto/wɔ//



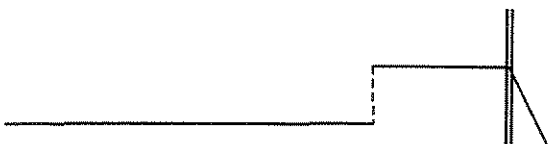
//jerəŋ/etkerirap/tʃi/ʔ̌//



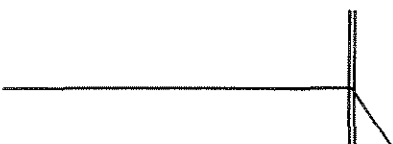
//imtanpək pe/əa kurem/ne//



//rik /mən etʃap<sup>ˈ</sup>/tʃi//




//i/na imtarum/tu<sup>ʰ</sup>oŋne e/to imtarum/tʃi//

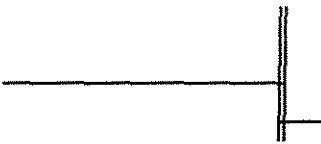


//ike/ru<sup>ʰ</sup>oŋne ja/nɔp<sup>ˈ</sup>tom/tit//

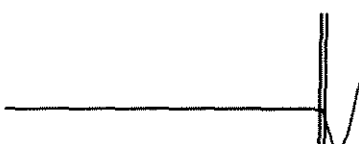





//impuri/rem i/na <sup>ε</sup>im/tən//



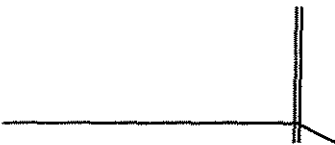
//eŋkut<sup>ˈ</sup>ke/<sup>w</sup>a kurem/tʃi//



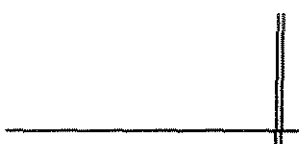
//alo/mo kut<sup>ˈ</sup>ke/ba kureŋ/tʃi//



//i<sup>h</sup> i/get<sup>ˈ</sup>ke/ni//



//ɔbik mujəm /mɜn mi/ra//



//i/tin mujəm /mɜn mi/ra//

## SEGUNDO TRECHO

Dado coletado junto ao Cacique Melobo.

Assunto: Durante o almoço, Melobo interrompeu nosso trabalho para conversar a respeito da falta de “mistura” para acompanhar os alimentos e falou sobre os jovens da aldeia que não querem caçar nem pescar.

Dado coletado em 15/11/1999, por Cilene Campetela.

## Tradução:

*Fala do Melobo para sua esposa:*

traz pouco

ela não come muito

tira só um pouco para ela

ela sempre fala que está satisfeita (de barriga cheia)

*Diálogo entre o cacique Melobo e eu:*

Eu: \_\_\_\_\_ Será que é verdade, pai?

Melobo: \_\_\_\_\_ É a (minha) verdade, filha: Não gosta de arroz. Não gosta de macarrão.

Eu: \_\_\_\_\_ Não! Eu gosto muito da comida!

Melobo: \_\_\_\_\_ Não sei, não...

*Discurso do Melobo:*

O cunhado não está lá

espera o cunhado chegar

Também não tem pescadores aqui

por que será que eles estão assim?

por que será que eu falo e eles não pescam?

Será que eles não têm família?

Têm família!

eu falo, eles não obedecem

eu falo sempre

quando eu falo, eles deitam

mostra força! - eu falo para eles

todos abaixam a cabeça

não fica com preguiça! - eu falo para eles

eles ficam com sono

tem que ficar vivo! - eu falo para eles

se eu falo, dá preguiça neles

Será que a comida vai se cozinhar?

Será que o beiju e o mingau vão se fazer?

Será que os animais vão se assar por nós?

será que o peixe vem por si próprio?

Será que a roça vai se derrubar?

Será que a roça vai se plantar por si própria?

os alimentos se plantam sozinhos?

TRANSCRIÇÃO FONÉTICA E PROSÓDICA  
DO ACENTO E DO RITMO

Fala inicial entre Melobo e sua esposa:

//pom/ri manɐpʰtʃi//

//ina pin/pɛ enapʰmɜn//

//walɔŋ/nɛ me/tʃi//

//totupiri/naŋ kenan /man//

Meu diálogo com Melobo:

//eremo/mɔ e/to pu/pa//

//erem u/ɾɔ mɛn u/ɾɔ pu/bi//

//tumək`pe/θra anaten/gri oŋ/na//

//tumək`peθra araiŋ/mo oŋ/na//

//impe im/pe//

//tumək pori/en i/na//

//ap`tama e/to//

Continuação da fala do Melobo:

//impe eba/rinket`pot`pin/pe /mun//

//eba/rinket`/pot` arep`tat`ka/nap`//

//im/pelontup` /men nen/to totʃi/ket`keren/mo<sup>w</sup>in/pe//

//arem/na mən /wəm e/to//

//jawineŋmo /ru mən e/to//

//ibem/pe kulo/gon e/to//

//a/kɔ kulo/gon//

//i/wen atʰ/kutʰpoŋ/ne//

//ke/ritʰ i/getʰ//

//jɛɾɛpʰ/tʃiŋ ni/ritʰ//

//warema/ɾetʰ ke/rikʰ//

//ige/ɾetʰ ɛŋneŋ/ne//

//minɛŋ/ne jemipʰko/titʰ//

//emjəmpin/pə mi/tik'//

//iget eɲnəɲ/nɛ//

//mənɔ/lɛ jɛrumni/rit'//

//tanɔg' mi/tik'//

//iget eɲnəɲ/nɛ//

//mina/nɛ jemiɲɲ/poɲnɔ/tit'//

//timɔ/nara/wit'ke/rem porɪ/na'//

//timo/na otʃiŋ/etʰke/rem//

//timo/na ɔrwɔ/li atkənɔp/tenj uŋ/wɔ//

//timo/na are/ɸli atkənɔpʰ/tenj u/wɔtʰ//

//timo/na a/rənkore/li//

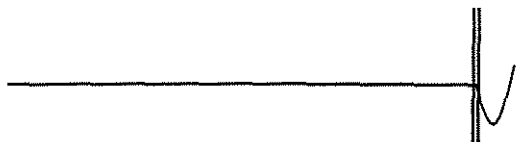
//timo/na ɔ/rəpiŋetʰke/li atʰkə/nɔpʰ/tenj//

//atkanɔp/tatkerem/konj e/tɔ porɪ/vŋ//

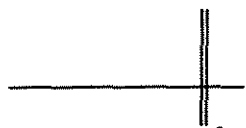


# TRANSCRIÇÃO PROSÓDICA DO CONTORNO MELÓDICO

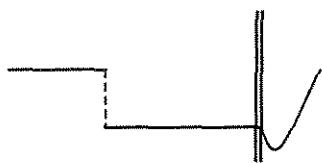
Fala inicial entre Melobo e sua esposa:



//pom/ri manɛp`tʃi ina pin/pe enap`/mɜn//

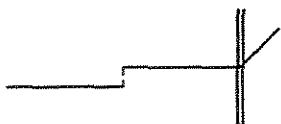


//walon/ne me/tʃi//



//totupiri/nɛŋ kenɛŋ /mɜn//

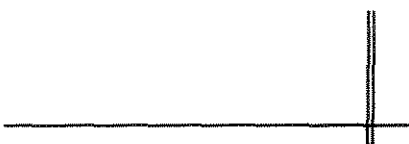
Meu diálogo com Melobo:



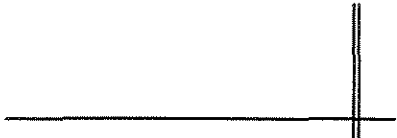
//eremo/mo e/to pu/pa//



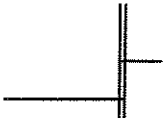
//erem u/ro mən u/ro pu/bi//



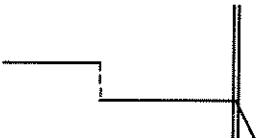
//tumok`pe/bra anaten/gri on/na//



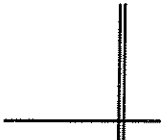
//tumək`peəra araiŋ/mə oŋ/na//



//impe im/pe//

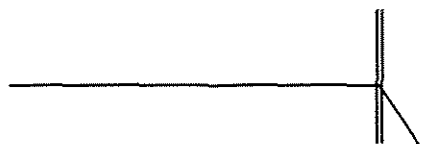


//tumək pori/en i/na//

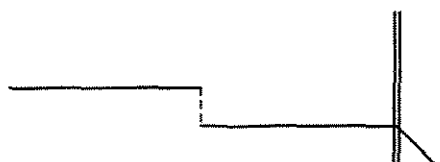


//ap`tama e/tə//

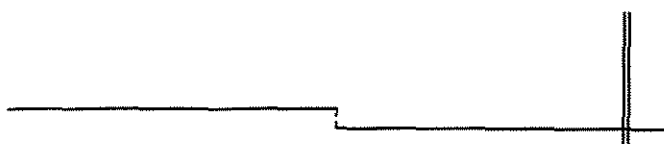
Continuação da fala do Melobo:



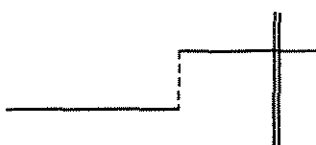
//impe eba/rinket`pot`pin/pe /mun//



//eba/rinket`/pot` arep/`tat`ka/nap`//



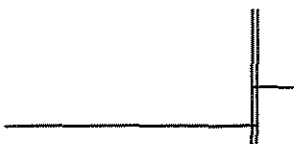
//im/pelontup` /men nen/to totfi/ket`keren/mo<sup>w</sup>in/pe//



//arem/na mən /wəmə e/tə//



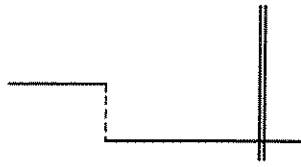
//jawinənmo /ru mən e/tə//



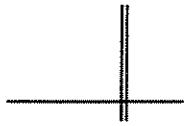
//ibem/pe kulo/gon e/tə//



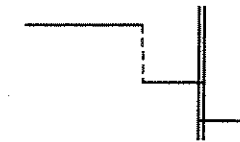
//a/ko kulo/gon//



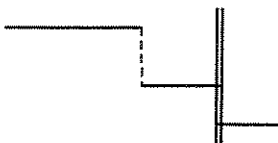
//i/wen atʰ/kutʰpon/ne//



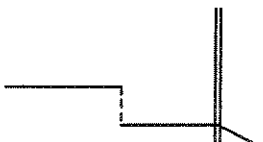
//ke/ritʰ i/getʰ//



//jerɛpʰ/tʃiŋ ni/ritʰ//



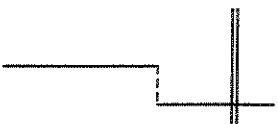
//warɛma/retʰ ke/rikʰ//



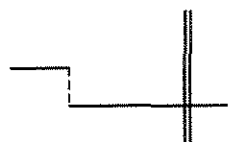
//ige/retʰ ɛŋnɛŋ/ne//



//minɛŋ/ne jemipʰko/titʰ//



//ɛmjɜmpin/pɛ mi/tikʰ//



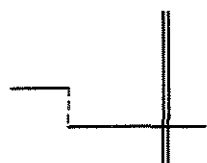
//iget eɣnɐŋ/nɛ//



//mɛno/lɛ jɛrumni/rit//



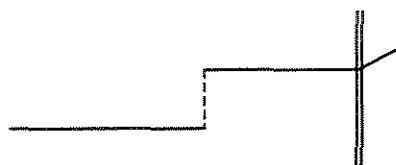
//tanɔg' mi/tik'//



//iget eɣnɐŋ/nɛ//



//mina/nɛ jɛmiɐŋ/poŋno/tit'//



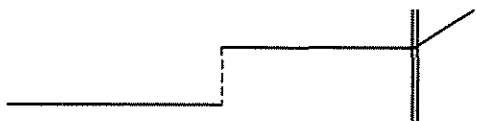
//timo/nara/wit'ke/rem porɪ/na//



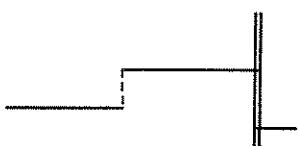
//timo/na otʃiŋ/ɛt'ke/rem//



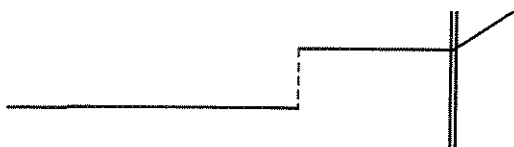
//timo/na ɔrwɔ/li atkənɔp/teŋ uŋ/wɔ//



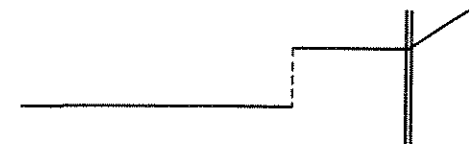
//timo/na are/ɸli atkənɔp<sup>ˈ</sup>/teŋ u/wɔt<sup>ˈ</sup>//



//timo/na a/rɛnkɔɛ/li//



//timo/na ɔ/rɛpɪŋɛt<sup>ˈ</sup>ke/li at<sup>ˈ</sup>kɛ/nɔp<sup>ˈ</sup>/teŋ//



//atkanɔp/tatkerem/kɔŋ e/tɔ porɪ/ɛŋ//

## IV

## ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS PROSÓDICOS DA LÍNGUA IKPENG

O modelo prosódico utilizado neste trabalho foi baseado em Halliday (1970), Cruttenden (1970), Cagliari (1981) entre outros, que desenvolveram modelos prosódicos a partir de duas características do enunciado: o pé rítmico e o acento; as quais são responsáveis pela formação do grupo rítmico e do contorno melódico.

## IV.1. A Estrutura Rítmica

Pretende-se demonstrar, como já foi brevemente tratado no capítulo II, que a língua Ikpeng possui três características acentuais distintas, formadoras da estrutura rítmica. Na formação dos pés rítmicos está presente o acento de altura (*pitch*); o acento de intensidade (*loudness*) é delimitativo do Grupo Tonal, cuja sistematicidade é previsível: sempre na última sílaba do enunciado (Emmerich, 1972); a duração é responsável pela entonação atribuída ao enunciado.

Este sistema acentual produz uma regularidade enunciativa que sugere que o Ikpeng seja classificada como uma língua de ritmo tonal por possuir um sistema de variação de altura

em todas as sílabas que compõem o pé rítmico e, conseqüentemente, o Grupo Tonal, como se demonstra adiante.

#### IV.1.2. O Acento

Segundo Cruttenden (1970), o acento sofre variações influenciadas pela intensidade (loudness), pela altura (pitch) ou pela duração da sílaba (length). Este tipo de classificação dos acentos, embora não faça parte da ortografia das línguas, é um importante recurso para generalizar o aspecto acentual das palavras (*word-stress*) que compõem o léxico destas línguas:

“Many languages have word-stress regularly in a certain position on almost all words (...) The stress marks on the above words are not, of course, included in the ordinary orthography of these languages. Nor do the examples given tell the whole story for the languages concerned.” (p. 17)

Neste âmbito, a Língua Ikpeng é constituída exclusivamente por palavras oxítonas, já que o acento lexical é previsível e recai sempre na última sílaba da palavra. Este fato faz com que o critério prosódico seja elemento definidor da segmentação de enunciados maiores que palavras em palavras, tendo em vista que o Ikpeng não possui ortografia. Este assunto será tratado no capítulo VI desta tese.

Definido foneticamente, o acento possui outras características tais como: estabelecer limites enunciativos através de grupos rítmicos, atribuir-lhes sentido, considerando-se a atitude do falante (no nível pragmático) etc.



No caso da língua Ikpeng, ocorrem dois tipos diferentes de acento num mesmo enunciado: um de intensidade e outro de altura. Esta não é a primeira vez em que se observa este fenômeno, conhecido como *stöck* (Registro), nas línguas do mundo.

No Dinamarquês (cf. Engberg-Pedersen, 1996) ocorreu do acento de altura recair sobre a base, denotando um recurso morfológico; e o acento de intensidade recair no final do enunciado, delimitando o final do grupo rítmico. Segundo Engberg-Pedersen (1996), por influência de outras línguas, a Língua Dinamarquesa vem perdendo esta característica prosódica.

Em Ikpeng, os dois níveis acentuais se correlacionam em *degraus*, nas sílabas proeminentes, ou seja, cada função acentual é diferente. Estes degraus obedecem uma hierarquia, em que o acento de intensidade é considerado primário, pois invariavelmente ocorre na última sílaba do enunciado, delimitando o grupo rítmico; o acento de altura é interpretado como secundário, porque estabelece uma relação prosódica de dependência com o primário, na definição da proeminência enunciativa. Ele não tem a característica de recurso morfológico, como se poderia supor.

Em alguns casos, o acento de duração deve ser considerado terciário, por ser responsável pela função entonacional que, por sua vez, denota a intenção da fala no discurso, através das mudanças do contorno melódico, responsável pelos tons primários e secundários (cf. Entonação do Ikpeng). O acento de duração ocorre na mesma sílaba do acento de intensidade, prolongando-se o núcleo vocálico da mesma.

As sílabas átonas, ou não salientes, são aquelas que não recebem nenhum tipo de proeminência prosódica e, ao mesmo tempo, ocupam o primeiro nível (Baixo) da pauta

acentual, em Ikpeng. Estas não interferem no padrão acentual, mas corroboram o padrão entonacional para a formação de contra-picos<sup>1</sup>.

Uma sílaba saliente é geralmente mais longa do que uma não saliente, particularmente se a última tiver uma vogal central. A tendência, geralmente, é produzir a sílaba não saliente com maior velocidade do que uma sílaba não proeminente qualquer de um grupo rítmico.

São estas duas características que ajudam a indicar a presença de uma fronteira entre dois grupos rítmicos: ser uma sílaba átona e iniciar um pé. A motivação para a ocorrência do contra-pico é a anulação de um encontro de sílabas salientes.

Para Cruttenden (1970), todas as evidências sugerem que a proeminência e o número de sílabas influenciam o ritmo do enunciado. Porém, para a Língua Ikpeng, o fator mais importante não é o número de sílabas, nem a proeminência, mas sim o padrão feito em cada seção rítmica, com sílabas salientes, contendo vogais tônicas, e sílabas não salientes, contendo vogais átonas.

Portanto, em Ikpeng, ao mesmo tempo que a sílaba de acento Médio a Alto indica o limite do pé rítmico com um pico, à direita, a sílaba de acento Meio Baixo a Baixo indica o contrapé rítmico, à esquerda, responsável pela formação do padrão rítmico do enunciado.

Como as sílabas salientes e não salientes são interpretadas segundo sua altura e, conforme foi descrito, elas interferem no padrão rítmico da Língua Ikpeng, determinou-se então que o padrão prosódico da Língua Ikpeng é entendido como *Padrão Rítmico Tonal*.

Nos exemplos abaixo, observam-se três tipos de sílabas consideradas proeminentes, conforme o acento que recebem. O acento de altura, indicado pelo símbolo “˘”, varia entre cinco níveis, marcados na pauta: Alto, Meio Alto, Médio, Meio Baixo e Baixo. O acento de

---

<sup>1</sup> Entende-se por *contra-pico* a sílaba não saliente que antecede o pico de altura ou de intensidade.

intensidade ocorre na sílaba mais alta do último pé rítmico, à direita do enunciado e é marcado pelo símbolo “ ”.

O acento de duração, quando ocorre, é indicado pelo símbolo de ascendência “/” ou descendência “\”, tendo em vista que ele demonstra uma variação significativa do contorno melódico, criando um tom secundário para o enunciado. A marca “-” indica que a duração é neutra, ou seja, não é pertinente para o contorno melódico do enunciado e, conseqüentemente, o tom enunciativo será primário, sem prolongamento vocálico do núcleo da última sílaba.

Contudo, a transcrição do acento que se apresenta neste trabalho (cf. capítulo III), baseada e adaptada do modelo de Halliday (1970), Cruttenden (1970) e Cagliari (1981), não tem a intenção de transcrever tons – porque, como já foi dito, Ikpeng não é uma língua tonal; nem ritmos – porque estes estão relacionados ao grupo rítmico e entonacional. Na verdade, a variação que se dá no nível do acento é significativa, para esta análise, porque, em Ikpeng, ela é sistemática, formando a base através da qual se aplicam os aspectos prosódicos, respeitando a hierarquia: intensidade, altura e duração; como se notam nos exemplos:

5)

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

impe kuremli

6)

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

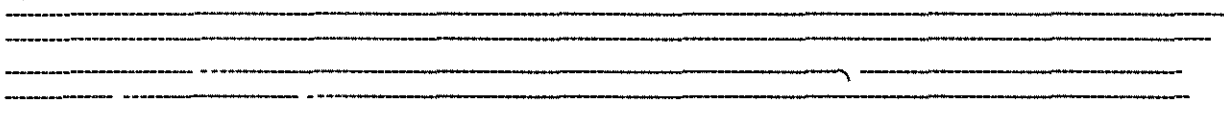
ami<sup>h</sup>impe imo ami<sup>h</sup>empe imo ami<sup>h</sup>empe imo ami<sup>h</sup>empe mo mən

7)



erɔtˈkeli timregewa erɔtˈkeli

8)

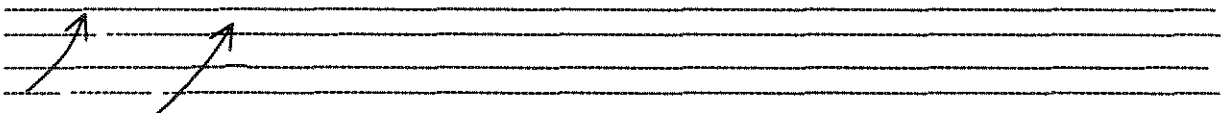


kajba ajnkut po:ˈwge mɔɓje ajnkut po:ˈwge ɓaɓiŋri ajnkut po:ˈwge

Por estes exemplos, observa-se que a sistematicidade dos acentos determina um ritmo padronizado que se estabelece entre sílabas salientes e não salientes, impedindo a formação de um pé com mais de uma sílaba saliente. Isto não significa que todo enunciado possui o mesmo padrão rítmico, pois causaria uma monotonia enunciativa que não é comum à oralidade; mas, cada enunciado possui um padrão de ritmo interno regular, ou seja, o ritmo impõe o padrão de acentos ao enunciado.

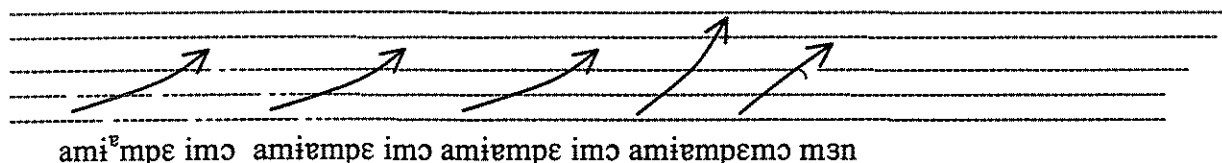
As setas, nos dados abaixo, mostram o acompanhamento melódico estabelecido pelo ritmo, como foi dito anteriormente:

5')

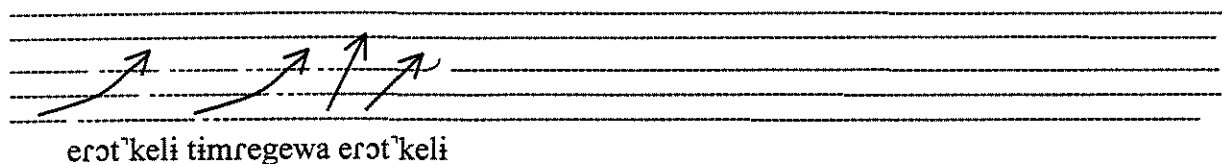


impe kuremli

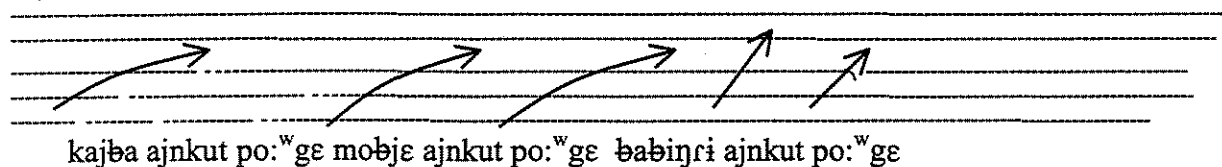
6')



7')



8')



Como é possível observar nos exemplos selecionados das transcrições do anexo 1, a narrativa em Ikpeng é repleta de repetições. O fenômeno da repetição atribui um aspecto de enumeração ao enunciado e, de fato, a fala Ikpeng segue um padrão enumerativo de turnos, recurso que sistematiza o enunciado através dos picos e contra-picos causados pela altura dos acentos.

Os dados acima demonstram que a regularidade da variação acentual não é aleatória e nem depende do acento lexical. Esta regularidade interfere na determinação do padrão rítmico-tonal, formando os pés rítmicos em cada enunciado, como se observará na análise a seguir, no próximo tópico.

#### IV.1.3. Pés Rítmicos

A padronização dos acentos prosódicos permite identificar os pés rítmicos dos enunciados, em que cada pé que possuir um acento saliente de altura Média, terá outras sílabas de acento não proeminente (de altura Menos Baixa e Baixa) em sua composição. Estas são formadoras dos contra-picos de altura do enunciado.

Dentro de um pé rítmico o acento mais saliente pode estar no nível Meio Baixo e este fato não impede que outro acento não saliente esteja no mesmo nível, ou no nível Baixo, tendo em vista que um pé com esta formação é relevante para enfatizar o contra-pico do Grupo Tonal, ainda mais se tiver, de fato, a sílaba não saliente de nível Baixo.

O acento de intensidade permite delimitar os enunciados, formando os Grupos Tonais que compõem a fala contínua. O pé formado por este acento, sempre o último do enunciado, pode sofrer modificações com relação a duração, estabelecendo diferentes entonações ao Grupo Tonal, principalmente porque envolverá variações do contorno melódico.

Portanto, considerando-se esta descrição e utilizando o modelo proposto por Halliday (Cf. *Objetivo*), as transcrições dos pés rítmicos dos exemplos supracitados são assim definidas:

5") //^im/pe kurəm/li//

6") //^ami<sup>o</sup>mpe i/mo amiempē i/mo amiempē i/mo amiem/pemo /mən//

7") //^e/rot<sup>o</sup>ke/li timrege/wa e/rot<sup>o</sup>ke/li//

8") //^kaj/ba ajn/kut po:<sup>w</sup>/ge moɓje ajn/kut po:<sup>w</sup>/ge ɓaɓiŋ/ri ajn/kut po:<sup>w</sup>/gɛ//

Em Ikpeng, um Grupo Tonal comumente se inicia por uma sílaba não saliente, cuja altura pode ocupar os níveis Baixo ou Meio Baixo. Não há registros de um grupo rítmico formado por pés que tenham acento de altura Médio ou superior, no início do Grupo Tonal.

Considerando-se, o início do enunciado, no exemplo (5''), é possível constatar que a sílaba {a-} está no nível Menos Baixo enquanto que {-mɛm-} está no nível Baixo. Nesta tese, estes casos são considerados *Anacrusis*, tendo em vista que tanto o nível Baixo quanto o nível Menos Baixo são considerados não proeminentes, relevantes na formação do contra-pico do pé rítmico.

O exemplo dois é formado segmentalmente pela tripla repetição de uma mesma seqüência sonora, a qual compõe uma oração em Ikpeng. Observa-se por esta repetição que, no final do enunciado, na quarta repetição, ocorreu um ajuste morfológico devido a dois fatores: Primeiramente, houve o acréscimo de uma partícula {mən}, à qual coube o acentoônico saliente, por estar no final do enunciado, fato que causou o deslocamento do acento da sílaba anterior que, antes, era a sílaba tônica saliente dos pés precedentes. Em segundo lugar, a língua prevê um contra-pico acentual que anteceda o pico de intensidade, aquela sílaba que nas três primeiras repetição era proeminente: {mɔ}; passa para o nível Baixo.

A sílaba {i}, que ocupava o nível baixo, foi suprimida do último pé do enunciado e, conseqüentemente, o acento de altura passa para a próxima sílaba da direita, no enunciado: {pe}; não importando seu nível anterior de proeminência (Meio Baixo) que passa a ser Alto, com o ajuste sofrido pela presença da partícula.

Desta forma, mostra-se que a presença de um padrão acentual, preestabelecido pela relação entre o acento de altura e o de intensidade é fundamental no estudo morfológico do

Ikpeng. Para melhor visualizar esta mudança ocorrida no nível segmental, condicionada pelo acento, comparam-se o final do primeiro pé rítmico com o final do último pé rítmico do enunciado (5''):

6')

6'') //^ami<sup>v</sup>mpe i/mo/ | amiempe i/mo/ | amiempe i/mo/ | amiem/pemo /m3n//

a                      b                      c                      d

6''a) //^ami<sup>v</sup>mpe i/mo//

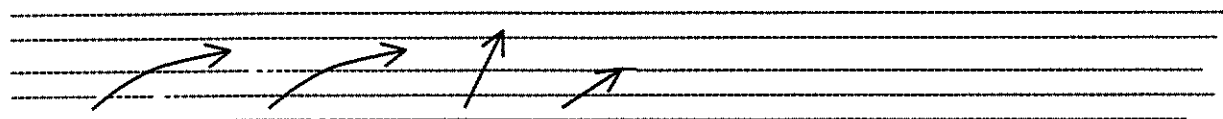
6''d) //^amiem/pemo /m3n//

Comparando-se, ainda, o último pé dos enunciados, nos exemplos (5'), (6'), (7') e (8'), supracitados; nota-se que todos possuem um mesmo padrão final de acento responsável pelo *ritmo tonal* da fala Ikpeng. Este não é o único padrão que ocorre em final de enunciados, em Ikpeng, que se estabelece pela relação entre os dois acentos prosódicos, mas é o mais recorrente.



Para analisar outros exemplos de ajuste morfológico condicionado pelo acento, sem repetição do mesmo item lexical, compara-se com a proposta ortográfica, a fim de constatar que houve supressão de segmento na forma fonética:

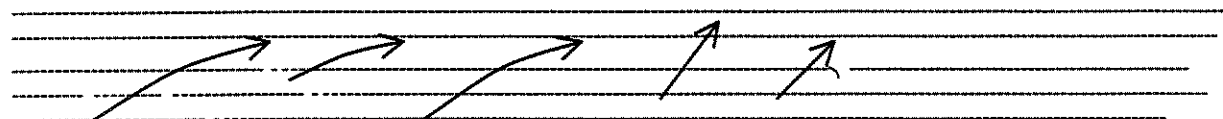
9)



//<sup>h</sup>awi/liŋmo /mɜn ewiniŋ/kiŋ ajn/kut<sup>ʔ</sup> po:<sup>w</sup>/gɛ//

Escrita: Awīlīngmo man ewiningkīng aynkut **poroge**.

10)

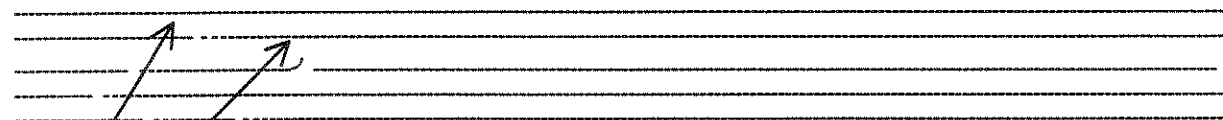


//uŋnu/reŋ<sup>w</sup>ak<sup>ʔ</sup>/tʃi pʊtɛp<sup>ʔ</sup> /bək<sup>ʔ</sup> egak<sup>ʔ</sup>te/lɛn tiwim/k<sup>w</sup>ɛn pa<sup>ɛ</sup>n/tup<sup>ʔ</sup>//

Escrita: Ungnureng waktxi putep wak egaktelan tiwīmkwan **parantup**

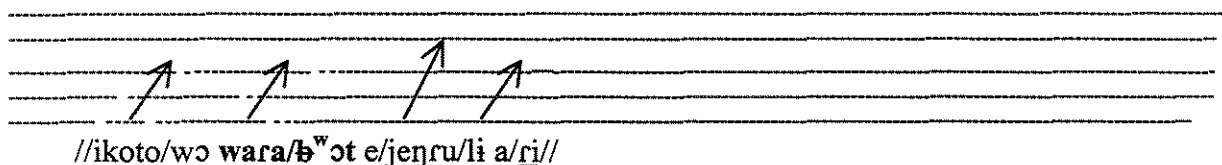
Nos dois exemplos a seguir, observa-se a mudança do acento no item lexical [wa<sup>h</sup>rap], quando este ocupa diferentes posições no enunciado, sendo que no exemplo (12) ocorre um processo de ressilabificação de [wa<sup>h</sup>rap] e [l<sup>h</sup>wɔt], surgindo [warab<sup>w</sup>ɔt]:

11)



//ikoto/wɔ **wa<sup>h</sup>rap<sup>ʔ</sup>**//

12)



Estas manifestações prosódicas que se estabelecem no nível do ritmo, são muito perceptíveis na oralidade e permanecem perceptíveis na escolha de critérios que envolvem a formulação da escrita ortográfica alfabética da língua, conforme se observa pela variedade da segmentação de um mesmo item, em ambientes prosódicos distintos.

O assunto sobre problemas de segmentação da escrita não é novo, há vários estudos sobre isso para línguas que possuem ortografia. Portanto, a novidade está no fato da Língua Ikpeng não possuir um sistema ortográfico e, agora que os falantes se encontram nesta situação de implementar um sistema ortográfico, incorrem num problema de seleção de um critério. Os critérios prosódicos, morfológicos, sintáticos e semânticos têm passado por um processo de escolha hierárquico, como será mostrado no capítulo VI.

O próximo tópico, ainda sobre os aspectos prosódicos, versa sobre como a duração contribui para a variação dos tons, variando-se o contorno melódico. Estas ocorrências entonacionais são características fundamentais da Língua Ikpeng, no que diz respeito ao seu conteúdo semântico e pragmático.

## IV.2. Estrutura Entonacional

### IV.2.1. Tom e Contorno Melódico

A entonação é representada pelo contorno melódico que mostra o valor sintático, semântico e pragmático (pois envolve a intenção do falante) de um Grupo Tonal.

O contorno melódico se estabelece por curvas ascendentes ou descendentes, o que faz com que cada contorno melódico tenha um tom específico. Estes tons se dividem em dois grupos: tons primários e tons secundários.

Em Ikpeng, apresentam-se alguns tons, com base em dados de diálogos informais, tendo em vista que a narrativa de mitos ou as conversas formais possuem uma característica própria entonacional. Os turnos enunciativos se realizam através de pausas longas, geralmente obedecem a um padrão rítmico sistemático e um tom repetitivo.

Em Ikpeng, quanto menor a variação prosódica, maior a propriedade do discurso e maior o conhecimento do orador. Por este motivo, os contadores de história devem ser preparados. Eles não precisam de muito espaço físico porque permanecem sentados, movimentam-se para os lados somente quando é necessário indicar uma direção geográfica (apontando com o rosto ou com as mãos) ou um horário (mostrando a posição do sol ou da lua com o braço e a mão estendidos, apontados para um ponto do céu).

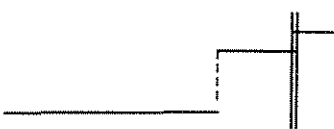
Atualmente, existem dois Ikpeng que podem ocupar este cargo de contador de histórias e, segundo a própria comunidade, serão os últimos que contarão as histórias Ikpeng como devem ser. Os antigos alegam que não há interesse dos jovens pelo treino da oratória.

Considera-se, portanto, que a característica prosódica mais relevante do discurso formal, em Ikpeng, é o ritmo, cuja sistematicidade funciona tal como apresentou-se na descrição do ritmo, anteriormente.

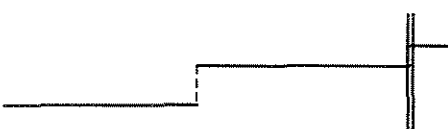
A entonação, muito marcante na fala informal, no cotidiano da comunidade Ikpeng, é repleta variações, ou seja, é muito comum um enunciado da fala informal iniciar-se por um tom baixo, e terminar em tom alto, quando se tratar de um enunciado interrogativo.

Utilizando a definição de *Dado/Novo*, proposta por Halliday (1970), quando há a topicalização sintática da informação nova, desloca-se esta informação para a esquerda do grupo rítmico. Com isso, restabelece-se a ordem dos constituintes daquele enunciado, recurso comum em Ikpeng, e o tom da informação nova permanece alto, seguido de um tom baixo, como mostram os seguintes dados:

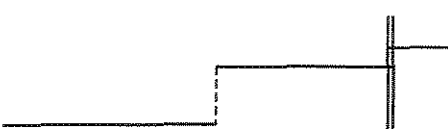
Tons interrogativos, início baixo e final alto:



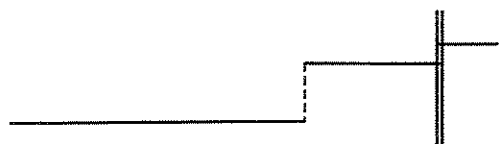
//jawiŋeŋmo /ru mɛn e/to//  
(vou bater neles, será?)



//timo/na ɔrwɔ/li atkɛnɔp/teŋ uŋ/wɔ//  
(por nós os animais vão se assar?)



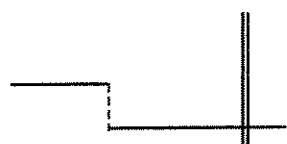
//timo/na are/ɛli atkɛnɔp<sup>7</sup>/teŋ u/wɔt<sup>7</sup>//  
(vem por si próprio, o peixe?)



//tɨmo/na ɔ/repɨŋet̃'ke/li at̃'kɐ/nɔp̃'/tɐŋ//

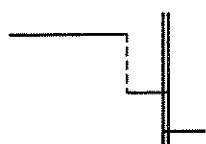
(por nós a roça vai se derrubar?)

Tons afirmativos com topicalização sintática, início médio ou alto e final médio ou baixo:



//i/wɐn at̃'/kut̃'pɔŋ/nɛ//

(minha fala, eles desrespeitam.)



//jɛɾɛp̃'/tʃɨŋ ni/rit̃'//


(na rede, eles deitam)



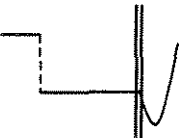
//tɨmo/na ɔtʃɨŋ/ɛt̃'ke/rem//

Como é possível observar, a direção do tom (ascendente ou descendente) não é relevante para a definição dos atos de fala enunciativos quanto à afirmação, interrogação e suas variações que denotam tons secundários. No entanto, a altura do contorno melódico está relacionada à sílaba proeminente. Quando o contorno mais alto coincidir com a sílaba de acento proeminente (a última do enunciado), o enunciado será interrogativo; se o contorno mais baixo coincidir com tal sílaba, o enunciado será afirmativo.

Por este motivo, é possível encontrar, em Ikpeng, um enunciado afirmativo com um contorno melódico de tom ascendente, que é considerado secundário por ser uma variação do afirmativo, que dá continuidade ao discurso, como se os grupos tonais compusessem um grupo maior, enumerativo:



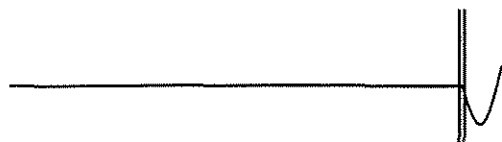
//totupiri/nɛŋ kenɛŋ /mɛn//  
(satisfeita, ela diz que está.)



//i<sup>h</sup> i/get<sup>ˈ</sup>ke/ni//  
(tudo bem, será minha fala)

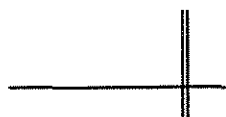
Em Ikpeng, quando se utiliza um tom descendente, muitas vezes ele envolve a intenção do falante de dar uma resposta explicativa, apesar de insinuar uma insegurança sobre a veracidade da explicação. Tanto é fato que o interlocutor se coloca em posição de retrucar a fala com uma expressão do tipo: [e,rɛm e'tɔ]? (Será que é verdade?) Ou, se tiver certeza da falta de veracidade do que foi dito, retruca a fala com a expressão: [a,lomo a'lo]! (Você está mentindo!)

Como é possível observar no trecho a seguir, extraído de uma conversa informal, a transcrição entonacional dos tons pelas curvas melódicas da Língua Portuguesa, como foi mostrado no Objetivo desta tese, é diferente da transcrição da Língua Ikpeng e, mesmo quando a transcrição for coincidente, a função que ela atribui ao enunciado ainda é diferente.



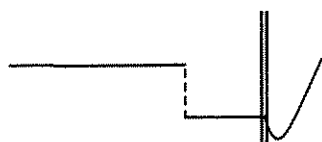
//pom/ri manɐp<sup>ˈ</sup>tʃi ina pin/pɛ enap<sup>ˈ</sup> /mɜn//

(Não traz muita comida.) – afirmando



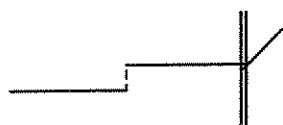
//walɔŋ/nɛ me/tʃi//

Tire pouca. - ordenando



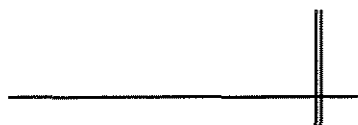
//totupiri/nɛŋ kenɛŋ /mɜn//

(satisfeita, ela diz estar) - afirmando



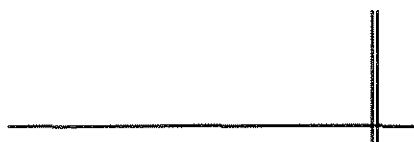
//eremo/mɔ e/to pɯ/pa//

(será que é verdade, pai?) - duvidando



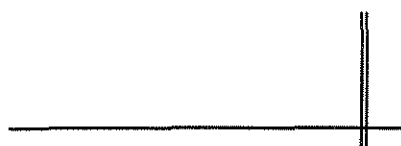
//erɛm u/rɔ mɛn u/rɔ pɯ/bi//

(eu estou falando a verdade, filha.) – afirmando, como resposta.



//tumɔk<sup>ˈ</sup>pɛ/bɾa anaten/gri ɔŋ/na//

(Arroz não é gostoso para você.) – respondendo.



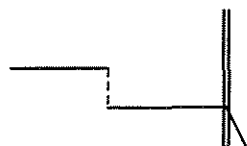
//tumɔk`pebra araiŋ/mɔ oŋ/na//

(Macarrão não é gostoso para você.) – respondendo.



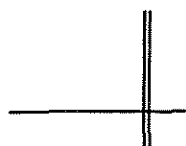
//impe im/pe//

(Não, não!) – contestando



//tumɔk porɪ/ɛn i/na//

(A comida é gostosa para mim.) – incerteza.



//ap`tama e/tɔ//

(Não sei, não...) – respondendo, com intenção de certeza.

Pela descrição dos aspectos prosódicos que se apresentou neste capítulo, conclui-se que o aspecto de maior relevância na definição morfológica de itens lexicais da língua Ikpeng é o Ritmo, cujo padrão é formado por pés, que se formam por sílabas salientes e não salientes, estabelecendo picos e contra-picos na formação do Grupo Tonal, que é delimitado pelo acento de intensidade, previsível (sempre na última sílaba do enunciado).



### V.2.2. O Grupo Tonal

A partir do Grupo Tonal, o Ikpeng estabelece características específicas aos contornos melódicos que compõem a fala contínua. Os tons considerados primários são o padrão da fala, ou seja, não dependem da direção do contorno melódico imposta pela atitude do falante.

Não é o mesmo caso para os tons secundários porque, como a sílaba à direita do Grupo Tonal é proeminente e definidora do padrão rítmico do enunciado, ela conduz a direção do contorno melódico, denotando a intenção do falante na escolha do conteúdo semântico-pragmático da sua fala.

A conjunção de todos os aspectos prosódicos, demonstrando que a língua Ikpeng possui um *Padrão Rítmico Tonal*, condiciona ocorrências alomórficas interessantes. Os dois próximos capítulos mostram, através de análises preliminares, os efeitos dos aspectos prosódicos na formulação morfemática de um grupo de alomorfes, marcadores de pessoa. Apresenta-se, também, alguns casos em que os aspectos prosódicos são utilizados como critérios de segmentação da escrita que, a princípio, parecia aleatória.

## V

## ASPECTOS PROSÓDICOS EM UM CASO DE ALOMORFIA

Neste capítulo, apresenta-se uma análise sobre a aplicação do estudo sobre os aspectos prosódicos da Língua Ikpeng, considerando-se que dois alomorfes, do morfema marcador de relações morfossintáticas que envolvem a primeira e a segunda pessoa, encontram-se em variação por condicionamento prosódico e não por condicionamento fonológico, como acontece com outros morfes.

Apresenta-se, a seguir, o quadro de prefixos marcadores de pessoas em Ikpeng que foi elaborado a partir de dados do Ikpeng por Campetela (1997). Observa-se, no quadro dos transitivos, que os marcadores da relação entre a segunda pessoa na posição de sujeito (2A) e a primeira pessoa na posição de objeto (1O) são os mesmos que os marcadores da relação entre a terceira pessoa na posição de sujeito (3A) com a primeira pessoa do plural inclusivo na posição de objeto (1+2O):

## QC- QUADRO DOS MARCADORES DE PESSOA DA LÍNGUA IKPENG

O \ A	TRANSITIVOS				INTR. Série II (So)	POSSUIDOR
	1	2	1+2	3		
1		ug <sup>w</sup> - w- wi- uk <sup>ʔ</sup> -		g- i-	g- i-	g- i-
2	ko- ki- kw-			w- o-	w- o- a-	w- o- a-
1+2				ug <sup>w</sup> - w- wi- uk <sup>ʔ</sup> -	ug <sup>w</sup> - -w wi- uk <sup>ʔ</sup> -	ug <sup>w</sup> - w- wi- uk <sup>ʔ</sup> -
3	y- i-	m-	kur-	Ø t-	Ø t- i-	Ø t- i-
Intr. Série I (Sa)	k-	m-	kur-	Ø		

cf. Campetela (1997)

O condicionamento fonológico ocorre em alguns casos. Observando-se a realização alomorfa do morfema prefixal marcador de primeira pessoa do singular, é possível concluir que [i-] ~ [g-], estão em distribuição complementar: [i]/ \_\_C ~ [g]/ \_\_V; como mostram os dados:

13. a. i -ge - li  
          ‘eu disse’
- b. i - mne - li  
          ‘eu enxuguei’
- c. i - p<sup>ʔ</sup>fi - li  
          ‘eu engordei’

- d. g – et`pam - li  
‘eu nasci’
- e. g - erɛŋ - li  
‘eu assustei’
- f. g- alum - li  
‘eu pulei’

Os morfes prefixais [o-] ~ [a-] ~ [w-], que indicam segunda pessoa do singular (2), também estão em distribuição complementar: [o] ~ [ɔ] / \_\_V<sub>-[a]</sub>; [o] ~ [ɔ] / \_\_C; [a] / \_\_CV<sub>[a]</sub>; [w] / \_\_V<sub>[a]</sub>; como mostram os exemplos:

- 14. a. w- alum - li  
‘você pulou’
- b. w – aɛronum - li  
‘você tremeu’
- c. a- lak`tet`ke - li  
‘você cuspiu’
- d. a - mtarum - li  
‘você falou’
- e. ɔ - eŋili - li  
‘você engasgou’

- f. o- mne - li  
‘você enxugou’

Os marcadores de primeira pessoa do plural inclusiva (1+2), [ug<sup>w</sup>-] ~ [w-] ~ [wi-] ~ [uk<sup>ˈ</sup>-], não têm uma regra de realização fonológica tão evidente como as anteriormente apresentadas. Nos paradigmas abaixo estão separadas as realizações morfológicas em cada caso:

15. a. ug<sup>w</sup> - alumi  
‘nós pulamos’
- b. ug<sup>w</sup> - aβronum - li  
‘nós trememos’
- c. ug<sup>w</sup> - eɲili - li  
‘nós engasgamos’
- d. w - et<sup>ˈ</sup>pam - li  
‘nós nascemos’
- e. w - enmeβ - li  
‘nós amanhecemos’
- f. w - emnatʃik<sup>ˈ</sup>te - li  
‘nós sopramos’

g. wi - lak`tet`ke - li

‘nós cuspiamos’

h. wi - mne - li

‘nós enxugamos’

i. wi - tʃit`ke - li

‘nós urinamos’

j. uk` - pare - li

‘nós pintamos’

k. uk` - temeɓ - li

‘nós engravidamos’

No caso dos marcadores que precedem consoantes, pode-se propor que estejam em distribuição complementar, de acordo com o ambiente de realização dos morfes, como a seguinte descrição: [wi]/\_\_C<sub>[-oclusiva]</sub>; [uk`]/\_\_C<sub>[oclusiva]</sub>

É interessante observar, especificamente, nos seguintes dados: [uk`te] ~ [ugure]; que significam ‘nossa mãe’, em que o marcador [uk`] alterna com o marcador [ugu]. Como é muito comum, em Ikpeng, o fone [t] alternar com o fone [r] quando o ambiente é acrescido de fone vocálico como, por exemplo, [amput`]; [ampureli]; é possível levantar a hipótese de que o morfe [uk`-] se realizasse, diacronicamente<sup>2</sup>, como [uku].

<sup>2</sup> Segundo análises comparativas realizadas a respeito das Línguas da família Karib (Gildea, 1992), é possível considerar que [uk`] < [uku].

Este fato estabelecerá uma possibilidade de ampliar a abrangência dos ambientes de realização condicionados fonologicamente, que poderiam ser:  $[w\dot{i}]/\_C_{[-oclusiva]}$ ;  $[uk^{\text{v}}] \sim [uku]/\_C_{[oclusiva]}$ ;  $[ugu]/\_C_{[r]}$ ;  $[ug^w-] \sim [ug^w-]/\_V$ .

No entanto, nem mesmo esta hipótese é capaz de abranger o morfe  $[w-]$  que, assim como  $/ug^w-/$ , também precede fones vocálicos. Além disso,  $[ug^w-]$  e  $[w-]$  podem ser prefixos de uma mesma raiz verbal. Segundo estas constatações,  $[ug^w-]$  e  $[w-]$  parecem estar em variação livre, como mostrarão os exemplos mais abaixo.

No caso destes marcadores, não é possível atribuir uma regra por condicionamento fonológico que seja sistemática. Por este motivo, criou-se uma hipótese de condicionamento prosódico de realização, estabelecendo uma interface morfologia/prosódia, na língua Ikpeng.

Para atestar esta hipótese de alomorfia condicionada prosodicamente, é preciso obter raízes verbais, que possam ser afixadas pelos marcadores de pessoa  $[ug^w-]$  e  $[w-]$  que alternam entre si, conforme ocorrem mudanças morfológicas por acréscimo de sufixos, a fim de colocá-los em situações diferentes proporcionadas pelo Padrão Rítmico Tonal da Língua.

Portanto, serão novamente contemplados os dados utilizados para a análise pela Teoria Métrica, apresentada no capítulo II desta tese, porém pelo modelo fonético de transcrição prosódica, descrito para a Língua Ikpeng no capítulo III.

Comparando-se os dados da esquerda com seus respectivos, à direita, que foram acrescidos de um sufixo marcador de tempo, em Ikpeng, tem-se os seguintes padrões acentuais e rítmicos:

16.

a. //wem/pɛŋ//b. //u/g<sup>w</sup>empɛŋ/li//

17.

c. //u/g<sup>w</sup>ɛtka/wɛt//d. //u/g<sup>w</sup>ɛtkawe/li//

18.

e. //u/g<sup>w</sup>empa/tfi//f. //u/g<sup>w</sup>empare/li//

19.

g. //wip/tfi//h. //wi/bli//

20.

i. //u/g<sup>w</sup>ɔt//j. //wɔ/li//



21.

k. //u/g<sup>w</sup>εkto/mit//l. //u/g<sup>w</sup>εktomi/li//

22.

m. //u/g<sup>w</sup>εtpɔ/tʃi//n. //u/g<sup>w</sup>εtpore/li//

23.

o. //u/g<sup>w</sup>εrem/mit//p. //we/renmi/li//

Os dados mostram que as características prosódicas do Ikpeng permanecem idênticas, apesar do acréscimo do sufixo à base, que é um recurso utilizado para provocar a adequação do enunciado à estrutura acentual dos picos e contra-picos para testar a prevalência do mesmo Padrão Rítmico Tonal.

Como é possível observar nos exemplos, os marcadores de pessoa podem alternar, diante de uma mesma raiz verbal, entre [ug<sup>w</sup>-] e [w-] e, a priori, esta alternância parecia aleatória, principalmente porque, nos testes, os informantes autorizavam as duas ocorrências exatamente nos mesmos contextos.

Os itens<sup>3</sup> que utilizam o prefixo [w-] são aqueles cuja raiz é monossilábica e, com a adição do sufixo, ela perde a proeminência, mudando o nível de altura para Baixo, na posição de contrapé e, portanto não saliente, para que o acento previsível recaia, ainda, sobre a última sílaba do item lexical.

No caso das raízes polissilábicas, o acento de intensidade passa a coordenar as sílabas a fim de reestruturar todo o enunciado para concordá-lo com o padrão rítmico. Este recurso faz com que surja o acento de altura, condicionando mudanças de proeminência na raiz verbal. Este acento não recai sobre a primeira sílaba da raiz, garantindo que a primeira sílaba seja átona para o contrapé.

Este fato torna possível eliminar a primeira sílaba do prefixo [ug<sup>w</sup>-], já que ela também não é proeminente e, prosodicamente, desfaz o padrão rítmico, no nível do léxico, tendo em vista que não pode ter duas sílabas não proeminentes para formar o contrapé rítmico de um item lexical. Ao adicionar um segundo sufixo, observou-se que o acento de altura não se desloca, permitindo que ocorra mudanças morfológicas em outros níveis do léxico, que não no prefixo, como mostram os exemplos:

24.

	(?)	Adição do Segundo Sufixo
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
//we/renmi/li//	//ug <sup>w</sup> e/renmi/li//	//we/rēmliŋ/mo//
		Adição de Dois Sufixos
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
//wem/pəŋ//	(?) //ug <sup>w</sup> em/pəŋ//	//wem/pəŋliŋ/mo//

<sup>3</sup> A estrutura morfológica destes itens foram apresentadas no capítulo II.

Demonstrou-se, portanto, que o marcador [ug<sup>w</sup>-] é preferido pela raiz verbal quando esta se inicia por uma sílaba proeminente porque, desta forma, o marcador acrescentará uma sílaba não proeminente à direita, exercendo a função de contrapé do pé rítmico que compõe o grupo rítmico-tonal, nestes casos, equivalentes a um item lexical. Por outro lado, a raiz verbal que já se inicia por sílaba não proeminente dispensa este recurso de inserção de contrapé.

Há uma restrição à ocorrência do prefixo /w-/ como pronome marcador de primeira pessoa do plural inclusivo nos casos em que a raiz verbal se inicia por /a-/. Isto acontece porque /w-/ é alomorfe do morfema marcador de segunda pessoa do singular (cf. p. 75), condicionado fonologicamente pelo ambiente de realização: {o-} → [w-]/\_\_V<sub>[a]</sub>.

Para desfazer a ambigüidade morfemática, restringe-se o pronome da primeira pessoa do plural inclusivo ao marcador [ug<sup>w</sup>-] e, obviamente, a primeira sílaba deste marcador, ao contrário do que acontece nos outros casos anteriormente analisados, poderá ser proeminente. Por exemplo:

25.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

//wa/ruptompo/li// ('você queimou')

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

//ug<sup>w</sup>a/ruptompo/li// ('nós queimamos')

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

//wa/bronum/li// ('você tremeu')

-----  
 -----  
 -----  
 -----  
 -----

//ug<sup>w</sup>a/ɸronum/li// ('nós trememos')

Estes mesmos aspectos prosódicos trazem questões complexas para a escrita da língua Ikpeng porque, durante o processo de aquisição da escrita, os falantes elegiam os aspectos prosódicos para a segmentação na escrita e não os aspectos semânticos e sintáticos que comumente regem o limite das palavras lexicais, conforme demonstra-se no próximo capítulo.

## VI

CONTRIBUIÇÃO DOS ESTUDOS PROSÓDICOS PARA A FIXAÇÃO DA  
ORTOGRAFIA DA LÍNGUA IKPENG

Um dos objetivos desta análise é interpretar, através de análises e estudos prosódicos e sintáticos, o que leva a uma segmentação inadequada das palavras, dos pontos de vista sintático e semântico, segundo os quais uma palavra se forma por uma base a que se acrescentam afixos derivacionais ou flexionais (Basílio, 2000).

A aquisição da escrita é um processo bastante interessante do ponto de vista prosódico justamente porque o sistema alfabético não se baseia em marcas prosódicas da língua. De fato, a forma como segmentamos a escrita é diferente da forma como segmentamos a fala, porém se basear na segmentação oral é o primeiro recurso utilizado para segmentar a escrita (Abaurre & Silva, 1992).

Não estão sendo desconsiderados os processos sintáticos e semânticos, apenas acredita-se na existência de uma hierarquia entre os processos de formulação de hipóteses de segmentação, a começar pelo prosódico.

Segundo Silva (1989), a respeito da escrita espontânea de crianças da primeira série do nível escolar, “a segmentação ocorre de acordo com as hipóteses que a criança formula sobre a pronúncia desta ou daquela parte do enunciado”.

Alguns dos problemas de aquisição da escrita se devem fundamentalmente à diferença entre a escrita e a fala. Durante a fase de aquisição da linguagem, os indivíduos começam a trabalhar o *input* que vem sendo adquirido através da fala de outros indivíduos. Por isso, até aqui, a Língua é formada por enunciados contínuos da oralidade, porém é perfeitamente possível reestruturá-los e produzir novos enunciados orais. Neste momento, a criança formula sua primeira noção sobre o que é uma *palavra* (Peters, 1983).

Nesta tese, não se trata da aquisição da escrita por crianças, mas sim por adultos recentemente “alfabetizados” e que manipulam a escrita da mesma forma, isto é, as hipóteses de segmentação da escrita não são formuladas primeiramente através do significado de “palavra” por “palavra”, mas sim pela pronúncia de cada enunciado.

É lógico que as pausas na oralidade não cortam palavras ao meio, mas os enunciados orais possuem uma certa continuidade que, definitivamente, não é representada pelas palavras da escrita.

Por se tratar de línguas até então ágrafas, os “alunos” participantes do *Curso de Formação de Professores Indígenas do Parque Indígena do Xingu* foram os primeiros a elaborar e refletir sobre a escrita da sua própria língua e, por isso, não há como recorrerem a outros textos escritos em Ikpeng.

O meio de interação é exclusivamente oral e conforme afirmam Ferreiro e Teberosky (1979), a respeito de comunidades com sistemas de escrita, as comunidades ágrafas também elaboram uma concepção acerca da escrita, antes mesmo de receberem instrução. Como se

observou no processo de aquisição da escrita pelo qual passa atualmente a comunidade Ikpeng, esta primeira concepção é baseada em aspectos prosódicos da Língua.

Talvez seja possível considerar de alguma valia o contato com a escrita da Língua Portuguesa para que se compreenda o uso de palavras como “segmentos menores separados por espaços em branco” (Abaurre, 1992). Mesmo assim, este contato é privilégio de poucos monitores de educação, e monitores de saúde.

Contudo, a aquisição da escrita pelos Ikpeng se torna um aspecto interessante de ser avaliado, a começar pelo excesso de registros de hipersegmentação nos dados da escrita (separação exagerada das seqüências) e a falta de hipo-segmentação (junção desnecessária de seqüências). Trata-se de um fato já observado, cujos fatores lingüísticos envolvidos serão considerados em análise, durante o desenvolvimento deste capítulo.

Segundo Silva (1989), “a hipo-segmentação ocorre em número bem maior que a hipersegmentação”. No entanto, a tentativa de representar ortograficamente a expressividade discursiva é muito relativa. Em Ikpeng, por exemplo, observamos que a hipersegmentação se deve à regularidade do sistema rítmico, permitindo que após cada sílaba saliente ocorra uma pausa que pode ser, na escrita, um espaço em branco.

Os tópicos deste capítulo serão melhor abordados durante a exposição de alguns dados que foram extraídos de textos produzidos durante os *Cursos de Formação de Professores Indígenas do Parque Indígena do Xingu* de 1994 a 1996, que serão submetidos à análise. O *corpus* (anexo 3) possui 24 textos. Além disso, conta-se com o material de apoio que são eliciações para resolver as questões relacionadas ao tema. Assim, a pesquisa focalizará, não só a escrita, como também a fala da comunidade, cujos aspectos prosódicos são o objeto de estudo desta tese.

O processo de formação de palavras, em Ikpeng, envolve bases e afixos derivacionais e flexionais. As bases devem ser entendidas não só como morfemas livres e isolados, mas também como ‘palavras’ que ficam quando um afixo é removido, é o que conhecemos como palavra morfológica. Os afixos são importantes na definição das proeminências nos grupos rítmicos porque, assim como deslocam para si a proeminência que recaía sobre a base, também deixam um vestígio que adquire um acento de altura, mantendo o padrão rítmico do enunciado. Observa-se o deslocamento do acento através do seguinte exemplo:

26. a) tengetkelan

t - enget - ke - lan

3s. - fazer - MOV. - pass. rec.

‘ele (ela) fez’

(a.1.) \* //<sup>^</sup>enget/

(a.2.) \* //<sup>^</sup>tenget/

(a.3.) //tenget/ke/ ‘ele (ela) faz’

(a.4.) //<sup>^</sup>tenget/ke/lan/ ‘ele (ela) fez’

Retomando as definições teóricas para que se apliquem aos exemplos tem-se que, para Cruttenden (1970), a proeminência e o número de sílabas influenciam o ritmo. Como podemos observar, em (a.1.), (a.2.) e (a.4.), ocorre o *Anacrusis*, em que o pé rítmico é iniciado por uma sílaba átona e a marca <sup>^</sup> representa uma sílaba tônica silenciosa. Já em (a.3.) não ocorre anacrusis. O exemplo (a.3.) possui três sílabas e uma proeminência na última, já (a.4.) possui quatro sílabas e duas proeminentes, a segunda e a quarta, sendo que o acento de intensidade recai na quarta (última).



Bolinger (1981) sugere que o fator mais importante que altera o ritmo dos enunciados não é nem o número de sílabas e nem a posição da proeminência, mas sim o padrão feito em cada seção rítmica da fala contínua, alternando-se sílabas salientes, formadoras dos pés rítmicos, com sílabas não proeminentes, formadoras dos contrapés rítmicos.

O acento, na língua Ikpeng, como já foi dito, é previsível e recai sempre na última sílaba da “palavra” ou do enunciado. Mesmo quando são acrescentados sufixos ao radical, a proeminência tônica será deslocada para o último deles. Pode-se considerar que esta é uma regra de acento aplicada a um item lexical ou a um enunciado complexo, desde que cada um deles componham um grupo rítmico-tonal de um enunciado em Ikpeng.

A Teoria de Halliday é baseada na estrutura prosódica da expressão linguística. Esta estrutura é composta por pés rítmicos que formam o sistema prosódico básico. Através do Ritmo e do Acento, pode-se chegar às conclusões sobre a segmentação da escrita que, antes de se basear em questões semânticas, baseia-se na fala.

## VI.1. Uma questão de oralidade

Tendo por base o acento de intensidade e o acento de altura, além da análise de algumas seqüências extraídas dos textos Ikpeng, descrevem-se situações em que a prosódia estabelece critérios para a segmentação de um enunciado escrito, em palavras.

Antes disso, apresenta-se o quadro dos fones da Língua Ikpeng e suas representações ortográficas:

## QD - QUADRO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA IKPENG

GRAFEMAS CONSONANTAIS	FONES CONSONANTAIS
P	[p]
	[p']
	[ɸ]
	[b]
M	[m]
N	[n]
NG	[ŋ]
T	[t]
	[t']
K	[k]
	[k']
G	[g]
R	[r]
L	[l]
TX	[tʃ]
Y	[j]
W	[w]
GRAFEMAS VOCÁLICOS	FONES VOCÁLICOS
A	[a]
	[ɛ]
	[ɜ]
Ī	[i]
I	[i]
E	[e]
	[ɛ]
O	[ɔ]
	[o]
U	[u]

É importante salientar que a preocupação maior é com o limite de palavras e menos com a ortografia da língua. Observa-se, agora, a realização morfossintática dos morfemas que compõem os dados das seguintes seqüências, extraídas dos textos:

27. a) 1. Kīrīpnole (7) (8)

2. Kīrīp nole (5)

[ki,riɸ`no'le]

‘bem cedo’

b) 1. aykulī itīn uot (7)

[ajŋkuli i,tiŋ 'uot']

Ø - aynku - lī itīn wot

3 - pegar - IM. muito peixe

‘ele pegou muito peixe’

2. itīnāynkut wot

[itīn ajŋ,kur 'uot']

itīn Ø - aynkut - t wot

muito 3 - pegar - NPASS peixe

‘ele pega muito peixe’

c) 1. orengutke līngo

[oreŋut,keliŋ'mo]

Ø - or - engutke - lī - ngmo

3 - REFL. - brigar - IM. - pl.

‘eles brigaram (entre si)’

d) 1. totempaget keramo

2. totempā getkeramo

[torempɜŋet`kerāmo]

t - or - empangetke - ram - ngmo

3 - REFL. - aprender - NOM. - pl.

‘aqueles que aprendem’ (estudantes)

Expostos os dados, apresenta-se a análise prosódica e os comentários sobre equívocos na segmentação da escrita, caso por caso, considerando que estes equívocos tenham sido provocados pelo padrão prosódico ritmo-tonal da língua.

(a) Encontram-se nos textos (5), (7) e (8), em anexo, duas formas grafadas diferentemente: *kīrīp nole* e *kīrīpnole*. Tendo como base o fato da Língua Ikpeng ter dois acentos prosódicos, é coerente que se separe a palavra 'kīrīpnole', durante o período de aquisição da escrita, tendo em vista a distribuição dos acentos de intensidade e de altura .

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

//kī'rīpno/le//

O critério morfossintático motiva uma explicação sobre a união dos morfemas na constituição da palavra *kīrīpnole*. É possível que, pelo fato de '-nole' ser um sufixo, segundo o critério distribucional, ele não poderia ocorrer isolado de sua base, na Língua.

(b) Nos dados (1) e (2) do exemplo (b), tem-se que, semanticamente, os itens lexicais podem ser *itīn*, *aynkut* e *wot* . A escrita de *itīnaynkut* em vez de *itīn aynkut* diz respeito a um processo oposto àquele que motivou a escrita de *kīrīp nole*, no exemplo anterior. Neste caso, deve-se considerar a possibilidade de ressilabificação: i - tī - nayn - kut / wot; que pode ter conduzido a união dos dois itens formados por duas bases, sem nenhum impedimento rítmico-tonal para este fato.

O limite das palavras *itĩn* e *aynkut* se dá entre uma sílaba saliente (*tĩn*) e uma sílaba não-saliente (*ayn*) que, por sua vez, é o contra-pico da sílaba que possui o acento de altura do enunciado (*kut*). Como mostra a transcrição prosódica, nenhuma das duas sílabas está na posição de pico prosódico, proporcionando uma maior continuidade ao enunciado.

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 //i/tĩn ayn/kut /wot/

Observa-se que o mesmo processo de reestruturação no nível da sílaba não ocorreu entre as sílabas *kut* e *wot*. Para este caso, pode-se considerar que não houve segmentação porque, prosodicamente, não há encontro de dois picos, como foi mostrado no capítulo IV.

(c) O exemplo (c) é composto por uma única base: [eɲut]; acrescida de afixos. Portanto, o autor do texto não usou um critério sintático para dividir o item em dois. Descarta-se, também, o uso do critério semântico, porque falta a base que atribuiria significado ao que seria um segundo item lexical. O padrão rítmico do enunciado seria:

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 //o/rengut/keľĩng/mo/

Por esta descrição, pode-se afirmar que, mais uma vez foi utilizado o critério prosódico para segmentar o item em dois. Sabe-se que, sem os sufixos, o acento de intensidade recairia sobre a sílaba proeminente (*ke*). Como a palavra *orengutkelingmo* está sufixada por ‘-li’ e por ‘-ngmo’, a sílaba ‘*ke*’ passa a responder pela proeminência de altura enquanto que o acento de intensidade desloca-se de posição para o último sufixo.

Justifica-se, portanto, esta motivação para a segmentação porque o acento de altura faria a vez do acento de intensidade do suposto primeiro item lexical e o último pé do padrão rítmico, formado pelos sufixos, poderia perfeitamente ser um item lexical, do ponto de vista prosódico, por possuir um contrapé e um pé que porta o acento de intensidade do enunciado, formando um dos picos.

Quando o item lexical se torna muito extenso pelo acréscimo de afixos, existe uma tendência, na escrita, de segmentar este item em itens menores, mais curtos. Atestadamente, estas quebras ocorrem logo após uma sílaba proeminente, o que respeita o padrão prosódico rítmico-tonal da Língua Ikpeng, mas não as regras sintáticas e semânticas da ortografia.

(d) O item lexical *torempangetkerangmo* é ainda mais extenso que o anteriormente analisado. Na primeira vez em que aparece no texto, a segmentação se apresentou num determinado ambiente: *torempaget keramo*; na segunda vez, em outro ambiente: *torempã getkeramo*.

É interessante observar que ambas ocorrem no mesmo texto e, por isso, será preciso buscar o sistema rítmico-tonal de um enunciado maior do que o item lexical, em que cada ocorrência está inserida:

28.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

a. //Takfu/ru Ik/peng otsike/lĩ kĩ/rĩp no/le torenpa/get kera/mo umi/ná//

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

b. //Torem/pã getkera/mo emoitke/lĩma/man//

A segmentação não foi aleatória. Está realmente relacionada com o padrão acentual do enunciado em que cada realização ortográfica está inserida. O autor do texto considerou, na primeira tentativa, que a segunda sílaba (*ren*), do item lexical em análise, tem altura Menos Baixa na pauta, enquanto que a terceira (*get*) obteve altura proeminente (Média). Ao mesmo tempo, *to* e *pan* formam os contrapés do padrão rítmico estabelecido neste enunciado.

Na segunda tentativa, utilizando o mesmo recurso prosódico, justifica-se a segmentação relacionando-a ao padrão rítmico-tonal do enunciado. Observa-se que o início dos grupos em (1') e em (2') são idênticos, com relação à altura dos acentos: Menos Baixa, Baixa, Média.

No processo de escolha dentre as variações possíveis, o autor do texto segmentou o item lexical em dois itens prosodicamente permitidos pelo padrão rítmico-tonal da Língua Ikpeng.

Ao reestruturar o enunciado em “palavras”, o autor do texto em Ikpeng demonstra uma reflexão prosódica sobre sua língua. A intuição de falante, na fase de aquisição tanto da

linguagem quanto da escrita, é muito significativa. Neste caso, mais uma vez o falante elaborou sua própria hipótese sobre o limite desta palavra tão “longa”: *torempangetkerangmo*.

Porém, os critérios sintáticos e semânticos condenam este tipo de reestruturação proposta por critérios prosódicos, ainda que fonética e prosodicamente não haja uma diferença significativa entre os resultados obtidos pela escolha.

Por outro lado, apesar de basear-se obviamente na fala, o Sistema de Escrita possui um conjunto de regras que elege critérios próprios de reconstituição da continuidade oral em pedaços gráficos. Estas convenções são respeitadas, enquanto forma (fôrma) de comunicação.

## VI.2. Últimas considerações

As primeiras tentativas de representação escrita de uma língua leva em consideração, primeiramente, os fatores prosódicos da fala, pois se trata de aspectos constitutivos do discurso oral, única forma de interação de comunidades que são consideradas ágrafas.

Ademar Silva (1989), considerando a aquisição da escrita por crianças de 1ª série do 1º grau, afirma que: “Como desconhece, em grande parte, as convenções ortográficas, a criança formula hipóteses de escrita baseadas na própria fala”. No entanto, não é possível dizer que comunidades ágrafas utilizem-se da comparação entre modelos escritos à sua volta para complementar o conceito que elas possuem intuitivamente de escrita e de “palavra”.

Através da análise prosódica das estruturas, é possível explicar as ocorrências de delimitação de “palavras” em textos que mais se assemelham a uma transcrição da oralidade, separando enunciados em grupos rítmicos.



O problema é justamente este. Quando é preciso estabelecer uma escrita convencionada, percebe-se a recorrência ao critério prosódico, a fim de se estabelecer uma representação ortográfica para a Língua Ikpeng.

E, deste, surgem outros problemas como o almejo de toda comunidade por uma escrita padronizada. Na verdade, a escrita representa a língua e não a fala em si. Se representasse a fala, a língua Ikpeng de aproximadamente 200 falantes teria um número enorme de representações ortográficas diferentes.

Por questões até mesmo culturais, deve-se esperar que "os donos da língua", como se autodenominam, assimilem critérios próprios da própria escrita. Até agora, o que mais tem ajudado a compreender os motivos de segmentação da escrita, além dos critérios prosódicos, são as análises morfossintática e semântica da Língua Ikpeng, através das quais são dados subsídios criteriosos para que a comunidade Ikpeng possa formular seus próprios critérios e escolher o melhor sistema para a elaboração de uma ortografia para sua Língua.

## VII

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Ikpeng, o acento de intensidade, no nível lexical, é previsível. Esta afirmação, juntamente com o conhecimento que vem sendo adquirido desta língua, desencadeou uma série de hipóteses a respeito da sua realização prosódica.

A análise apresentada nesta tese abordou duas hipóteses. Os aspectos prosódicos da língua Ikpeng interferem: a) em processos alomórficos; b) na determinação do limite de palavras. Por este motivo, é válido afirmar que os aspectos prosódicos da Língua Ikpeng são relevantes e devem ser considerados em análises de vários níveis lingüísticos.

Em primeiro lugar, demonstrou-se que uma língua de acento previsível (no caso do Ikpeng, o acento de intensidade), geralmente estabelece um segundo nível de acento (no caso do Ikpeng, o acento de altura). Este fato faz com que o padrão acentual da língua interaja com o padrão rítmico, estabelecendo uma sistematicidade incomum, se considerar-se línguas de acento não-previsível.

Portanto, ao mesmo tempo em que ocorre a previsão do acento de intensidade, marcado sempre na última sílaba à direita do item lexical, o que subsidia a ocorrência do acento de altura; também ocorre uma previsão prosódica que estipula picos à direita dos enunciados e contra-picos à esquerda dos mesmos.

A existência de contra-picos, conforme demonstrada na descrição dos dados, determina que as sílabas não-proeminentes são preestabelecidas pelas sílabas proeminentes, obedecendo um padrão *rítmico-tonal*.

Os picos ocorrem nos pés rítmicos que se formam à direita do enunciado. Os pés que se formam à esquerda do enunciado também estabelecem contrapés rítmicos que não precisam, necessariamente, conter uma sílaba proeminente (de altura Média a Alta), basta que as sílabas alternem entre Baixa à esquerda e Menos Baixa à direita dos pés rítmicos, mantendo o padrão preestabelecido pelo acento previsível. Este fato contribui para a afirmação de que o ritmo é marcado, sistemático, o que lhe caracteriza como Ritmo Tonal.

Uma das evidências de que exista um padrão rítmico-tonal operando nos enunciados, em Ikpeng, é a alternância morfológica que se dá entre os prefixos [ugw-] ~ [w-] que, como foi visto no Capítulo VI, não encontram um ambiente de realização, a não ser no nível prosódico em que [w-] opera como contra-pico de enunciados cuja raiz se inicia por sílaba átona, enquanto que [ugw-] opera como contra-pico de enunciados cuja raiz se inicia por sílaba tônica.

Outra evidência que corrobora a existência do padrão rítmico-tonal é o processo de segmentação da escrita, cujo limite entre itens lexicais se dão pelo reconhecimento de outra sílaba mais proeminente dentro do mesmo grupo rítmico, delimitado pela sílaba portadora do acento de intensidade.

Contudo, esta análise prosódica pode servir de base para outros trabalhos de análise lingüística, principalmente no que diz respeito às características diacrônicas, morfológicas e segmentais, da língua como, por exemplo, um estudo que vem sendo desenvolvido sobre as motivações prosódicas para que desapareça o fone [r] em alguns ambientes de realização.

## BIBLIOGRAFIA

- ABAURRE, M.B.M. (1991). "A Relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial". *Abralin II*.
- ABAURRE, M.B.M. & SILVA, A. (1992). "O Desenvolvimento de Critérios de Segmentação na Escrita". *Anais da XXII Reunião da Associação Brasileira de Psicologia*.
- AIKHENVALD, A. (1996) "Words, Phrases, Pauses and Boundaries: Evidence from South American Indian Languages". *Studies in Language* 20:3. pp. 487-517.
- BASÍLIO, M. (2000) Teoria Lexical. São Paulo: Ática.
- BYBEE, J.L. (1985) Morphonology: a study of the relations between meaning and form. Amsterdam, John Benjamins.
- BISOL, L. (1992) "Aspectos da Fonologia Atual". *D.E.L.T.A.* 8 (pp.263-83).
- BOLINGER, D. (1981) Two kinds of vowels, two kinds of rhythm. Bloomington: Indiana University Linguistics Club.

CAGLIARI, L. C. (1981) Elementos de fonética do português brasileiro. Tese de Livre Docência. Campinas/SP: UNICAMP.

\_\_\_\_\_ (1997) Análise fonológica: Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas, SP: Ed. do autor . Série Lingüística; v.1.

CAMPETELA, C. (1996) “Estudo Prosódico das Formas de Segmentação da Escrita Ikpeng (Txikão)”. ANPOLL. Campinas/SP.

\_\_\_\_\_ (1997) Análise do Sistema de Marcação de Caso nas Orações Independentes da Língua Ikpeng/Txikão (Karib). Dissertação de Mestrado. UNICAMP: Campinas/SP.

\_\_\_\_\_ (1998) “Aspectos fonológicos do limite de palavras em Ikpeng”. Comunicação apresentada durante o I Seminário de Estudos Karib. Museu Nacional: Rio de Janeiro/RJ.

\_\_\_\_\_ (1999) “O acento, em Ikpeng, pela Teoria Métrica”. Comunicação apresentada durante o II Seminário de Estudos Karib. Museu Nacional: Rio de Janeiro/RJ.

\_\_\_\_\_ (2000a) “Questões prosódicas da Língua Ikpeng”. Comunicação apresentada durante o XLVIII Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo (GEL). UNESP: Assis/SP.

\_\_\_\_\_ (2000b) Relatório referente ao Curso de Formação de Professores Indígenas do Parque Indígena do Xingu. 16 pp.

COMRIE, B. (1981) Language Universals and Linguistic Typology. Syntax and Morphology. Basil Blackwell: Oxford.

- CRAIG, C.G. (1990) *"Linguistic Fieldwork: the case of Rama"*. University of Oregon.
- CRUTTENDEN, A. (1986) Intonation. Cambridge University Press.
- CUTLER, A. (1994). "Segmentation Problems, Rhythmic Solutions". *LINGUA* 92. North-Holland.
- DERBYSHIRE, D.C. (1979) *A select bibliography of Guiana Carib Languages*. In: International Journal of American Linguistics 45. pp. 271-76.
- \_\_\_\_\_ (1985) Hixkaryana and Linguistic Typology. Arlington: SIL/University of Texas Press.
- DERBYSHIRE, D.C. & Geoffrey K. PULLUM (1986) Handbook of Amazonian Languages. vol. 1. Ed. Mouton de Gruyter.
- DERBYSHIRE, D.C. (1987) *Morphosyntactic Areal Characteristics of Amazonian Languages*. IJAL, vol. 53. pp. 311-326.
- DRESSLER, W.U. (1985) Morphonology: the dynamics of derivation. Michigan. Karoma Publishers.
- ELSON, B. F. (1921) Introdução à morfologia e à sintaxe [por] Benjamin Elson [e] Velma Pickett; tradução de Aryon D. Rodrigues [e outros], coordenação e revisão de Marta Coelho. Petrópolis, Vozes, 1973.
- EMMERICH, C. (1972) A Fonologia Segmental da Língua Txikão: Um Exercício de Análise. Dissertação de Mestrado. Museu Nacional/UFRJ: Rio de Janeiro/RJ.
- \_\_\_\_\_ (1991) "Padrões Distribucionais da Língua Txikão". Museu Nacional, UFRJ.

- EMMERICH, C. (1994) "The Txikão Language: Fricatives or no fricatives?" *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos* 8: Lingüística Tupi-Guarani/Carib. pp. 65-72.
- ENGBERG-PEDERSEN, E. [et al.] (1996) Content, expression and structure: studies in Danish functional grammar. Amsterdam; Philadelphia: J. Benjamins. Studies in language companion series; v.29.
- FERREIRO, E. & A. Teberosky (1979). Los sistemas de escritura en el desarrollo del niño. México, Siglo XXI Editores S.A..
- GALVÃO, F. e M. F. Simões (1965). "Notícia sobre os Índios Txikão - Alto Xingu". *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém/PA.
- GEBARA, E. M. S. (1976) Alguns aspectos da intonação no português. Dissertação de Mestrado. Campinas/SP: UNICAMP.
- GILDEA, S.L.O. (1992) Comparative Cariban Morphosyntax: On the Genesis of Ergativity in Independent Clauses. Tesis. University of Oregon.
- \_\_\_\_\_ (1994) "The proto-cariban and tupi-guarani object nominalizing prefix." *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos*, vol. VIII, pp. 163-177.
- GOLDSMITH, J. A. (1989) Autosegmental and Metrical Phonology. Basil Blackwell, Cambridge.
- HAYES, B. (1995) Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies. Chicago Press.
- HALLE, M. & Jean-Roger Vergnaud (1987) An Essay on Stress, MIT Press, Cambridge

HALLIDAY, M.A.K. (1963) "The Tones of English", *Archivum Linguisticum*. 15. n° 1, pp. 1-28 (1<sup>st</sup> edition).

HALLIDAY, M.A.K. (1970) A Course in Spoken English: Intonation. London: Oxford University Press.

\_\_\_\_\_ (1989) Spoken and written language. Oxford: Oxford University Press.

HOGG, R. & C. B. McCully (1986) Metrical phonology: a coursebook. Cambridge University Press

LADEFOGED, P. (1972) Three areas of experimental phonetics :stress and respiratory activity, the nature of vowel quality, units in the perception and production of speech. London: Oxford University Press. Série Language and language learning.

\_\_\_\_\_ (1971) Elements of acoustic phonetics. Chicago: University of Chicago.

LYONS, J. (1979) Introdução à Linguística Teórica. São Paulo: Companhia Editora Nacional / EDUSP.

MENGET, P. (1977) Les Txicao et le Haut-Xingu. Tesis. Université de Nanterre.

NESPOR, M. & VOGEL, I. (1986). Prosodic Phonology. Foris Publications.

NICHOLS, J. & A. C. Woodbury (1985) Grammar inside and outside the clause. Cambridge. Cambridge University Press.



PACHECO, F.B. (1997) Aspectos da Gramática Ikpeng (Karib). Dissertação de Mestrado. UNICAMP: Campinas/SP.

\_\_\_\_\_ (1998a) Licenciamento de Onset & Coda em Ikpeng (Karib): Uma Proposta de Análise dentro da Teoria da Otimalidade”. (ms.)

\_\_\_\_\_ (1998b) “Licenciamento de *Onset* e *Coda* em Ikpeng (Karib): uma proposta de análise dentro da Teoria da Otimalidade”. Comunicação apresentada no *II Congresso Nacional da ABRALIN*. Florianópolis-SC: UFSC.

\_\_\_\_\_ (2000c) “Alomorfia dos prefixos pessoais em Ikpeng (Karib): Uma proposta de análise dentro da Teoria da Otimalidade.” Texto apresentado para qualificação em área (Fonologia). UNICAMP: Campinas/SP. 19pp.

\_\_\_\_\_ (2001) Morfossintaxe do Verbo Ikpeng (Karib). Tese de Doutorado. UNICAMP: Campinas.

PAYNE, D.L. (1990) *Morphological Characteristics of Lowland South American Languages*. In: Amazonian Linguistics. University of Texas Press, Austin.

PETERS, A.M. (1985). “Language Segmentation: Operating Principles for the Perception and Analysis of Language. In: Slobin, D. *The Crosslinguistic Study of Language Acquisition*. Hillsdale: Laurence Erlbaum. Vol. 2.

RODRIGUES, A. D. (1986) Línguas Brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas. vol. 11. Edições Loyola. São Paulo/SP

SAMARIN, W. (1967) Field linguistics: A guide to linguistic fieldwork. Holt, Riverhart and Winston.

SCARPA, E.M. [org.] (1999) Estudos de prosódia. Campinas/SP: UNICAMP.

SELKIRK, E.O. (1984) Phonology and Syntax: The Relation between Sound and Structure. The MIT Press.

SEKI, L. (1993). "Notas sobre a história e a situação lingüística dos povos indígenas do Xingu". In: Lucy Seki (org.). Lingüística Indígena e educação na América Latina. Editora da Unicamp: Campinas.

SEKI, L. (1994) Notas sobre a gramática do Ikpeng. UNICAMP: Campinas (manuscrito)

\_\_\_\_\_ (1999) "A Lingüística Indígena no Brasil". *ALFAL*, vol. 11. USP: São Paulo/SP.

\_\_\_\_\_ (2000) "Línguas Indígenas do Brasil no limiar do século XXI". *Impulso*. Vol.12; nº 27. UNIMEP: Piracicaba/SP.

SIGNORINI, A. (1998) "El Reconocimiento de palabras escritas y las teorías de la pronunciación. *Lenguas Modernas*, 25. pp. 17-37.

SILVA, A. (1989) A Relação entre a Fala e a Segmentação na Escrita Espontânea de Crianças da 1ª Série do Primeiro Grau. Dissertação. IEL/Unicamp, Campinas/SP.

McCARTHY, J. J. & A. S. PRINCE. (1993) "Prosodic Morphology I: Constraint interaction and satisfaction". (ms). Univ. Mass. Amherst e Rutgers University, 184p.

VAN ORDEN, G.G. (1987) "A ROWS in a ROSE: Spelling, sound and reading". *Memory and Cognition* 15. pp. 181-198.

## **APÊNDICES**

Tabela 1: Classificação proposta por Girard (Proto Carib, 1972):

1. Cumaná Chayma Cumanáoto ‡ Palenque ‡ Piritu ‡ Avaricoto ‡ Tumanaco? Mapoyo?	2. Makiritare Maionggang Yekwana/Dekwana Makiritare Wayumurá ‡ Tumanaco?	3. Pemón Arekuná Ingarikó Kamarakoto Taulipang Makuchi Mapoyo?	4. Wayana Wayana Upurui Arakwayú Tiverikoto Yso	5. Wayway Wayway Hishkaryana Kachuyana Parukoto	6. Carib Carib Galibi kalifá Akawoyo?	7. Tiriyo Tiriyo Kumayena Pauxi Pianakoto Saluma Tiriometesem Utukuenta Wama Carijona Guake Hianákoto-Umawa	8. Yawarana Yawarana Mapoyo?	9. Aparai Aparai	10. Pausihiana Pausihiana Paravilhana	11. Bonari Bonari Crishaná Sapará Porokoto Purukoto Yawasperi	12. Arara Apiaká Arara Ipurukoto Yarumá	13. Bakairi Bakairi Kuikurú Paríri Yamasikuma	14. Motilon Motilon Yukpa Nahukwa eto.	15. Miscellaneous Opon-Carare Panare Japrerla ‡ Palmella ‡ Pimenteira
---	---	--	--	---	---	--	------------------------------------	---------------------	---	---	---	---	--	---

Como é possível observar através desta tabela, Girard subdividiu a família Karib em 15 subgrupos. Porém, em nenhum deles cita a língua Ikpeng (ou Txikão). Deixou de considerar, também, as línguas Kalapalo e Matipu, que são línguas Karib faladas no Alto Xingu. Não é possível, a priori, identificar o motivo da ausência da língua Ikpeng, na tabela, tendo em vista que o primeiro contato com o grupo foi estabelecido em 1964 e os primeiros estudos linguísticos foram divulgados em 1971 por Charlotte Emmerich.

QUADRO DE DURBIN (1985:58-60): RELAÇÕES INTERNAS ENTRE AS  
LÍNGUAS KARÍB (DIALETOS FORAM EXCLUÍDOS)

I. CARÍB DO NORTE

A. Carib da Costa

1. Carib da Costa Venezuelana

- a. Chayma
- b. Cumanagoto
- c. Yao
- d. Tamanako

2. Serra de Perijá (borda do nordeste da Colômbia e Venezuela)

- a. Japreria
- b. Yukpa
- c. Yuko (Yukpa da Colômbia)

3. Opone-Carare (Colômbia Central)

B. Carib do Oeste das Guianas (do oeste da Venezuela)

- 1. Mapoyo
- 2. Yabarana
- 3. Panare
- 4. Quaca
- 5. Pareca

C. Galibi (principalmente ao longo da costa atlântica, da foz do Amazonas ao Orinoco)

D. Carib de Leste a Oeste da Guiana (principalmente na fronteira Brasil-Guiana se estendendo ao Suriname, Guiana, Venezuela e Guiana Francesa)

- 1. Wayana-Aparai
- 2. Roucouyene (Guiana Francesa)
- 3. Aracaju
- 4. Trio-Rangu
- 5. Wama (Akuriyo) (Suriname)
- 6. Urukuyana
- 7. Triometesen (Suriname)
- 8. Kumayena (Suriname)
- 9. Pianakoto
- 10. Saluma
- 11. Pauxi
- 12. Cachuena
- 13. Chikena
- 14. Waiwai

15. Paravilhana
16. Wabui
17. Sapara
18. Yauapery
19. Waimiri
20. Crichana
21. Pauxiana
22. Bonari
23. Makusi (Guiana)
24. Purucoto (Venezuela)
25. Pemong (Taulipang) (Venezuela)
26. Patamona (Guiana)
27. Akawaio (Guiana)
28. Arinagoto (Venezuela)

E. Carib do Norte do Brasil \*

1. Palmella
2. Pimenteira ?
3. Yarumá
4. Txikão/Ikpeng
5. Pariri
6. Apiaká
7. Arara
8. Yuma

II. CARÍB DO SUL

A. Carib do Sudeste da Colômbia

1. Hianacoto-Umaua
2. Guaque
3. Carijona

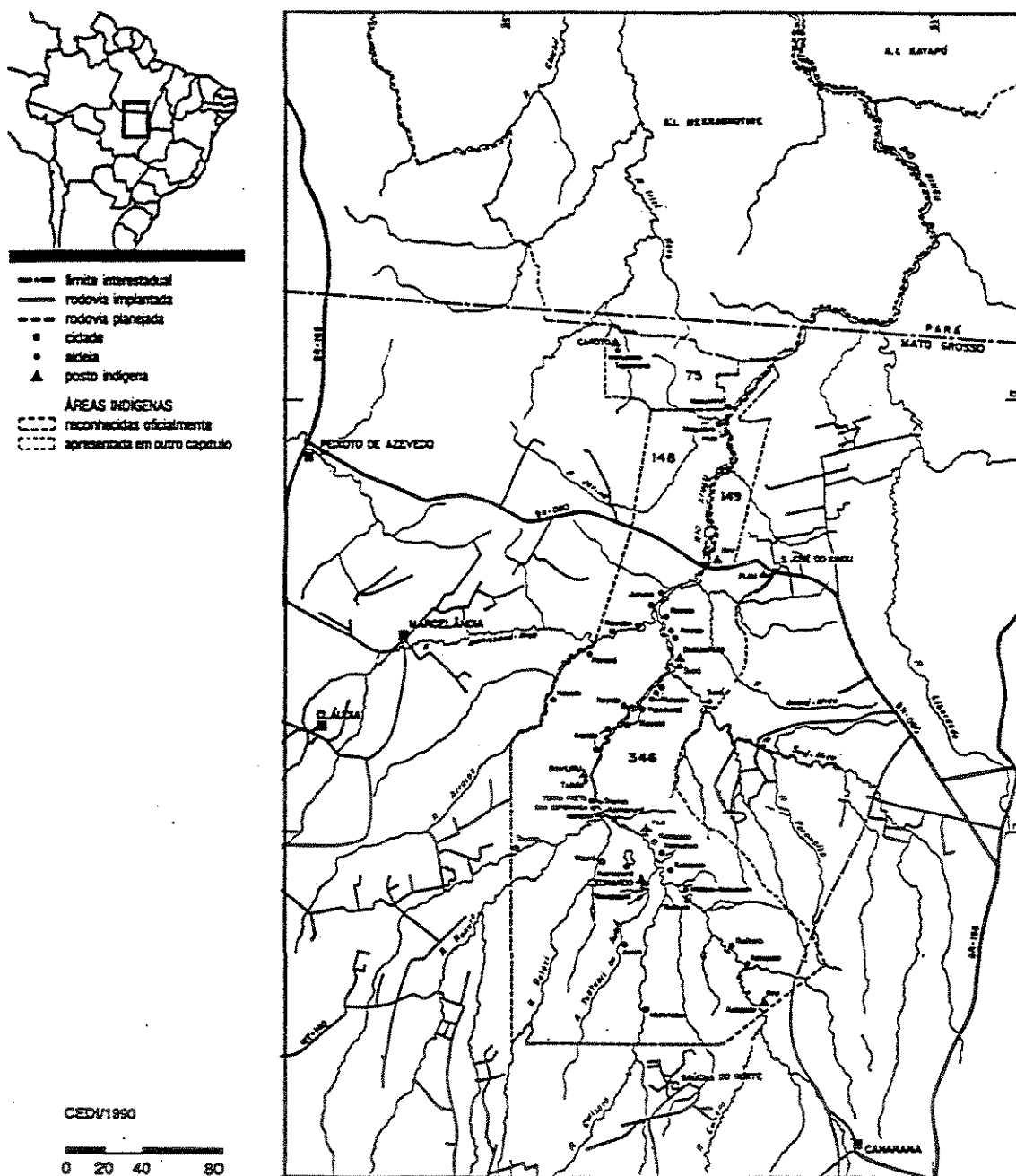
B. Carib do Alto Xingu

1. Bakairi
2. Nahukwa

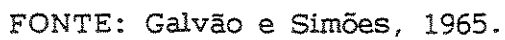
C. Carib do Sul da Guiana (principalmente ao Sul da Venezuela e Brasil)

1. Ye'cuana (Venezuela)
2. Wayumara - Azumara (Venezuela)
3. Parukoto
4. Hixkaryana
5. Warikyana

# PARQUE INDÍGENA DO XINGU: DÉCADA DE NOVENTA-SÉC. XX



## 90





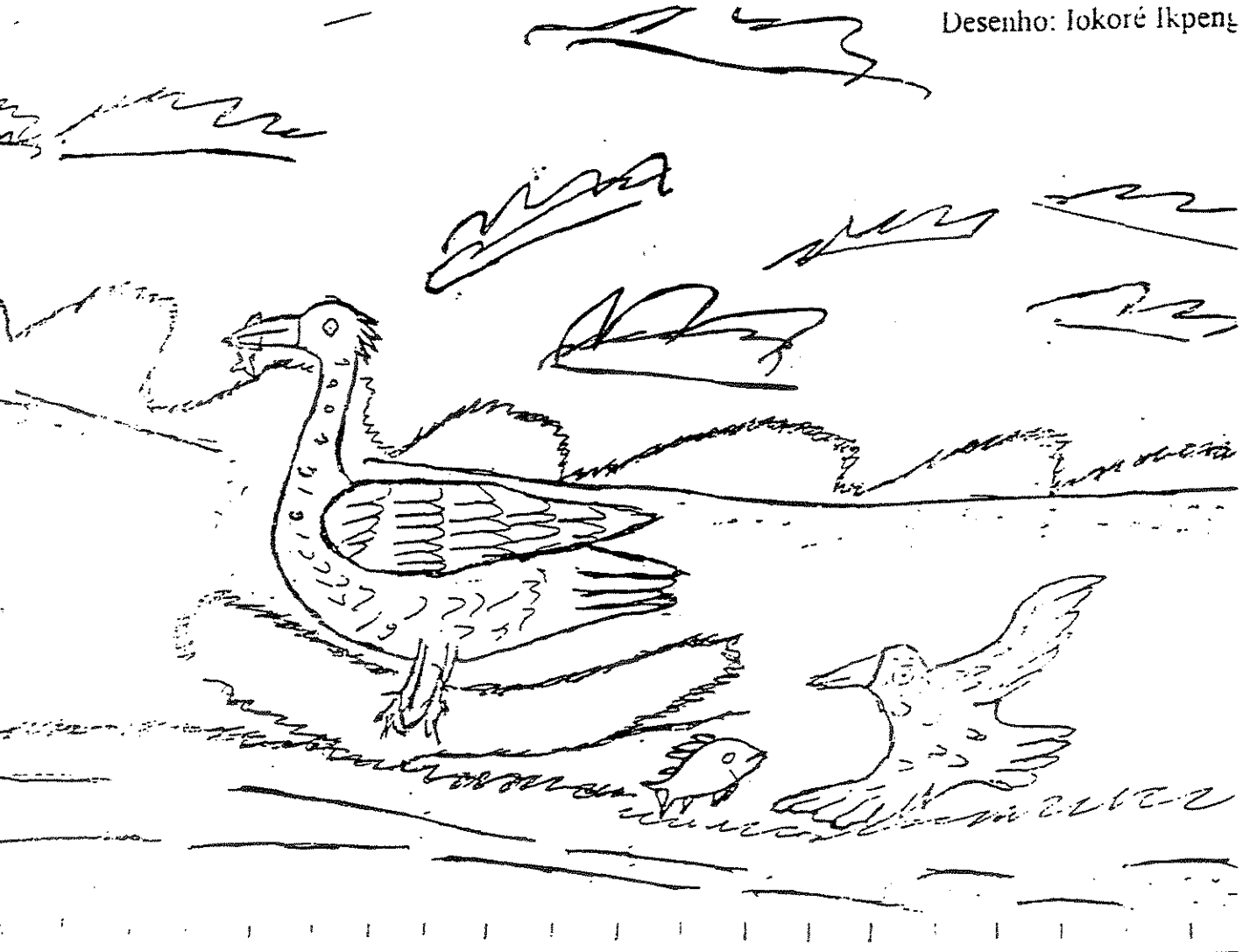
# Textos Ikpeng

Wayuh-keni aynkulĩ fim-tagpi galon. Kot<sup>tagpi</sup>ket-poto yenenli, tarik  
aykulan galon.

Socó pegou a comida na minha frente, quando estava pescando, ela  
comeu peixinho.

Iokoré

Desenho: Iokoré Ikpeng



② Ìmano erangĩtkelĩ ogoy umno. aranmetkelĩ ìmano ogoy umno. Yaginum-lan ìmano.

Meu irmão ficou com medo da cobra. Ele correu de medo e chorou.

Iokoré

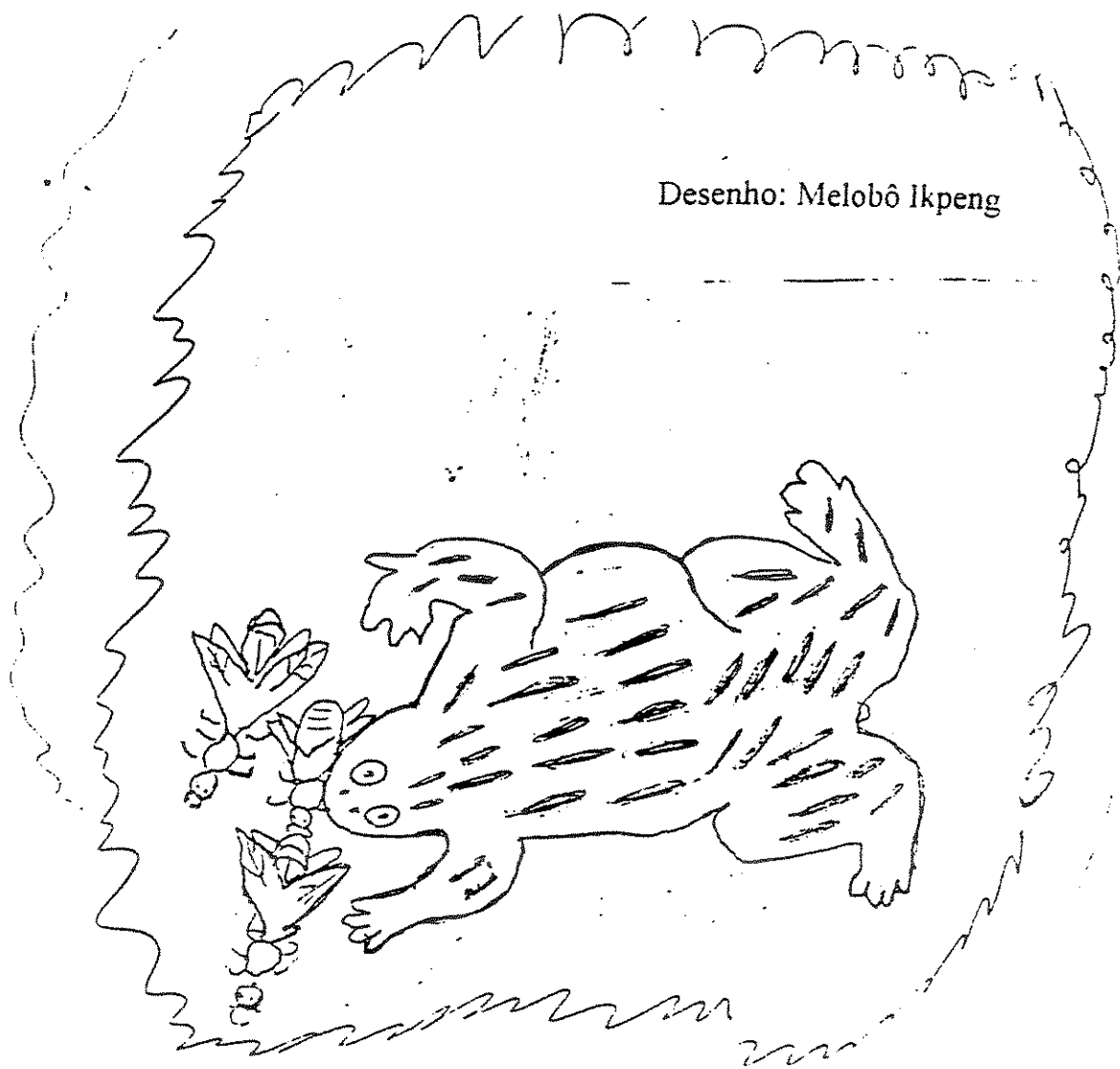


Desenho: Melobô Ikpeng

) Purot agulĩ yaran. Ketpotke imomant fílupule. Yaran  
ugwon-píntpe.

O sapo comeu a saúva. Ele ficou barrigudo depois que  
comeu saúva.

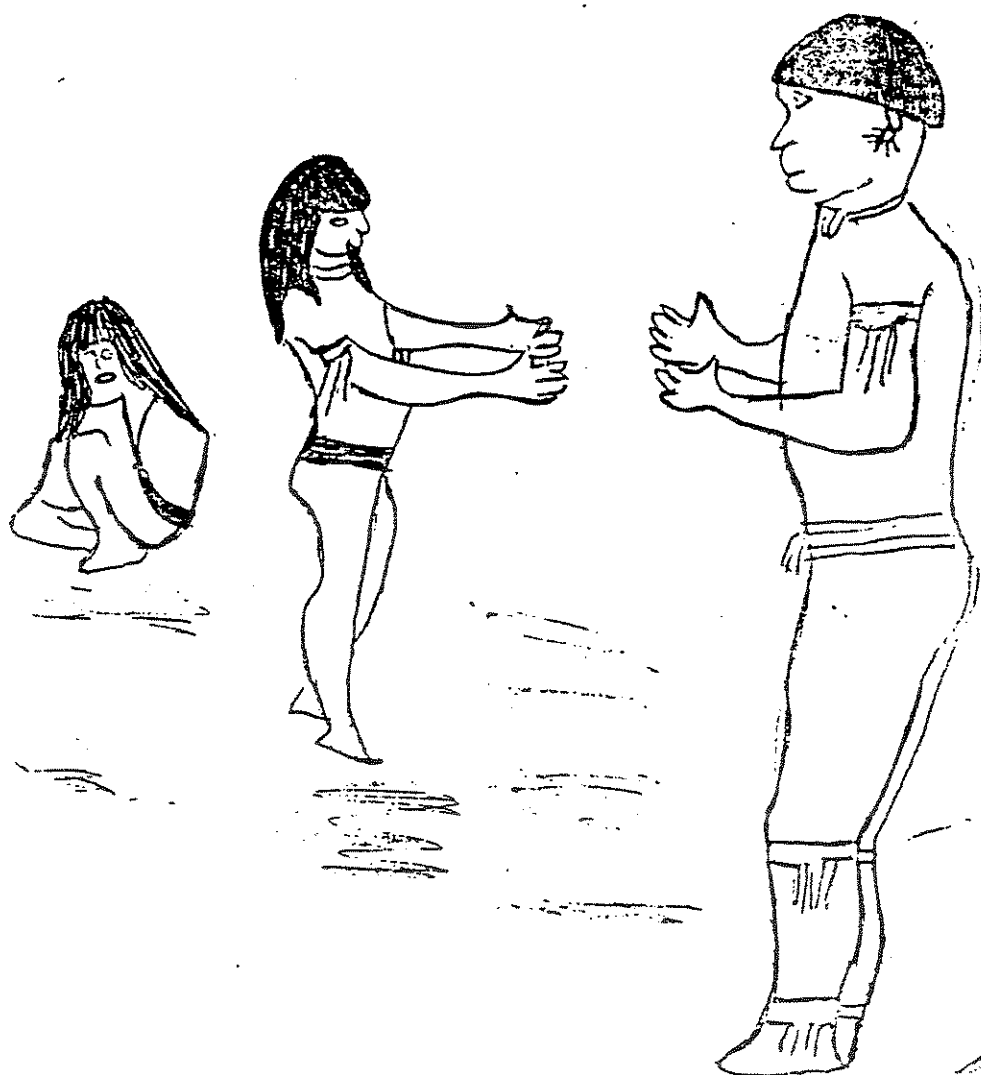
Desenho: Melobô Ikpeng



- ④ Īroyñĩ ĩroye keni-ninkũnt orengutke ĩngo. Ketpotke tsimna yaginum-lan.

Meu pai e minha mãe brigaram. Nós choramos de medo deles.

Maiua Ikpeng



Desenho: Maiua Ikpeng

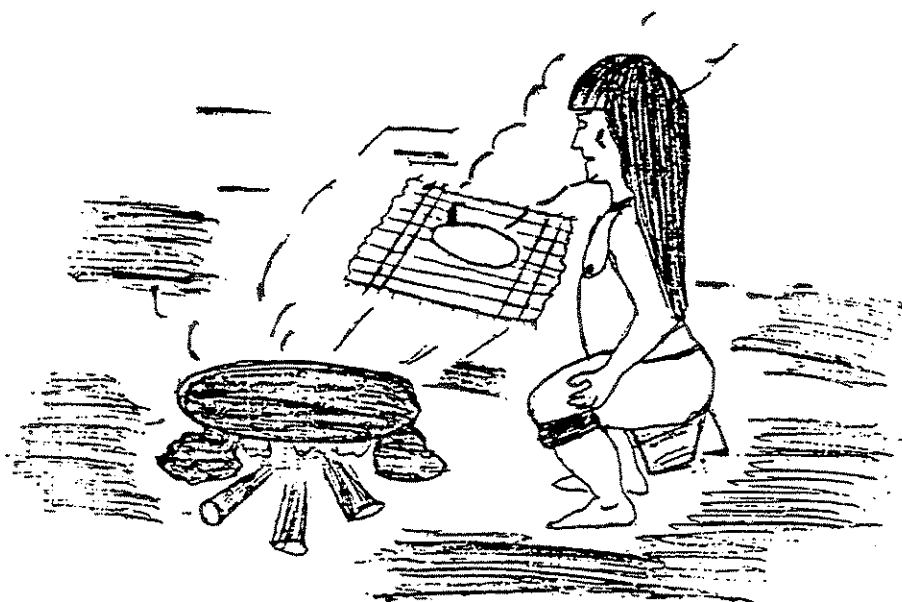
5 Kĩrĩp nole tengetkelan ĩroye tariwe uot erapĩ. Kĩrĩ-  
nole otsiketpotke iromĩ: uot yukutket, tuotkelan ĩroimi:  
polepa, yorogĩ, ketpotke tegentkelan ĩroye tariwe  
polepa, yorogĩ kenē erapĩ.

Areplan ĩroimĩ uot erempe ketpotke tsim-na  
emoitkelan.

### Iokoré Ikpeng

Bem cedo a minha mãe fez beiju para comer com  
peixe. Cedo meu pai foi pescar. Meu pai flechou: pacu,  
matrinchã. Por isso a minha mãe fez beiju para comer  
com pacu e matrinchã.

Meu pai veio trazer peixes. Por isso ficamos  
satisfeitos.



- ⑥ Inarut amitkeli ampirak engru wok eptsin-pok. Ketpotke yaginum-lan.

O mosquito picou a minha irmã, no olho e na perna, Por isso ela estava chorando.

Maiua Ikpeng



Desenho: Maiua Ikpeng

7

Kĩrĩpnole otsikelĩ ĩmanõ uot iukutket. ĩmano aykulĩ itĩn uot: kotsi, polepa, karoik, egenko man ainkulĩ ĩmano.

Bem cedo meu irmão saiu para pescar. Meu irmão pegou muitos peixes: piau, pacu, piaba e peixe sabão, isso que meu irmão pegou.



DESENHO  
DO  
MANAGU

Desenho: Managu

Takfuru Ikpeng otsikelĩ kĩrĩp nole torenpaget keramo uminá.

Ainkulĩ itĩng wot: tselupi, tĩmotsipatkem rorú, yorogrĩ amero, egpak.

A replãn totsikerem-towop kongánhe.

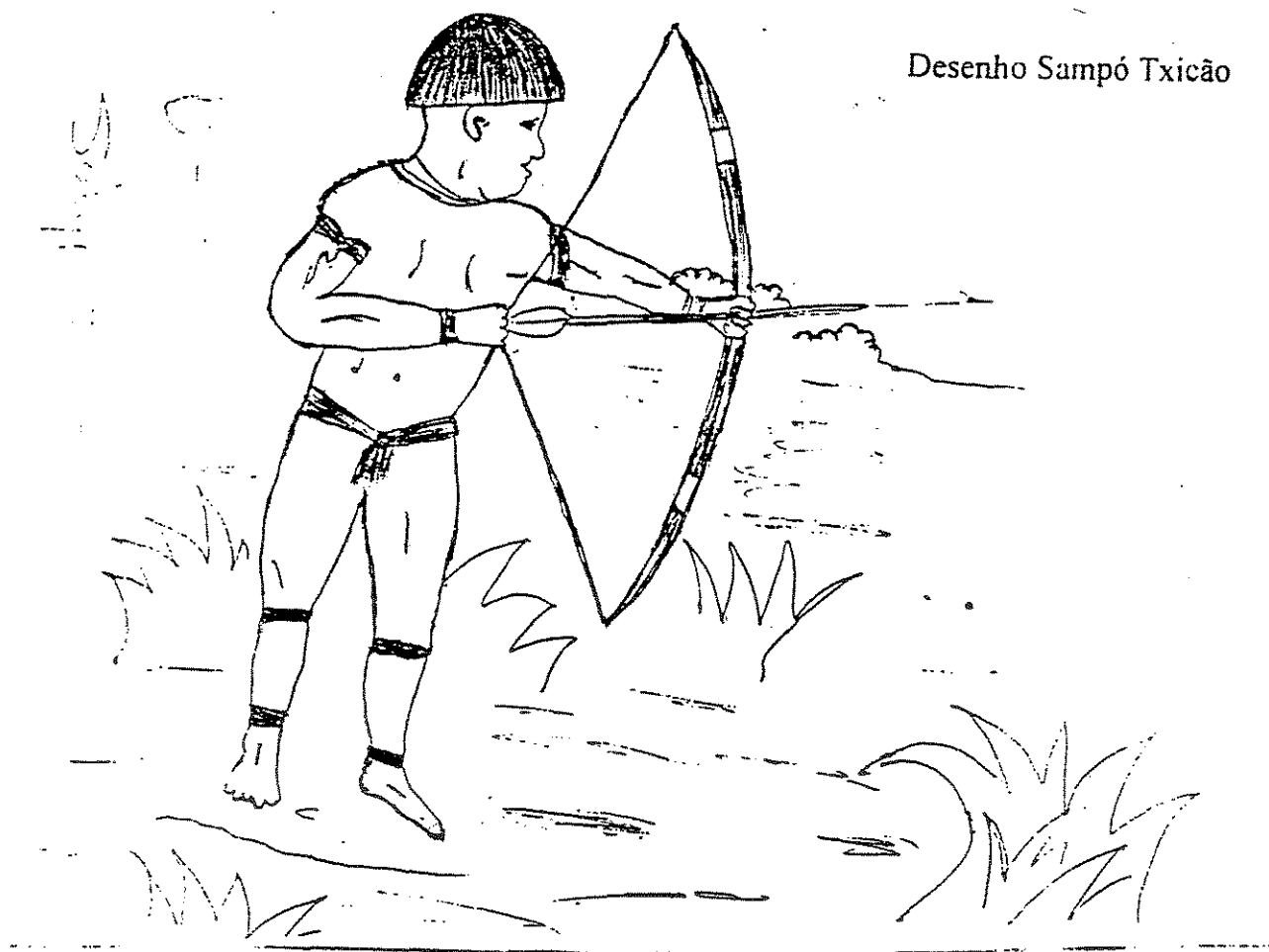
Torempã getkeramo emoitkelĩmaman totsikeremp-towo itĩnãynkut patke wot.

Porian arimtonget kenĩ anomet kenĩ erotan anunte,  
aneplan porian arimtô getketpot paraktsi arimtômlan:  
tselupi,iorogrũ, egpak.

Orewĩnpĩgetpĩn etneplān kirĩpnole arintomlan  
ewĩnpin.

### Napikĩ Ikpeng

Desenho Sampó Txicão



Takfuru Ikpeng foi pescar cedo para comida dos  
estudantes. Ele pegou muitos peixes: pintado, pirarara,  
jaú, matrinhã, tracajá e tucunaré.

Ele veio da pescaria à tarde.

Os estudantes gostaram do pescador porque ele  
pegou muitos peixes.

O auxiliar do cozinheiro foi pegar os peixes. Ele



O cozinheiro cozinhou pintado, matrinhã e  
tucunaré. Foi isso o que ele cozinhou. O resto amanheceu  
e depois ele cozinhou o resto na manhã.

9

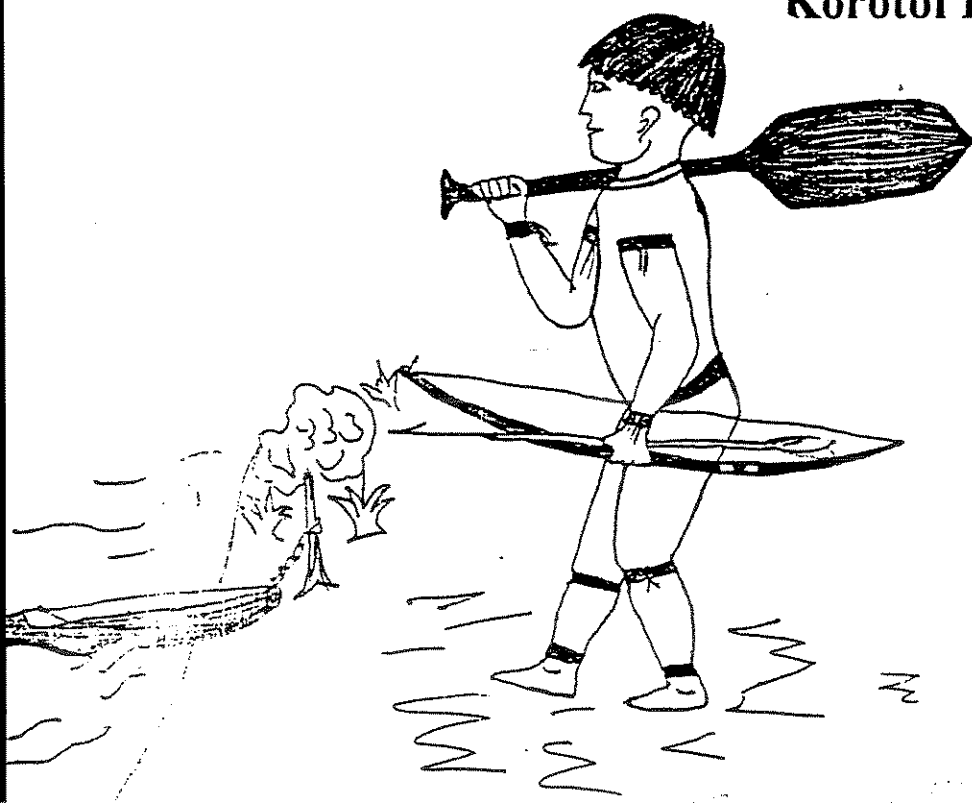
Kongonhe tutkan iroimi tae.

Emoytkamat iroie tae, iroimi nuotketpin.

Ontem meu pai matou dois macacos.

A minha mãe ficou contente por causa dos macacos que  
meu pai matou.

Korotoi Ikpeng



## TEXTOS IKPENG PRODUZIDOS NO TERCEIRO CURSO

### Diálogos:

1 - Maiua iranan Aigure:

\_ Otĩmĩna omro?

Aigure ainkunan imtan:

\_ Kotxikenan.

Iranan nole:

\_ Onok pak?

Ainkuna nole:

\_ İroimi waktxipna.

2 - Korotowĩ iranang İokore

\_ Onok ina mĩtxili oeli mimo tigerem?

İokore:

\_ Gemtxin ina yetante geli mimu tigerem.

\_ Ari ewetpinpe metxili?

\_ İwone yetante exepin pinpe.

3 - Korotowĩ iranang İokore:

\_ Arato omro owowanke?

\_ Wegutketpotkeuro iwowanke.

\_ Ariwo wok tukungutke?

\_ Timotxipatkem momtxi wok

### Textos:

4 - NUNO

Atxatkuringkeli nuno.

İwari otxikeli nuno amye.

Nuno amye aingkuli itĩm wot iroyĩmĩ

Nuno egarunpip, enengap ga gwam.

5 - ARAYNGMO

Atxatorut egaktet arayngmo.

Ga elanpok, enapiatkenan Korokoro arayngmo.

Korokoro enapna arayngmo.

Korokoro aynkunan tĩmtagri.

## 6 - TXIMNA AWUMTOWOMPIT OWRO TAMTE.

Tximna erwan novembro wok owro tamte, tukto utom man romuro tximna.

Txim na awuntam mat netologon notpop kiritmole.

Arak muy tximna atan, kalo nakī tariwe wotxi ewrip, kalo nakimam maranguingo ewrip man tximna ontkwan map.

Aranankote iput tximna erwan Ronuro antetkepot txina. Tximna omontan mam Ronuro guaktxi.

Tumok engonyareret tximna eroret antkakamma Steinen antetketpotxina.

Tūk txitxi, tximna awemkam mat ugoymom tximna etxit, querut tximna yattomget kan man toret.

Querut tximna otxikan man tumi ankut ket uro, yaupa, arinka, amputxa keninikīnpe.

Tximna aikwan ma: pone, egepak, txelupi, yakirik.

Ketkenemtamp erwantoman Ataki, Komoru keni tariwe motxi antmet tximna en mam rurutaktxi.

Arimtolam mam inarut wot, tximna otximta ruketkan man, puut paktut an kantomam tariwe motxi aninpuntpe.

Ning mumto atxatwan mam, rutaktxi igiakpan man.

Ewowarampa mumtamam tximna aumtanman.

Tarixe wotxi ro etneptan man tximna eganoptan man tariwe wotxi tomtaktxi ti muy paraktxi.

Awiam iwam tximna muy, an ma rurutamp yiriktan man tximna muy.

Tximna atpakamaman ti muy ekpigetket ekpigetkan man iwam tximna muy.

Kalo muy erwan man erangont tximna worit.

Tximna imomoktatoman querut orotpotamat txima na anunte.

Tximna na ketkenemtam iwaymim imi aimkut kanmat tximna umi pone, ompeng.

Aingkupwuan mam inarut atxi wot iwut kerenketit.

16:00 H. kerut paktut an komman muy tximna anumte.

Tximna atkanotam mam muy waraktxi tximna eganotankan man tinapli.

Anumkwan man iwam tximna erwitpim irwaktxi erolim no.

Tximna exiangiret tukto atxatwan man Querut kum igiakipianmot.

Tumo item txitxi yay ganaptan tximna ontkurent ankam man tukto waraktxi, owro etkat txina.

Duraretli, duratli tximna an kan mam, txim na anunkutkaman, tinapli, timtagri, tximna atyaptomget kanan, imatomtoman atxi, tanp tantoman mima.

Ning mumto atxarwan man anole, emeptompia muntoman igiapaman.

Kirit nole tximna anunkwom man tariwe wotxi tukto waraktxi.

Ogota etkawan man tariwe wotxi egwan, egwan angetpot etxopot, tximna etontan onpat tukto, arak tinkit.

Munpok erwantoman owro etkat enenget ket.

Yumtotuwokne tximna erwan

Owro etkat awemket, ompan aratmirut yay miri kolongonpe txim ma erwan man enguali ankote, munt ke tikawok nole txim na enkwan wot alkaman enguali, anpot, yewru, ewri emigorinketpot, wontak man tximna awiom man yorotxigaptowage.

Yorotxigam muy, ampont poknom nam tximna nakin.

Ompan tximna yorotxigptut tximna arawaman tamtowage, laktxi arantam man owro egak ke tompom.

Otxetkatpi pe nole tximna imot kom man.

Tximna otximtotoman tan kaming twot ket tae, towruugo, tapaya, yakwa, tigato e woktxi man tximna twomkatamtkaming.

Arak tinkit tximna twam tan ka muy.

Emeptut tximna awuntom mam mole, totxitaktxing tximna aretan mam txina nogout.

Owro tximna mantu munt otxit epotoworo.

Tupi omomlimo txima etxit epotowo waratxi.

Atxagotpot awantowage Tupi tximna ewram owro tompite.

Tempanom nuo pe etxi muntologot tupi enengetkemi muntologon otxit etpotan woro.

Akerek karamate Ronuro guak ko.

Yemiyatina empatowoge nemto, karana ma.

## 7 - EKIRI

Ekiri ruman eroang timamin ina, yuwyang man tuwin:

\_Iwin mun eto.

Ankangman. Ririri yuwitkangman. Patxang orotpotangman owro waktxi:

\_Mengne payn iwin?

ankangman timuye na. Yaptagwam txutkerem man item yuwin.

\_Otumunto mun eto iwin otumunto.

\_Nento, nento yengli iwin.

Ankangman imun:

\_Pupa muntu nun waptagwam keni owin?

\_Nentan nen iwin.

Timo arawirem, andangman, imun, emixin, emuye keni ninkin  
emnoptowo ge.

\_Kikiki.

Ankangtom man.

8 - Iroimi ukpyam muyam iin porean tariwe, anat, itopu mon megu,  
ketpotke ugunman iroimi igene.

9 - Egak kilu warap etakeli imano kara murangmo.

Ketpotke emoxtkeli iroye kara murangmo.

10 - PATXI TERENCE INAT WOT

Terenkeni tsimna timtxi inat ke.

Tximna engrumet ifing wot: poma, yepkwiwili, powotxi.

Engrurut, ainkuri man petkomtowo patxige.

Ketpotke nem mant karake patxitximnana

11 - MEKO

Nen parap anep tatkelingmo Ikpeng ninkin tariwe.

Imenelogom aneptatkenangmo man mayaku wara tariwe.

12 - TAE MOTOE UGWOP

kiripnole kotxikangte inpontangte tae motoe ugwop.

Ketpoto genentangtom man timongmo iwegengetkemkom.

Uro karanmerem igangtan igaktapengne. Yapawgepa angtan.

Inuotkangtan arak ewari winpe man. Kareptangtan, gewri waraktxi.

Genengtang man imanopyam

Timongmo gemkeremkon an kangtom man gankanin pok.

13 - WOT MOTOPA WARAP

Nen paraktxi tximna ayngkut wot.

Wot tximna timtup.

Iting tximna ayngkurup tximna eganoptxan patxi waraktxi. Kerup  
tximna amnoptxan.

## 14 - TIMORIAKPONTEM

Tukto angko toworo yenentangte, wago timoriakpontemtowo. Tirompo  
 angkotoworo. Gakgwimamtangte. Igetpotke:

\_ Karapyanap ari gage!

\_ Igangtan lokore na:

\_ Arakpyagã, mamareptxan.

\_ Kotxikangtan, totu, pwak. Komomtangtan irwaktxi, yenentangtan  
 imingru.

\_ Onok mingru omro eto?

Riririk, yenentangtan, wago gankan pimtxiing tong palakpalakpalak  
 imingru tong kerup.

\_ Wilo agu eto ukte?

\_ Tu yengukangtan:

\_ "Emoryakpong kutone?"

Rikigangtan kuruptaktxi, yenentangtan ye, yay elektam, tereng, moreng  
 tereminpok kerup.

\_ Wã omro ran omoryakpong!

Karantangtan ga gwaktxi, karakpyangtan gage. Korotpotangtan, tximna  
 etxitaktxi.

Ta karantangtan tximna etxitaktxi:

\_ Ari, ningkini wago lon emoryakponeli. Ari ningkini:

\_ Otumunto?

Ankang man nawaki.

\_ Anna etpap.

\_ Manta kurenentan ari!

Ankang man Melobo:

\_ Kongonye kurenentan.

Tximna amnu mangman, tximna areptang man, tximna enengetkepra  
 nole. Owro warap, yengukangtan.

\_ Yenempowa nole wago, iwari na gato karep.

Txang tximna orotpotang man. Kalo enmeptup.

\_ Kurentan ari wago?

\_ Omro motxiran, kurentan migerup kurenentan.

\_ Makurenenta txanole.

\_ Atega!

Tximna eroang man enen, rik igangtan purik tong palak ogepyugo  
 iwok.

\_ Oren, Oren menen na!

\_ Iwowanarenopli. Ari, tenpanop kurep txiwogemni ari.

229

\_ Alo weganopli?  
\_ Alo kinoptangte.  
\_ Maga, txitxi kuramne irip.  
\_ Atega, eram omro, ukwapoylumtowo.  
Akerek yenentangtan wago timoryakpontem.

15 - OWRO

Owro wok wam iroimi imano keni.  
Imene keni tamnanmo tximna ewri.  
Egak ke tamnanmo owro;  
Tximna waymin eroli egak ina  
Munole tamnanmo owro.  
Egak ke tamtxi lkpeng owro.